This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 858,795

PROPERTY OF
University of
Michigan
Libraries
1817
RTES SCIENTIA VE

PROPERTY OF
University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

CONTOS POPULARES PORTUGUEZES

RECOLHIDOS DA TRADIÇÃO ORAL

E COORDENADOS

POR

A. Thomaz Pires

VOLUME I

ELVAS
TYPOGRAPHIA PROGRESSO
8 — Rua Pereira de Miranda — 8
1902

8
1Ca

49.21.109

CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

(Volume I)

Ao publicar, em volumes, a secção lyrica dos numerosos materiaes encontrados nas profundas excavações, que effectuei durante quinze annos no campo da tradição oral portugueza, devo mui simplesmente declarar:

1.º — Que nem um só dos **dez mil cantos** de que se compõe a presente collecção deixou de ser recolhido da bocca do povo, por mim ou pela obsequiosa intervenção de amigos meus — aos quaes deixo n'este logar consignado o mais vivo reconhecimento pela efficacia do seu concurso;

2.º — Que se alguns cantos aqui ha de origem reconhecidamente litteraria, é porque o povo os colheo ás mãos e os marcou com o seu cunho, fazendo-os depois correr como moeda propria; e

3.º — Que unicamente com o intuito de ser util a quem pacientemente se entrega aos ingratos estudos do *Folk-lore,* é que me abalancei ao arduo trabalho da coordenação d'estes dez mil cantos.

NO DA COORDENAÇÃO

I

O SOBRENATURAL

1) Religião christã

a) Deus.
b) Jesus Christo e a Virgem Maria.
c) Seraphins, archanjos e anjos.
d) Santos.
e) Sentimentos religiosos.
f) Diabo.

2) Vestigios de algumas ...nças pré-christãs não fundidas no christianismo

a) Sereia.
b) Feiticeiras.
c) Figas
d) Superstições varias.

II

A NATUREZA

a) Os astros.
b) Fogo, luz e sombra.
c) A atmosphera.
d) A agua.
e) A terra.
f) As pedras.
g) Os metaes.
h) Os vegetaes.
i) Os animaes.

III

O HOMEM E A SOCIEDADE

a) Cantigas do berço.
b) Carinhos e penas filiaes.
c) A amizade.
d) Cantigas amorosas:
1) Anhelos, requebros lisonjas.
2) Gracejos.
3) Constancia.
4) Ciumes, tribulações desenganos.
5) Penas e sentimentos.

6) Arrufos, queixas e desavenças.
7) Imprecações, desdens e motejos.
8) Reconciliação.
9) Despedida, ausencia e saudade.
10) Conselhos amatorios.

e) Seducção e perdição da mulher.
f) Casamento.
g) Festa e baile.
h) Cantigas profissionaes:

1) Agricultura.
2) Artes e officios.
3) Burocracia.
4) Clero.
5) Commercio.
6) Estudantes.
7) Exercito e marinha.
8) Industria.
9) Maltezes e contrabandistas.
10) Serviçaes.

i) Cantigas jocosas e satyricas.
j) Cantigas sentenciosas e moraes.
k) Cantigas historicas e politicas.
l) Cantigas geographicas.
m) Doença e morte.

IV

VARIA

1) Conceito popular de C
pido.
2) Conceito popular de S
lomão.
3) Conceito popular d
côres.
4) Cantigas numerativas
5) Modas e modinhas.

N. B.=As iniciaes, entre parenthesis, ao so
dos cantos, indicam as provincias do continente
reino em que elles foram recolhidos.

CANTOS POPULARES PORTUGUEZES

I

O Sobrenatural

1) Religião christã

a) Deus

1 Na hora de Deus começo,
Na hora de Deus, amen,
Quem na hora de Deus começa
Sempre lhe succede bem.

(A.)

2 Não sei que cantiga cante,
Que a Deus do céo mais agrade,
Cantarei versos divinos
A' Santissima Trindade.

(A.)

3 Quando Deus formou Adão
De um boccado de barro,
Nem as terras davam pão,
Nem o mar era sagrado.

(ALG.)

4 O amar e querer bem
E' da escriptura sagrada,
Quem ama a Deus como deve
Tem a salvação ganhada..

(M)

5 Deitei-me e adormeci
Sobre a fonte crystallina,
Lembrei-me de estar gosando
A graça de Deus divina.

(T. M)

6 O' meu amor não descreias,
Do que Deus tem p'ra fazer;
O que tiver de ser teu,
A's mãos te ha-de vir a ter.

(A.)

7 Ninguem faça mangação
Das coisas que Deus ordena,
Pode a roda desandar,
E ir cahir nas mesmas scenas.

(A.)

8 Se as saudades matassem
Tambem eu tinha morrido,
Mas as saudades não matam,
Morre quem Deus é servido.

(A

9 Bem podera quem tem muito
Repartir com quem não tem,
Que Deus lá na outra vida
Paga tudo a quem faz bem.

10 De que serve, meu amor,
Tanta zanga n'este mundo,
Pois se Deus não quer vingança,
Vem a morte acaba tudo.

(A.)

11 Dizem que a morte é má,
A morte que culpa tem?
A morte sem Deus mandar
Não vem cá buscar ninguem.

(D.)

12 Se ouvires dizer que morri
Roga por minha alma a Deus,
Que eu tambem rogo por ti,
Se Deus cuvir rogos meus.

(D.)

13 Devo a minha vida á morte,
Alma a Deus, que me creou,
O meu corpo á terra forte,
Ai, Jesus! que nada sou!

(A.)

14 Bem podera Deus dar pão,
Na terra sem ser lavrada;
Bem podera, ainda o digo,
Dar muito a quem não tem nada.

(A.)

15 Eu adoro a Deus do céo,
E a sua divina c'rôa;
O meu cantar e o meu rir
Não *me tira de ser* bôa.

(D.)

16 Tu vens-me pedir perdão
Por te ver's bem abrazado,
Deus do céo que te perdôe,
Que de mim 'stás perdoado.

(D.)

17 Eu sou mais velha que Deus,
Mais velha que Deus sou,
Sou mais velha no peccar,
Porque Deus nunca peccou.

(A.)

18 Por te amar perdi Deus,
Por teu amor me perdi,
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem amor, sem ti.

(D.)

19 Por eu te amar deixei Deus,
Vê lá que gloria perdi!
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem gloria, sem ti.

(A.)

20 Eu por amar deixei Deus,
Ai Jesus! que me perdi!
P'ra agora me vêr no mundo
Sem Deus, sem amor, sem ti.

(A.)

21 Por te amar perdi a Deus,
Não pensei no que fazia;
Agora perdi-te a ti,
E já não tenho alegria.

(A.)

22 Já lá vae minha valia,
Já lá vão valores meus,
Por a minha alma ser tua,
Voltei as costas a Deus.

(A.)

23 O' meu amor, hoje em dia,
Quem mais faz menos merece;
E' a terra quem nos cria,
Só Deus é quem nos conhece.

(A.)

24 Quitar-me que eu te não veja
Isso podem-n'o fazer,
Quitar-me que em ti não pense
Só Deus tem esse poder.

(A.)

25 Se eu te não amo deveras,
Deus do céo me não escute,
Estrellas não m'alumiem,
A terra me não sepulte.

(A.)

26 Eu hei de ir ao céo em vida
Pedir ao Senhor por ti,
Por teu pae e tua mãe,
Que te crearam p'ra mim.

(M.)

27 Justiça de Deus te cáia,
Do céo te venha o castigo;
Pois se tens novos amores
Para que falas comigo?

(D.)

28 Justiça de Deus te cáia,
D'elle te venha o castigo,
Os anjos p'r'ó ceu me levem,
Se não casares co migo.

(A.)

29 Justiça do céo te cáia,
No mundo sejas vingado,
Permitta o céo que te eu veja,
No mundo bem castigado.

(A.)

30 Fazes de mim mau conceito
P'lo teu modo de conversa,
Se eu faltar ao que prometto
Deus do céo de mim se esqueça.

(A)

31 Antes que eu faça oração
Todos os dias a Deus,
Nunca deixarei de amar
O coração de Matheus.

(A.)

32 Meu amor, em Deus querendo,
Tua vontade farei,
Sou firme, não me arrependo,
Da palavra que te dei.

(A.)

33 Impossivel, sem ser Deus,
Haver quem de ti me aparte;
Eu não quero nada do mundo,
Só vivo para adorar-te.

(A.)

34 O' meu amor pede a Deus,
Pois eu peço ás almas santas,
Que nos ajuntemos ambos,
Já que as invejas são tantas.

(A.)

35 Todos os quatro elementos
Se conspiram contra mim;
Se te fôr falsa algum dia,
De Deus não tenha bom fim.

(A.)

36 O' meu amor, meu amor,
Quando me has de tu esquecer?
Quando Deus me não dér vida,
Nem olhos para te vêr.

(A.)

37 Altos céos, claras nuvens,
O Senhor me esteja ouvindo;
Amores que já foram meus
Quem os estará possuindo!

(A.)

38 Esta noite sonhei eu
Que me morria o meu bem;
Sonhando pedi a Deus
Que me levasse tambem.

(A.)

39 O meu coração do teu
E' mui ruim d'apartar,
E' como a alma do corpo
Quando Deus a quer levar.

(D.)

40 O' meu alto delgadinho,
Cá da minha estimação;
Lá os homens pequeninos
Nem p'ra verem a Deus são.

(A)

41 No meio da rua d'reita
Nasceram dois acyprestes:
Lá darás contas a Deus
Da paga que tu me deste.

(A)

42 O' meu amor da minha alma,
Prenda do meu coração;
Tudo n'este mundo acaba,
Só a graça de Deus não.

(A.)

43 Já lá vae o meu bom tempo,
O meu bom rir, meu zombar;
Agora faço cilicio,
Para Deus me perdoar.

(A.)

44 Amada de Deus amada,
Querida de Deus querida;
Mais vale o ser desejada,
Do que ser aborrecida.

(A.)

45 Q'rido filho, porque choras,
Por tua mãe ser errante?
Se teu pae te desprezar
O Deus do céo é bastante.

(D.)

46 O' meu Deus, dae-me juizo.
E dae-me força e valor,
Que não posso resistir
Contra a força d'este amor.

(A.)

47 Ou andar ou desandar,
Ou te tiras do caminho,
Quem vae para amar a Deus
Não vae tão devagarinho.

(D.)

48 Amor com amor se paga,
Porque não pagas, amor?
Olha que Deus não perdôa
A quem é mau pagador.

(A.)

49 Anda cá meu bem, se queres
Comigo fazer contracto;
Hei de amar a Deus no céo,
E na terra o teu retrato.

(A.)

50 Eu sou rei, tu és rainha,
Somos do mesmo reinado;
Eu sou tua, tu és minha,
E' por Deus determinado.

(A.)

51 O mar pediu a Deus peixes
Para dar ao pescador;
E eu peço a Deus saude
Para dar ao meu amor.

(A.)

52 O' ingrato, que eu já vi
Tua soberba perdida;
Inda espero de ver mais,
Se Deus me emprestar a vida.

(A)

53 O' alto supremo Deus,
Vós em tudo governaes;
Ardem mais do que a pimenta
As falas que vós me daes.

(D.)

54 Já hoje subi ao céo,
E já fui falar com Deus;
Já a sentença está dada
De teus olhos serem meus.

(T. M.)

55 Eu não sei que fiz a Deus,
Que Deus não me quer ouvir!
Será por amar-te tanto?
Eu de ti vou a fugir.

(A.)

56 Em te ver eu vejo a Deus,
Não sei se pécco, se não,
Trago a Deus na minha alma,
A ti no meu coração.

(D.)

57 Desceu Deus do céo á terra,
Acompanhado de um anjo;
Mal o haja quem causou
Este nosso desarranjo.

(A.)

58 Eu adoro a Deus no céo,
Os santos no seu altar,
A pae e mãe cá na terra,
Nada mais tenho a adorar.

(E.)

59 Eu no prado colhi flores,
No mar conchas apanhei,
Do céo contei as estrellas,
A graça de Deus ganhei.

(A.)

60 Eu nunca fui invejosa,
Dos amores que outrem tem;
Faça-me Deus fortunosa,
Sobre tempo, tempo vem.

(A.)

61 Eu subi ao altar-mór,
Accender 'ma vela a Deus;
Muito tolo é quem se mata,
Por amor's que não são seus.

(A.)

62 Eu suspiro e eu padeço,
Mal de amores não tem cura,
Já que mais nada mereço
Dae-me Deus a sepultura.

(ALG.)

63 Tenho estado degradado,
Já cumpri o meu degredo;
Já Deus me chegou a tempo
De passear sem ter medo.

(A.)

64 Para que és tu no mundo,
Engracia, tão absoluta?
Lembra-te que Deus não dorme,
Que castiga e não permuta.

(A.)

65 Ainda hoje não comi
Coisa que o Senhor creasse,
Já hoje vi o meu amor,
Fiquei melhor que jantasse.

(A.)

66 Murmura, murmurador,
Murmura bem á vontade,
No céo 'stá um julgador,
Que julga toda a maldade.

(A.)

67 Tirae os olhos aos homens
Levae-os ao Padre Eterno,
Que os olhos dos homens servem
Para castiçaes do inferno.

(ALG.)

68 Dizia meu avô torto,
Que ao menino e ao borracho,
Não acontecia p'rigo,
Põe-lhes Deus a mão debaixo.

(A)

69 Passarinho, que cantaes
N'esse raminho de flôres,
Ao romper da bella aurora
'Stás rendendo a Deus louvores.

(A.)

70 Despedida, despedida,
Eu inda me não despeço;
Padre, Filho, Esp'rito Santo
Eu inda agora começo.

(A.)

b) Jesus Christo e a Virgem Maria

(Natal)

71 A Senhora e S. José
Caminham para Belem,
Para nascer no presepe
O Deus m'nino, nosso bem.

(A.)

72 A' meia noite em ponto
Do dia de Natal,
Ha-de nascer Deus m'nino
Quando o gallo cantar.

(A.)

73 Esta noite é noite cheia,
Não é noite de dormir,
Das onze p'rá meia noite
'Stá a Virgem p'ra parir.

(A.)

74 Eu hei-de ir para o presepe,
Assentar-me a um cantinho,
Só p'ra vêr o Deus m'nino
A nascer tão pobresinho.

(A.)

75 Tenho para offerecer
Ao bom Jesus, Deus m'nino,
Na noite do nascimento,
Um mansinho cordeirinho.

(A)

76 Eu hei de dar ao menino
Do meu rebanho um borr'guinho,
Mas tambem elle ha de ser
Da minha alma o pastorinho.

(A)

77 Eu hei-de dar ao menino
Para a noite de Natal,
Camisinha de cambraia,
Botõesinhos de crystal.

(A.)

78 Ouçam, senhores, escutem,
E' 'ma nova d'alegria,
Já nasceu o rei da gloria,
Filho da Virgem Maria.

(A.)

79 O menino está nascido
Lá dentro da lapa fria,
S. João o agasalha
Com o manto de Maria.

(A.)

80 Do tronco nasceu a rama,
Da rama nasce a *felor*,
Da *felor* nasceu Maria,
De Maria o Redemptor.

(A).

81 Da palmeira nasce a palma.
Da palma nasce a *felor;*
Da *felor* nasceu a Virgem,
Da Virgem o Redemptor.

(A.)

82 Tres palavras disse a Virgem,
Quando nasceu o menino:
Vinde cá meu bago d'oiro,
Meu Sacramento divino.

(A.)

83 Juntaram-se os tres reis magos,
Todos tres em romaria,
Para adorar o Deus m'nino,
Filho da Virgem Maria.

(A.)

84 Caminham os tres reis magos,
Da parte do Oriente,
Para adorar o Deus m'nino,
Deus e Pae Omnipotente.

(A.)

85 Já lá vem do Oriente
Os reis magos p'ra adorar
A Deus Filho Omnipotente
Com mysterio singular.

(A.)

86 Já lá vêm os tres reis magos,
Das bandas do Oriente,
Para adorar o Deus menino,
Jesus, Deus Omnipotente.

(A.)

87 Ahi vêm os tres reis magos,
E todos tres a chorar,
A procurar o Deus m'nino,
Não *no* podem encontrar.

(A.

88 Caminham os tres reis magos
Para Belem, em silencio,
A off'recer a Deus m'nino
Mirra, ouro e incenso.

(A.

89 Ao presepe de Belem
Os tres reis magos lá vão,
Guiados por uma estrella,
Com a fé no coração.

(A.)

90 Guiados por uma estrella
A B'lem os tres magos vão,
A adorarem no presepe
O primo de S. João.

(A)

91 Por uma estrella guiados
Os reis magos caminharam,
E ao presepe chegados
O Deus menino adoraram.

(A.)

92 O primo de Sant'*Zabel*,
De S. Zach'rias tambem,
Adoraram os tres reis magos,
Na lapinha de Belem.

(A.)

93 'Stá na lapa de Belem
O Deus menino deitado,
Filho da Virgem Maria,
Pelos tres reis adorado.

(A.)

94 Reclinado no presepio,
O menino Jesus chora,
Lagrimas que o céo estima,
E per'las que o mundo adora.

(A.)

95 Dirigidas a Belem,
Indo já pelo caminho,
Caminham as tres Marias
A adorar o Deus menino.

(A.)

96 Caminham as tres Marias,
De noite pelo luar,
Dirigidas a Belem,
Para o Deus m'nino as salvar.

(A.)

97 Vinde vós, ó almas puras,
Vinde a Belem procurar
O nosso infante divino,
Se vós o quereis amar.

(A.)

98 O Deus menino nasceu
Na lapinha de Belem,
Vamos todos reunidos
Dar á Virge' o parabem.

(A.)

99 No presepe de Belem,
Todos sabem que assim é,
'Stá Jesus, o Deus menino,
Que é filho de S. José.

(A)

100 No presepe de Belem,
Nasceu, e com alegria,
O bom Jesus, Deus menino,
Filho da Virgem Maria.

(A)

101 No presepe de Belem
Quiz nascer o Deus menino,
No tempo de tanto frio,
Desprezado e pobresinho.

(A.)

102 Vinde já, vinde com pressa,
A' lapinha de Belem,
Vinde ver o Deus menino,
Que nasceu p'ra nosso bem.

(A.)

103 Vamos todos a Belem,
Com respeito e harmonia,
Adorar lá na lapinha
O filho da Virgem Maria.

(A.)

104 Vamos todos a Belem
Adorar o Deus menino,
Que nasceu á meia noite,
Em palhinhas deitadinho.

(A.)

105 Do mundo o Redemptor
Acaba de nascer,
Entoêmos hymnos d'amor,
Por tanto nos querer.

(A.)

106 Hymnos de ventura
Ao Deus menino entoêmos,
Pelo seu nascimento
D'alegria exaltemos.

(A.)

107 O menino já nasceu,
Os pastor's estão dormindo,
Acordae, nescios pastores,
Vinde adorar o bemvindo.

(A.)

108 Pastores, vinde a Belem,
Com alegria sem fim,
Adorar o Deus menino,
Neto de S. Joaquim.

(A.)

109 Pastores do verde prado,
Deitae o gado á verdura,
Vinde a ver o Deus menino
Nos braços da Virgem Pura.

(A.)

110 Pastores do verde prado,
Correndo, vinde a Belem,
Dar as graças ao menino,
A' Senhora o parabem.

(A.)

111 Vamos, pastor's, a Belem,
Vamos todos de caminho,
A adorar na lapinha
O bom Jesus Deus menino.

(A.)

112 Vinde, pastores, com gosto,
Vinde todos a Belem,
Visitar o Deus menino,
Que nasceu p'ra nosso bem.

(A.)

113 Vinde, pastores, com gosto,
Vinde todos a cavallo,
Visitar o Deus menino,
Nascido p'ra nosso regalo.

(A.)

114 Pastores, vinde a Belem,
Vinde a ver n'este deserto,
O Deus menino nascido,
Nas palhinhas do presepio.

(A.)

115 Vinde, pastor's a Belem,
Que já é chegada a fama,
Já nasceu o Deus menino,
Neto da Senhora Sant'Anna.

(A.)

116 Entrae, pastorinhos, entrae,
Por esse portal sagrado,
Vinde a ver a Deus menino
N'umas palhinhas deitado.

(A.)

117 Entrae, pastorinhos, entrae,
Por esse portal a dentro,
Vinde a ver a Deus menino
No seu santo nascimento.

(A.)

118 Vinde, vereis na lapinha,
Sobre palhas encostado,
Aquelle Deus das alturas,
Por nosso amor humanado.

(A.)

119 Adorando o Deus menino
Estão os pastorinhos,
Com a fé no coração,
E nas mãos os cordeirinhos.

(A.)

120 O' meu amado menino,
Que boquinha tão galante!
No ventre da Virgem Pura
Tu adoraste o infante.

(A)

121 O' meu amado menino,
Delicias d'amor perfeito,
Aqui 'stá meu coração,
Fazei d'elle o vosso leito.

(A.)

122 O' meu amado menino,
Boquinha de sangue e leite,
Vossa mãe é uma rosa,
Vosso pae um ramalhete.

(A.)

123 O' meu menino Jesus,
Boquinha de requeijão.
Quem vol-a comêra toda,
C'um bocadinho de pão.

(A.)

124 O' meu menino Jesus,
Boquinha de requeijão,
Quizera comêl-a toda,
Conforme o meu coração.

(A.)

125 O' meu menino Jesus,
Boquinha de marmelada,
Quizera comêl-a toda,
E não vos deixara nada.

(A.)

126 O' meu amado menino,
O' minha tão bella flôr,
Quizeste ser pequenino,
Sendo tão alto Senhor.

(D.)

127 O' meu amado menino
O' meu baguinho de passa,
O que vem da vossa mão
Tudo vem cheio de graça.

(A.)

128 Qualquer filho de homem pobre
Nasce n'um ceo de cortinas,
Só tu, menino Jesus,
Nasceste n'umas palhinhas.

(A.)

120 Já os filhos de homem rico
Nascem em leitos doirados,
Só o meu menino Deus
N'umas palhinhas deitado.
(A.)

130 Qualquer filho de homem pobre,
Nasce n'uma boa cama,
Só vós, menino Jesus,
Nasceste n'uma cabana.
(A.)

131 O menino está na neve,
A neve o faz tremer;
Meu menino da minh'alma,
Quem vos poderá valer,
Com sopinhas da panella,
Sem a minha mãe saber.
(A.)

132 O' meu menino Jesus,
Nascidinho com pobreza,
Tomae posse da minh'alma,
Minha unica riqueza.
(A.)

133 O' meu menino Jesus,
Meu menino da minh'alma,
Vieste nascer p'lo frio,
Podendo nascer p'la calma.
(A.)

134 O' meu menino Jesus,
Minha vida, meu amor,
Nasceste ao rigor do frio,
Podendo nascer p'lo calor.
(A.)

135 O' meu amado menino.
O' meu menino tão bello,
Quando vieste a nascer
No rigor do caramelo!

(A.)

136 N'essa lapa repousaes,
Exposto a todo o rigor
Das inclemencias do tempo,
Tudo só por nosso amor.

(A.)

137 O' meu menino Jesus
Meu menino, meu amor,
Vieste nascer ao mundo,
Sendo vós do céo Senhor.

(D.)

138 O' meu menino Jesus,
Que tanto a pobreza amaes,
Foste nascer no presepe,
E entre dois animaes.

(A.)

139 Bem podia Deus nascer
N'uma cama d'ouro fino,
Mas p'ra dar exemplo ao mundo,
Quiz nascer tão pobresinho.

(A.)

140 O' meu menino Jesus,
Minha ginja garrafal,
Sereis o meu confessor,
Farei confissão geral.

(A.)

141 O' meu menino Jesus,
Meu amor atribulado,
Vamos ambos para o céo,
Que este mundo é desgraçado.

(A.)

142 O' meu menino Jesus,
O' meu tribulado amor,
Vamos ambos para o céo,
Seja de que modo for.

(A.)

143 O' meu menino Jesus,
Neto da S'nhora Sant'Anna,
Filho da Virgem Maria,
Valei vós a quem vos ama.

(D.)

144 O' meu menino Jesus,
O' meu tão bello jasmim,
Levae-me já para vós,
Ou vós vinde para mim.

(A.)

145 Lançai-me, meu Deus menino,
A vossa benção sagrada,
E vos peço que a minha alma
Seja só vossa morada.

(A.)

146 Jesus Deus nascido,
Jesus nosso Salvador,
Jesus Deus menino,
Jesus nosso Redemptor.

(A.)

147 O' Jesus menino,
Mal agasalhado,
Tremendo com frio,
Em palhas deitado.

(A.)

148 O' Jesus menino,
Boquinha tão doce,
Olhou para mim,
Dormiu-se e ficou-se.

(A.)

149 O' S. José vem cá baixo
Accender um candieiro,
Esta noite nos nasceu
Deus e Homem verdadeiro.

(A.)

150 O meu amado menino
Tem somno e quer dormir,
Venham os anjos do céo
Ajudal-o a dormir.

(A.)

151 Cantae anjos ao menino,
Em quanto a Virgem dorme,
E cantae-lhe de mansinho,
Com que a Virgem não acorde.

(A.)

152 O menino está dormindo,
Nas palhinhas despidinho,
Os anjos lhe estão cantando:
Pobre amor, tão pobresinho.

(A.)

153 O menino está dormindo,
Nas palhinhas com pobreza,
Os anjos lhe estão cantando:
Meu amor, minha riqueza.

(A.)

154 O menino está dormindo,
Nas palhinhas sobre a neve,
Os anjos lhe estão cantando:
Ditoso de quem vos serve.

(A.)

155 O menino está nascido
Sobre palha aspera e fria,
Os anjos lhe estão cantando:
Gloria á Virgem Maria.

(A.)

156 O menino está dormindo,
No presepe de Belem,
Os anjos lhe estão cantando:
Nosso Amor e nosso Bem.

(A.)

157 O menino está dormindo,
Um somno muito profundo,
Os anjos lhe estão cantando:
Gloria ao Salvador do mundo.

(A.)

158 Cantae, anjos, ao menino,
Que a Senhora logo vem,
Foi lavar os cueirinhos
A' ribeira de Belem.

(A.)

159 Cantae, anjos, ao menino,
Que a Senhora logo vem,
Foi lavar os cueirinhos
A' pocinha de Belem.

(A.)

160 O' meu menino Jesus,
O' meu menino tão bello,
Vou lavar os cueirinhos,
A' fonte do caramelo.

(A)

161 Indo eu por aqui abaixo
Encontrei Nossa Senhora
Lavando os seus trapinhos,
Para o seu rico filhinho;
Nossa Senhora lavava,
S. José estendia,
E o menino chorava
Pelo frio que fazia.

(A.)

162 Pastor do gado branco
Não arranques o rosmaninho,
Pois é onde a Virgem Pura
Estende os cueirinhos.

(A.)

163 O menino chora, chora,
Chora pelos sapatinhos,
Haja quem lhe dei as solas,
Que eu lhe farei os saltinhos.

(A.)

164 O menino chora, chora,
Chora pelos sapatinhos,
Calae vos, ó meu menino,
Que lhe faltam os saltinhos.

(A.)

165 Cantae, anjos, ao menino,
Agora que a Virgem dorme;
Cantae anjos bem mansinho,
Vêde a Virgem não acorde.

(A.)

166 Cantae, anjos, ao menino,
Que ahi vem S. José,
Que lhe traz uns sapatinhos,
Da feira de Santo André.

(A.)

167 O menino de Maria
Chama pae a S. José,
Que lhe trouxe os sapatinhos
Da feira de Santo André.

(A.)

168 O menino chora, chora,
Chora pelos calçõesinhos,
Calae-vos, ó meu menino,
Faltam-lhe os botõesinhos.

(A.)

169 Vamos, moças, a dar vivas,
Nascidos do coração:
Viva Jesus no presepe,
E o Baptista no Jordão!

(A.)

170 Esta noite, á meia noite,
Ouvi cantar ao divino,
E era a Virgem Maria
Que embalava o seu menino.

(A.)

171 José, embala o menino,
Com a mão, nanja c'o pé,
O menino que ali vês
E' Jesus de Nazareth.

(A.)

172 O menino de Maria
Embalava São José,
E os anjos lhe cantavam:
Christo, Deus e Dominé.

(A.)

173 —O' meu menino Jesus,
Quem vos deu, porque choraes?
—Deu-me minha avó Sant'Anna,
Oxalá me dera mais.

(A.)

174 —O' meu menino Jesus,
Quem vos fez a casaquinha?
—Foi a minha avó Sanr'Anna,
Com botões de prata fina.

(A.)

175 —O' meu menino Jesus,
Quem vos deu essa bolêta?
—Deu-m'a minha avó Sant'Anna,
Que a tinha na gaveta.

(A.)

176 O' meu amado menino,
Quem vos deu o fato verde?
—Foi uma moça donzella,
D'uma doença que teve.

(A.)

177 —O' meu menino Jesus,
Quem vos deu esse chapeu?
—Foi a minha avó Sant'Anna,
A fita veio-me do céo.

(A.)

178 —O' meu menino Jesus,
Que é da vossa camisinha?
—Ficou-me no córadoiro,
A córar bem córadinha.

(A)

179 —O' meu menino Jesus,
Quem vos deu, porque choraes?
—Deram-me as moças da fonte,
Não hei de lá tornar mais.

(A.)

180 Eu hei de dar ao menino
Cinco pedras esmaltadas,
Cada pedra cinco quinas,
Cada quina cinco chagas.

(E.)

181 Eu hei de dar ao menino
Cinco pedras preciosas,
Cada pedra cinco quinas,
Cada quina cinco rosas.

(A.)

182 Eu hei de dar ao menino
Uma fita p'r'ó chapeu,
Tambem elle me ha de dar
Um logarsinho no céo.

(A)

183 Eu hei de dar ao menino
Um vestido côr d'amora,
Tambem elle me ha de dar
Um logarsinho na gloria.

(A.)

184 Eu hei de dar ao menino
Uma fita p'r'á cintura,
Tambem elle me ha de dar
Lá no céo a sepultura.

(A.)

185 Eu hei de d-r ao menino
Um galão para a cintura,
Tambem elle me ha de dar
No seu peito a sepultura.

(A.)

186 Eu hei de dar ao menino
Droga para um *veú* (véo),
Tambem elle me hade dar
P'r'ó entrudo um bom perú.

(A.)

187 O meu menino Jesus,
Nascido ha pouco em Belem,
Dá tudo quanto desejas,
Deseja dar quanto tem.

(A.)

188 O' meu menino Jesus,
Alfaiatinho sob'rano,
Mandae-me lá d'esses céos
Um retalhinho de panno.

(A.)

189 O' meu amado menino,
Alfaiatinho do céo,
Dae-me um dos vossos retalhos,
Para fazer um mantéo.

(A.)

190 O' meu amado menino,
Boquinha de marmelada,
Dae-me da vossa merenda,
Que a minha mãe não tem nada.

(A.)

191 O' meu amado menino,
Da lapa do coração,
Dae-me da vossa merenda,
Que a minha mãe não tem pão,
Ha de cozer amanhã,
No forno de S. João.

(A.)

192 O' meu amado menino!
O' meu menino Jesus!
No natal 'stás no deserto,
Na quaresma n'uma cruz.

(A.)

193 O' meu menino Jesus,
Encostado *ó amadêro,*
Eu vos dou a minha alma,
Fazei d'ella o travesseiro.

(A.)

194 O menino chora, chora,
E não chora por ter dôres,
Chora a má correspondencia
Que lhe dão os peccadores.

(A.)

195 Perdoae-me, meu menino,
As minhas desattenções,
Pois me desengana o mundo
Com suas ingratidões.

(A)

196 Das palhinhas do presepe
Hei-de fazer um luminho,
Para abrazar a minh'alma
Em chammas d'amor divino.

(A.)

197 Lá no meio do mar largo
'Stá uma fonte d'agua fria,
Onde se baptisou Christo,
Filho da Virgem Maria.

(A.)

198 A Virgem Nossa Senhora
Tem uma rica toalha,
Lavada na fonte santa,
Estendida na minh'alma.

(A.)

199 Sou cigana do Egipto,
A minha sina é roubar,
Hei-de furtar o Deus m'nino
P'r'á minh'alma se salvar.

(A.)

200 O' passarinho atrevido,
Que cantaes no campanario,
Recordae a Deus menino,
'Stá dormindo no sacrario.

(A.)

201 Já o sacrario 'stá aberto
E os anjos estão lá dentro,
Cantando ao Deus menino:
Tantum ergo sacramento.

(A.)

202 Já de Herodes o conselho
Os reis magos desprezaram,
E por caminhos diversos
Aos seus lares se chegaram.

(A.)

203 S. José é carpinteiro,
Para o céo fez uma cruz,
No meio pôz um letreiro
Dizendo: Viva Jesus!

(A.)

204 Alem vem a barca nova
Que fizeram os pastores,
Nossa Senhora vae dentro
Toda coberta de flores.

(A.)

205 Já lá vem a barca nova
Que fizeram os pastores,
Vem Nossa Senhora dentro
N'um arco-iris de *felores.*

(A.)

206 Vamos ver a barca nova
Que fizeram os serranos,
Vem Nossa Senhora dentro
Toda coberta de ramos.

(A.)

207 Venham ver a barca nova
Que fizeram os soldados,
Vae a Virgem dentro d'ella,
Toda coberta de cravos.

(A.)

208 Alem vem a barca nova
Que fizeram os do Trem,
Nossa Senhora vae dentro,
Coberta de alecrim.

(A.)

209 Vamos ver a barca nova
Que se vae deitar ao mar,
Nossa Senhora vae dentro,
Os anjos vão a remar.

(A.)

210 Acabou-se o baile,
Adeus m'nha Senhora,
Orar ó Deus m'nino
Nos braços da aurora.

(A.)

211 Acabou-se o baile
Com muita alegria,
Orar ó Deus m'nino,
José e Maria.

(A.)

212 Em palhinhas deitado
O Deus m'nino appareceu,
Pelo amor pelos homens,
Em uma cruz morreu.

(D.)

213 Entre os portaes de Belem
'Stá uma arv're de Jessé,
Com letras d'ouro que dizem:
Jesus, Maria, José.
(A.)

214 Entre os portaes de Belem,
'Stá uma pobre cabana,
Onde nasceu o Deus m'nino,
Jesus, neto de Sant'Anna.
(A.)

215 Eu sou a Fama ligeira,
Sou mais ligeira que o vento,
Venho aqui annunciar
O Divino Sacramento.
(A.)

216 Ai, ai. ai,
Ai, Jesus,
P'lo Natal no presepe,
P'la quaresma na cruz.
(A.)

217 Quem me dera estar na fonte,
Quando o meu Deus pediu agua,
Dava-lhe o meu coração,
Juntamente a minha alma.
(D.)

218 Ter amor não é peccado,
Não é peccado, não s'nhor;
Magdalena amou a Christo,
E era o nosso Redemptor.
(A.)

219 Desprezaste-me por pobre,
A pobreza Deus amou;
Não me penteio por ti,
Assim pobre como sou.

(A

220 Vem a santa quarentena,
Findou o tempo d'amores,
Adeus, ó minha açucena,
Até á festa de flores.

(A

221 Ai, Jesus, que bem que cheira
A tunica do Senhor,
Quando a tun'ca cheira assim,
Que fará o resplandor!

(A

222 Pelo amor de Deus te peço,
Pelas chagas do Senhor;
Não me percas a amizade,
Que eu não te perco o amor.

(A

223 Tocam os sinos em Mafra,
Ai Jesus! quem morreria?
Foi Christo nosso Senhor,
Filho da Virgem Maria.

(A

224 Se passares pelo adro
Tirae o chapéo á cruz,
Que deveis considerar
Que n'ella morreu Jesus.

(I

225 Se passares pelo adro
Tirae o chapéo á cruz,
Que o meu amor é mordomo
Do Coração de Jesus.

(B. A)

226 Se passares pela egreja,
Tira o chapéo á cruz;
O meu amor é alferes,
Da bandeira de Jesus.

(A.)

227 Já os campos reverdecem,
Já o alecrim tem flor,
Já os passarinhos cantam
A 'surreição do Senhor.

(A.)

228 Quem quizer ouvir cantar
Vá debaixo do andor,
Ouvirá cantar os anjos
A 'surreição do Senhor.

(D.)

229 Abram-se as portas do céo,
Que quer entrar o Senhor,
Atraz do Senhor vou eu,
Atraz de mim meu amor.

(A.)

230 O Senhor quando morreu
Logo fez seu testamento,
P'ra memoria nos deixou
O Santissimo Sacramento.

(A.)

231 Cordeiro, meu cordeirinho,
Filho d'um manso cordeiro,
Creio que 'stás na custodia,
Como no céo verdadeiro.

(A.)

232 Muito linda é a açucena
Ao pé do mangericão,
Mais linda é a nossa alma
A' mesa da communhão.

(D.)

233 Padre nosso, estaes no céo,
Tambem no santificado,
Debaixo dos santos véos
'Stá Jesus sacramentado.

(A.)

234 Nosso Senhor é meu mestre,
Aos seus pés tomei lição,
A' sua real presença
Se alegra meu coração.

(D.)

235 Não córtes a oliveira,
Não lhe mettas o machado,
Que dá fructo que alumia
A Jesus sacramentado.

(A.)

236 Não cortes a oliveira.
Não *le* mettas roçadoira,
Que dá azeite que alumia
Jesus e Nossa Senhora.

(A.)

237 Apanhemos a azeitona,
Que tem o azeite dentro,
Que alumia toda a noite
O Divino Sacramento.

(A.)

238 Se ouvires tocar á missa,
Deixa tudo, vae a ella;
Quando dizem: Santos, Santos,
Desce Deus do céo á terra.

(D.)

239 Eu hei de ir ao céo, hei de ir,
Sosinha, sem mais ninguem,
N'uma mão levarei o calix,
Na outra Jesus, meu bem.

(A.)

240 Trigo louro, louro trigo,
Quem tivera o teu valor,
Que entrára no calix bento
Visitar Nosso Senhor.

(A.)

241 Baga d'ouro, baga d'ouro,
Quem tivera o teu valor,
D'entrar no calix bemdito
Onde entra Nosso Senhor.

(A.)

242 Se os parsarinhos soubessem
Quando é dia d'Ascensão;
Nem subiam ao seu ninho,
Nem punham o pé no chão.

(A.)

243 Eu subi lá cima *ó* céo
A pedir a Deus a cruz;
Aqui me tens *ó* teu lado
Ó meu divino Jesus.

244 Eu subi *ó* altar mór
P'ra vêr o Senhor Jesus,
E *puze-me* de joelhos,
P'r ó alliviar da cruz.

245 Eu fui ao jardim do céo
Cortar uma camoêza;
Eu trago Jesus comigo,
P'ra que quero mais riquez

246 Deus te salve, ó Josésinho,
Eu não sou o Salvador,
A salvação vem do céo,
Quem a dá é o Senhor.

247 Nem no mundo ha dois mun
Nem no céo ha dois Senhore
Não sei como possa haver,
N'um coração dois amores

248 Nem no mundo ha dois mun
Nem no céo ha dois Senhore
Nem o meu coração póde
Ser leal a dois amores.

249 Deixa-me ir a toda a pressa,
Que estão tocando ao Senhor,
Que morreu uma donzella,
Nos braços do seu amor.

(A.)

250 Eu hei-de ir ao céo, hei-de ir,
Que tenho lá que fazer,
A procurar ao Senhor
A que horas hei-de morrer.

(B. B)

251 Meu amor, em eu morrendo,
Hei de pedir ao Senhor,
Que me deixe a porta aberta
Para entrar o meu amor.

(A.)

252 Vou-te escrever uma carta
Na *felor* do alecrim;
Deus Nosso Senhor me mate
Ou me levé para si.

(D.)

253 Se eu soubera adivinhar
Que tu eras meu amor,
Levantava as mãos ao céo
Dava graças ao Senhor.

(A.)

254 O' mar de Christo sagrado
Quantas almas tens em ti,
Já lá tens o meu amor,
Já te vingaste de mim.

(D.)

255 Não diffames a donzella,
Onde 'Zus Christo pôz c'rôa,
Que a fama d'uma donzella,
E' como a prata que sôa.

(A.)

256 Deus te faça como aquella
Que no regaço juntou
Rosas para uma capella,
Com que a Christo coroou.

(A.)

257 Deixa-me ir por 'hi abaixo,
Aos saltinhos, como a lebre;
Vou entregar a minh'alma
Ao bom Jesus, que me a leve.

(A.)

258 O' meu amor pede a Deus,
Que eu peço á Virgem Maria,
Que nos ajuntemos ambos
Onde a amizade se cria.

(A.)

259 Não quero riquezas,
Nem quer' gente nobre,
Que em o Senhor q'rendo
Do rico faz pobre.

(A.)

260 Isso sim,
Meu cravo roxo,
Abre-se o sacrario
Do Senhor *disposto*.

(A.)

261 Devo uma promessa
Ao Senhor Jesus,
De uma fita roxa
Para pôr na cruz.

(A.)

262 Meu bem, ó meu bem,
Lá cima está Christo,
Quem me dera ver
Quem cantava isto.

(A.)

263 O Senhor da Piedade
'Stá louquinho de contente,
Por lhe mudarem a porta
Do norte para o nascente.

(A.)

264 O Senhor da Piedade
Tem as portas d'ouro fino,
Pela manhã, quando se abrem,
Rescendem cheiro divino.

(A.)

265 O Senhor da Piedade
Tem as janellas p'r'á rua,
Para ver se vê passar
Alguma devota sua.

(A.)

266 O' Senhor da Piedade,
O' Senhor do Ribeirinho,
Que nos dás tanta maldade,
Juizo tão *poucachinho.*

(A.)

267 O Senhor da Piedade
Tem as portas de gamboa,
Pela manhã quando se abrem
O cheiro chega a Lisboa.

(A.)

268 O' Senhor da Piedade,
Que estaes na vossa egreja;
O povo d'esta cidade
Bem alegre vos festeja.

(A.)

269 O' Senhor da Piedade,
Que lá estaes na vossa ermida;
Se promettes lealdade,
Tens amôr p'ra toda a vida.

(A.)

270 O Senhor da Piedade
'Stá no meio dos olivaes,
Está guardando a azeitona,
Não *na* comam os pardaes.

(A.)

271 Hei de abalar p'r'á cidade,
Só para ser cidadão;
Brado *ó* Senhor da Piedade,
Que é da minha devoção.

(A.)

272 O Senhor da Piedade
E' um Senhor pequenino,
Hei-de-me casar este anno,
Hei-de-o levar por padrinho.

(A.)

273 O Senhor da Piedade
Tem 'ma prenda de valia,
Uma fonte de repuxo
Com pedra de cantaria.

(A)

274 Quem dera ser sentinella
Das muralhas da cidade,
Só para estar sempre á vista
Do Senhor da Piedade.

(A.)

275 O Senhor da Piedade
Vae a ter festas de luxo,
Vão a fazer um bazar
Lá no sitio do repuxo.

(A.)

276 Ó Senhor da Piedade,
Senhor das obras bem feitas,
Que tens feito mais milagres
Que o rei tem de baionetas.

(A.)

277 O Senhor da Piedade,
E' divino e prudente,
Quem o amar deveras
Tem amôr para sempre.

(A.)

278 Vim da minha terra aqui,
Ó Senhor da Piedade:
Venham todos a dar vivas,
A's mocinhas da cidade.

(A.)

279 Fui ao Senhor da Piedade,
Ó alto da torr' subi;
E de lá vi os teus olhos,
A olharem para mim.

(A.)

280 O' Senhor da Piedade,
Ó vosso altar eu cheguei;
Tantos anjos me acompanhem
Como de passos eu dei.

(A.)

281 Que é das chaves da egreja
Do Senhor da *Piadade;*
O meu coração deseja
Que me ames com lealdade.

(A.)

282 Que é das chaves da egreja,
Do Senhor da *Piedade,*
Onde pelo S. Matheus,
Vae toda essa mocidade.

(A.)

283 Cidade por necessidade,
Villa Boim por amores;
Bradei p'lo *Sôr* da Piedade,
E p'la Senhora das Dores.

(A.)

284 O' monte do Olivete,
O' horta do Chaparrinho,
O' Senhor da Piedade,
Onde o meu bem faz caminho.

(A.)

285 O Senhor da Piedade
Tem um chafariz ao lado,
Onde o meu bem lava os olhos
Quando vem apaixonado.

(A.)

286 Eu tenho por devoção,
Todos domingos de tarde,
Ir rezar uma estação,
Ó Senhor da *Piadade.*

(A.)

287 Fui-te ver, 'stavas doente,
Encostei a mão á grade,
Levanta-te, vem comigo,
Ao Senhor da Piedade.

(A.)

288 Tenho feito relação
Das meninas da cidade,
Das que fazem oração
Ao Senhor da Piedade.

(A.)

289 No Senhor da Piedade,
Que bella galanteria!
Bonecos a tirar agua,
Quer de noite, quer de dia.

(A.)

290 O' Senhor da Piedade,
Senhor de tod'*ó* valor,
Veem teus filhos a ver-te,
Dia de tanto calor.

(A.)

291 O' Senhor da Piedade,
Dae-me vós força e vigor,
Para supportar 'ma ausencia,
Que me fez o meu amor.

(A.)

292 O' Senhor da Piedade,
O' Senhor do Ribeirinho,
As mulher's suas visinhas
Teem pellos no focinho.

(A.)

293 O Senhor da Piedade
Tem as portas de pinheiro,
Pela manhã quando se abrem
A' cidade chega o cheiro.

(A.)

294 Ao Senhor da Piedade
Quem me dera poder ir,
Para ver as portas novas,
Que vieram do Brazil.

(A.)

295 O' Senhor da Piedade,
Apiedae-vos de mim,
Que eu já dei a minha mão
Para seculos sem fim.

(D.)

296 No caminho da cidade
T'enho eu os meus amores,
O Senhor da Piedade,
Nossa Senhora das Dores.

(A.)

297 O Senhor da Piedade,
A' entrada dos curraes,
As moças que lá 'stão dentro
'Stão picadas dos pardaes.

(A.)

298 Os olhos do meu amor
São pretos, não tem maldade,
Hei de mandar fazer d'elles
Um painel da Piedad·.

(A.)

299 Esses teus olhos, amor,
São bonitos, na verdade,
Hei-de laval-os na pia
Do Senhor da Piedade.

(A.)

300 Já perdi ó norte á terra
No caminho da cidade,
Já não sei p'r'*ádonde* fica
O Senhor da Piedade.

(A.)

301 O Senhor da Piedade
Não 'stá em casa, foi fóra,
Foi visitar os enfermos
Que 'stão na ultima hora.

(A.)

302 O Senhor da Piedade
T'em as portas de alecrim,
Pela manhã quando se abrem
O cheiro chega ao jardim.

(A.)

303 O' Senhor da Piedade,
Na vossa capella o digo,
Não volto cá outro anno
Sem trazer o meu marido.

(A.)

304 O' Senhor da Piedade,
Eu bem alto vol-o digo,
Não torno lá outro anno
Sem levar amor's comigo.

(D.)

305 O' rico Senhor da Pedra,
O' Senhor de Mattosinhos;
Ainda não estou casada
Tenho quinhentos meninos.

(D.)

306 Meu rico Senhor da Pedra,
Vós que daes ao vosso povo,
Fazei-me uma limonada,
Que eu com este calor morro.

(D.)

307 Foste ao Senhor da Pedra,
Minha rica Mariquinhas,
Nem por isso me trouxeste
Um ramo de camarinhas.

(M.)

308 Meu rico Senhor da Pedra,
Que lá 'staes nos areaes,
Todo o anno 'staes esquecido,
Só em março *alembraes*.

(M.)

309 Meu rico Senhor da Pedra
Vós que daes ao vosso povo?
A areia para passear,
Vinho maduro ao povo.

(D)

310 Meu rico Senhor da Pedra,
Este anno vim solteira,
P'r'ó anno, se Deus quizer,
Hei de vir d'outra maneira.

(D.)

311 Meu rico Senhor da Pedra,
A' porta tendes a dança,
Acceitae minha pro nessa,
Perdoae minha tardança.

(D.)

312 O Senhor da Pedra tem
Portarias de latão,
Quando ellas abrem e fecham
Batem no meu coração.

(D.)

313 Meu rico Senhor da Pedra,
O caminho pedras tem,
Se não fosse p'lo milagre
Lá vos não ia ninguem.

(M.)

314 Hei-de ir ao Senhor da Pedra,
Inda que me leve um v'rão,
Em manguinhas de camisa,
C'o meu amor pela mão.

(M.)

315 Meu rico Senhor da Pedra
Mandae varrer as areias,
Que eu quero lá ir p'r'ó anno,
Não quero sujar as meias.

(D.)

316 Meu rico Senhor da Pedra,
Em penedo, em penedo,
Quando o mar se alevanta
As camarinhas tem medo.

(D.)

317 Meu rico Senhor da Pedra
Mandae varrer o pinhal,
Que eu quero lá ir p'r'ó anno
Passear no arraial.

(D.)

318 O' meu bom Jesus de Braga,
Inda lá hei de tornar,
Que me esqueceram as contas
Em cima do teu altar.

(D.)

319 O' meu bom Jesus de Braga,
Cedo vos vou visitar,
P'r'ó anno, se Deus quizer,
Um bicho lá vou pintar.

(D.)

320 Meu Senhor de Mattosinhos,
A' porta tendes *la* dança;
Nunca dei ponto sem nó,
Nem fala sem confiança.

(D.)

21 Meu Senhor de Mattosinhos,
Cabellinho de retroz,
Eu não tenho pae nem mãe,
Senhor, levai-me p'ra vós.

(D.)

22 O' Senhor de Mattosinhos,
Que me has de dar um dote,
Se m'o has de dar em vida
Dae-m'o á hora da morte.

(D.)

23 Senhor da Serra acudí-me,
Que eu não sei aonde estou,
Ou os ares abateram,
Ou a terra levantou.

(D.)

24 Eu hei de ir ao S'nhor da Serra,
Ao Senhor da Serra hei de ir,
Quem vae ao Senhor da Serra
Vae ao ceo e torna a vir.

(D.)

25 *Ó* Senhor da Serra vae
Gente de tod'*á* comarca,
Nan ha ninguem que *nan* chore
Quando do Senhor se aparta.

(D.)

26 *Fostes* ao Senhor da Serra
Nem um annel me trouxeste,
Nem os moiros na moirama
Fazem o que tu fizeste.

(D.)

327 Hei de levar uma vela
Da Serra ao Santo Senhor,
Para que traga depressa
P'ra meu lado o meu amor.

(E.)

328 Duas voltas lá na Serra
Bom Senhor, eu quero dar,
Duas voltinhas bem dadas,
Tendo o meu amor por par.

(E.)

329 Rapazes e raparigas,
Vamos ao Senhor da Serra,
Que está lá 'ma fonte fria,
Quem tem sêde bebe n'ella.

(D.)

330 O' minha canninha verde,
O' meu Senhor do Padrão,
Eu adormeço e acordo
Comtigo no coração.

(D.)

331 O' meu Senhor do Padrão,
Cercado de areias grossas,
Quando o meu amor entrar
Dae-lhe uma maré de rosas.

(D.)

332 O' minha verde canninha,
O' meu Senhor do Padrão,
Salpicadinha de amores,
Com d'amor's salpicadão.

(D.)

333 O Senhor dos Afflictos
Tem a ermida nos mattos;
Por amor dos mexericos
Se desmancham os contractos.

(A.)

334 O Senhor dos Afflictos
Mesmo agora me lembrou,
Meu amor não é de lá,
Eu tambem de lá não sou.

(A.)

335 Da minha janella rezo
Ao Senhor do Bomfim;
Que me traga o meu amor
Para bem perto de mim.

(A.)

336 O' minha canninha verde,
O' meu Senhor do Bomfim;
Na hora de Deus começo,
Vira-te cá para mim.

(D.)

337 Já te deram o cabaço,
A' roda do Caracol,
Lá 'stá o Senhor dos Passos,
Que assenta tudo no rol.

(A.)

338 O' Senhor da Boa Fé,
Que lá 'stá na sua ermida;
Se promettes lealdade
Tens amor's p'ra toda a vida.

(A.)

339 D'vino Senhor do Pilar,
Vosso pilar é de vidro,
Que vos deu o marinheiro,
Que andava no mar perdido.

(A)

340 Eu hei de amar, hei de amar,
O Senhor da Canna-verde,
Virar as costas ao mundo,
O coração para elle.

(D.)

341 Meu Senhor dos Naufragados,
Que estaes no vosso altar,
Dando o pago e o castigo
A quem vos ia roubar.

(D)

342 Divino Senhor de cera,
Que estaes nos Oiteirinhos,
Por muito calor que faça
Sempre lá corre o ventinho.

(A.)

343 Quem me dera ser guarita
Das muralhas de Monforte,
Só para estar sempre á vista
Do Senhor da Bôa Morte.

(A.)

344 Villa de S. Thiago
Tem o Senhor do Monte,
Tambem Sines tem
S. Marcos defronte.

(A.)

345 Chamaste-me amor perfeito,
Coisa que a terra não cria,
O amor perfeito é Deus,
Filho da Virgem Maria.

(A.)

346 Chamaste-me amor perfeito,
Uma flôr tão delicada,
Amor perfeito só Deus,
Filho da Virgem Sagrada.

(A.)

347 Chamaes amor perfeito
A's hervas que o monte cria,
Amor perfeito é um,
Filho da Virgem Maria.

(T. M.)

348 Procura á Virgem Sagrada
Os segredos que Deus tem;
A mulher que é bem portada
P'ra todo o lado vae bem.

(A.)

349 Quero tanto ao meu amor
Como a Virgem quer a Deus,
Como o campo quer ás flôres,
Como o pae a filhos seus.

(A.)

350 Eu não 'stou arrependido
De lograr carinhos teus;
Trago-te, amor, no sentido,
Como a Virgem traz a Deus.

(A.)

351 Este mundo é um jardim,
A Virgem é uma flor,
Os anjos são as estrellas,
O jardineiro o Senhor.

(A.)

352 O coração de Maria,
Doce amante coração,
Quer na vida, quer na morte,
Quer na nossa salvação.

(D.)

353 As nuvens no céo se tingem
N'um arco de sete côres,
São sete as dôres de Maria,
São setenta as minhas dôres.

(A.)

354 Chorae olhos, chorae olhos,
Que o chorar não é desprezo;
Tambem a Virgem chorou,
Quando viu seu filho preso.

(A.)

355 Pela rua da Amargura
Caminha a Virgem, chorando
Pelo seu bemdito filho,
Que o estão crucificando.

(A.)

356 Oh! mar largo, oh! mar largo!
Cheirava que rescendia;
Era o manto da Senhora,
Que um marinheiro trazia.

(A.)

357 Não ha homem como Deus,
Nem mulher como Maria,
Nem 'strella como a do norte,
E nem luz como a do dia.

(A.)

358 Nossa Senhora faz meia,
E a linha é feita de luz,
O novello é lua cheia,
E as meias são p'ra Jesus.

(A.)

359 Quem quizer ouvir cantar
Ponha-se á porta travessa,
Ouvirá cantar os anjos,
Nossa Senhora começa.

(D.)

360 Esta noite á meia noite,
A' meia noite seria,
Ouvi cantar os anjos
E mais a Virgem Maria.

(T. M.)

361 Amar e saber amar,
Amar e saber a quem,
Amar a Nossa Senhora
Não amar a mais ninguem.

(T. M.)

362 Nossa Senhora me disse,
De cima do seu altar:
O' filha, faz por ser boa,
Que eu farei por te ajudar.

(A.)

363 Nossa Senhora me faça
O que eu lhe tenho pedido:
Se morrer, levar-me ao céo,
Se viver, casar comtigo.

(A.)

364 Nossa Senhora me faça
O que o meu c'ração deseja,
Que inda chegue a ir comtigo
Ouvir missa á sua egreja.

(A.)

365 Fui ao jardim das *felores*
Colhi uma paciencia;
Nossa Senhora m'a dê,
P'ra soffrer a tua ausencia.

(A.)

366 Portalegre, terra alegre,
Tão triste tu és p'ra mim;
Nossa Senhora me leve
P'r'á terra aonde eu nasci.

(A.)

367 Amo te do coração,
Ninguem o hade saber,
Senão a Nossa Senhora
No céo quando eu morrer.

(A.)

368 A rôla, que vae rolando,
Onde irá fazer o ninho?
Aos pés de Nossa Senhora,
No mais alto do raminho.

(A.)

369 A rôla, que vae rolando,
Onde irá fazer o ninho?
No pé de Nossa Senhora,
Que está com o seu filhinho.

(A.)

370 Sabbado da Mãe de Deus,
Domingo de Nós' Senhor;
Segunda-feira das Almas,
E' a terça do meu amôr.

(A.)

371 O meu amôr é mais lindo
Do que a rosa quando abre,
Todo o mundo m'o cubiça,
Nossa Senhora m'o guarde.

(A.)

372 O meu amôr é tão lindo
Como a folha d'uma rosa;
Nossa Senhora m'o livre
Das mãos d'alguma invejosa.

(A.)

373 Dou soluços, dou suspiros,
E dou ais a toda a hora,
Os beijos dá-os quem ama;
Valha-me Nossa Senhora!

(E.)

374 Se eu não 'stivera arrumada,
Ai, Jesus! que me perdia
Com este homem, que é capaz
De tentar Santa M ria.

(D.)

375 O' coração de Maria,
Que estaes dentro da vidraça,
Virada p'r'ós peccadores,
Com as mãos cheias de graça.

(D.)

376 Dizes que não tenho mãe,
E ella é linda como o sol,
Se for's no domingo á missa,
Olha para o altar mór.

(A.)

377 Eu já prometti á Virgem
'Ma fogaça de limões,
Se chegasse á reunir
Os nossos dois corações.

(A.)

378 Para amar deixei a Deus
Ai, Jesus, minha ventura!
Para amar filhos de Adão
Deixei os da Virgem Pura.

(D.)

379 Vossê diz que eu que sou sua,
Nem sua, nem de ninguem,
Eu sou da Virgem Maria,
Que á sua conta me tem.

(A)

380 O gallo quando cantou
Cantou com muita alegria,
Dando graças e louvores
A' sempre Virgem Maria.

(A.)

381 Valham-me os anjos do céo!
Valha-me a Virgem Maria!
Que perdi os meus amores,
Com elles a luz do dia.

(E.)

382 Maria, nome tão doce!
Todo elle é uma doçura!
Como não ha-de ser doce
O nome da Virgem Pura.

(A.)

383 O' minha Maria Santa,
O' minha Santa Maria,
Levae-me noticias minhas
Ao meu amôr d'algum dia.

(D.)

384 Fui de joelhos ao mar,
De joelhos fui ao fundo,
Quiz ir vêr Nossa Senhora,
Lá no cabo d'este mundo.

(A.)

385 O' minha mãe dos trabalhos,
Para quem trabalho eu?
Trabalho p'r'á Mãe do Céo,
Que a da terra já morreu.

(A.)

386 Maria é minha mãe,
Não a tento, só a adoro,
De joelhos, cada noite,
Rezando ao oratorio.

(D.)

387 Eu vou por aqui abaixo
Aos pinchinhos, como a rola,
Entregar a minha alma
A' Virgem Nossa Senhora.

(B. A.)

388 Se queres que eu seja tua
Faz as tuas orações,
Reza a Nossa Senhora,
Tira-me de murm'rações.

(M.)

389 Nossa S'nhora está no nicho,
Mais o menino Jesus;
Quem a Deus perde o respeito
Falta lhe a divina luz.

(A.)

390 Nossa S'nhora é uma rosa,
O seu menino é um cravo;
São José o jardineiro,
D'aquelle jardim sagrado.

(A)

391 Esta tarde fui lá fóra,
Metti um pico n'um pé,
Bradei por Nossa Senhora,
Acudiu-me S. José.

(A.)

392 A José hei-de querer,
A José hei-de eu amar,
Pois eu prometti á Virgem
De José nunca deixar.

(A.)

393 No cimo d'aquella serra
'Stá 'ma fonte d'agua fria,
Aonde bebem os anjos
E mais a Virgem Maria.

(A.)

394 Lá detraz do altar mór
'Stá um tanque d'agua fria,
Onde os anjos vão beber
E *mai-la* Virgem Maria.

(D.)

395 Minha mãe do céo valei-me,
Já que a da terra não pode,
A mãe do céo sempre é vida,
A da terra logo morre.

(D.)

396 O meu amor, coitadinho,
Nossa Senhora m'o leve,
Que me faz andar tão triste,
Podendo andar tão alegre.

(A.)

397 A S'nhora da Conceição,
De lá da porta da Esquina,
Diz que ha-de salvar uma alma,
Queira Deus que seja a minha.

(A.)

398 Senhora da Conceição,
Que á porta da Esquina estaes,
Permitti que eu inda logre
Carinhos *do meu rapaz.*

(A.)

411 Alto pinheiro da Serra,
Senhora da Conceição;
Muitas meninas se perdem
Por causa da presumpção.

(B

412 Adeus ó fonte da Vide,
Adeus ó marco real,
Adeus Senhora da Fresta,
Rainha de Portugal.

(B

413 Adeus villa de Trancoso,
Tenho lá minha madrinha,
Adeus Senhora da Fresta
Por cima da verdadinha.

(B

414 O' Senhora dos Remedios,
Dei um nó na giesteira,
Hei de lá ir par'ó anno,
Ou casada, ou solteira.

(B.

415 O' Senhora dos Remedios,
Que estaes ó cimo do soito,
Dae-me o vosso menino,
Que do céo vos virá *oitro*.

(B.

16 O' Senhora dos Remedios
Vinde vêr a vossa gente,
Senhora, dae-lhe saude,
Que ella toda vem doente.

(B

417 O' Senhora dos Remedios,
Dos Remedios de Lamego,
Todo o caminho fui bem,
Só na barca tive medo.
(B. A.)

418 O' Senhora dos Remedios,
Vossa côr é de cereja,
No vosso terreiro anda
Quem *na* vossa côr deseja.
(B. A.)

419 A Seehora dos Remedios
Mandou-me agora chamar,
Tinha o seu manto rôto
Que lh'o fosse a remendar.
(B. A.)

420 O' Senhora dos Remedios,
Que daes a quem vos vae ver?
Dou-lhe agua das minhas fontes,
Para quem quizer beber.
(B. A.)

421 A Senhora do Sameiro
Bota fitas *dvoar*,
Brancas e vermelhinhas,
Todas vão cahir ao mar,
Lá estão os marinheiros
Para as irem apanhar.
(M.)

422 A Senhora do Sameiro
Dá um cheiro que rescende,
E' o manto da Senhora
Que pelo mundo se estende.
(M.)

423 A Senhora do Sameiro
Tem uma fita no braço,
Que lhe deram os anjinhos
A 25 de março.

(M)

424 A Senhora do Sameiro
Tem uma fita no pé,
Que lhe deram os anjinhos
Na festa de Santo André.

(M)

425 A Senhora do Sameiro
Tem uma fita no dêdo,
Que lhe deram os anjinhos
Pela festa de Lamego.

(M.)

426 Minha Senhora da Ajuda,
Ajudae o meu irmão,
Que anda no meio do mar
A lutar co'o tubarão.

(D.)

427 O' minha canninha verde,
O' meu ramo de flôres,
Minha Senhora d'Ajuda,
Ajudae os pescadores.

(D.)

428 Minha Senhora da Ajuda,
Ajudae-me agora aqui,
Que me metti a cantar
Com quem sabe mais que a mim.

(D.)

429 Minha Senhora d'Ajuda,
Ajudae a cantadeira,
A cantadeira é casada,
E pensa que é solteira.

(D.)

430 Minha Senhora d'Ajuda,
No vosso dia está norte,
Se me tendes de casar
Livrae-me d'algum calote.

(D.)

431 Minha Senhora d'Ajuda,
A quem deu a carta a ler?
Não ha coisa n'este mundo
Que se não venha a saber.

(D.)

432 Nossa Senhora d'Ajuda
E' madrinha dos meninos,
Eu tambem sou afilhada
Do Senhor de Mattosinhos.

(D.)

433 Minha Senhora da Ajuda,
Dizei-me que barco vêdes?
Eu vejo o barco á Camões,
No mar a largar as redes.

(D.)

434 Minha Senhora d'Ajuda
Olhae o que o povo diz,
Que atraz da vossa capella
'Stá um homem sem nariz.

(D.)

435 Minha Senhora d'Ajuda,
Este anno não prometto,
P'r'ó anno, se Deus quizer,
Hei de preparar o cêsto.

(D.)

436 Minha Senhora dos Banhos,
Eu venho bem embainhada,
Que me choveu um pé d'agua
Em terra despovoada.

(D.)

437 O sol que dá na vidraça
De Nossa S'nhora da Luz,
Tambem dá n'essa vidraça,
Therezinha de Jesus.

(D.)

438 O sol que dá nas vidraças
Lá da Senhora da Luz,
Tambem dá n'esses teus olhos,
Linda Th'reza de Jesus.

(A.)

439 Senhora da Boa Nova,
A vossa capella cae,
Juntae-vos raparigas,
Tirae-lhe a telha, tirae.

(D.)

440 A Senhora da Saude
Tem vinte quatro janellas,
Quem me dera ser o sol,
Que entrava por uma d'ellas.

(D.)

441 A Senhora da Saude
Está no alto oiteirinho,
Antes que esteja calor,
Sempre lá dá o fresquinho.

(D.)

442 A quinze do mez d'agosto
A Senhora da Saude;
Fiz a cama nos teus braços,
Quiz-me levantar, não pude.

(D.)

443 O' Senhora da Saude,
Senhora da Saudinha,
Que capella tão pequena
Para tamanha Rainha.

(D.)

444 Senhora do Bom Despacho,
Senhora do Livramento,
Eu perdi o meu amor,
Trazei-m'o ao pensamento.

(D.)

445 Senhora do Livramento,
Senhora do Bom Despacho,
Eu perdi o meu amor,
Eu perdi o, não o acho.

(D.)

446 Á entrada de Portêlo
Cheirou-me a mangericão,
Era o sangue derramado
Da Senhora da Afflicção.

(B. A.)

447 O' Senhora da Afflicção,
Bem afflicta estou eu,
Que me chegou a noticia
Que o meu amor que morreu.

(B. A.)

448 A Senhora da Abbadia
Anda no seu pinheiral,
A apanhar as pinhas verdes
Para a noite de Natal.

(M.)

449 A Senhora da Abbadia
Que me ha de dar o dote,
Se m'o ha-de dar de dia
Dê-m'o na hora da morte.

(M)

450 Fui á Senhora do Carmo
Mais a minha gente toda,
Fui solteira, vim casada,
Foi milagre da Senhora.

(A.)

451 Fui á Senhora do Carmo
No anno que choveu milho;
O meu amor é Manoel,
Fabricante de ladrilho.

(A.)

452 Fui-me á Senhora do Carmo,
No anno que choveu neve;
Logo me cahiu por sorte
Meu amor ser almocreve.

(A.)

453 O' Senhora d'Ayres,
Eu hei de lá ir,
Pagar 'ma promessa,
Do meu bem cá vir.
O' Senhora d'Ayres,
'Stive cá ao pé,
Mais o meu amor,
Tomando café.

(A.)

454 A Senhora d'Ayres
Mãe dos portuguezes,
O Senhor dos Martyres
Pae dos maltezes.

(A.)

455 A Senhora d'Ayres,
Ao pé de Vianna,
Tem o altar-mór
Feito á romana.

(A.)

456 Senhora da Boa Nova,
Lá ao pé de *Lucemféce;*
O meu amor 'stá ausente,
Mas a mim nunca me esquece.

(A.)

457 Senhora da Boa Nova,
A' porta *tende-la* dança,
Nunca dei ponto sem nó,
Nem falas sem confiança,
E quem deve sempre paga,
Indas que faça tardança.

(A.)

458 Alto pinheiro da serra,
Senhora da Piedade;
Muitas meninas se perdem
Por causa da liberdade.

(B.

459 Nossa Senhora da Estrella,
Tem 'ma fita no chapeu,
Quem lá vae á sua ermida
E' o mesmo que ir ao céo.

460 Já Loulé não é Loulé,
E' uma nobre cidade,
Só lhe basta o ter ao pé
A Virgem da Piedade.

(A

461 O' Buarcos, ó Figueira,
Senhora da Encarnação;
O retrato do meu bem
Trago eu no coração.

462 A Senhora *d'Agua de Lupi*
Lá está na santa sé;
O meu amor é *assucre*
Com que se adoça o café.

463 Dizeis que não tenho mãe,
Eu tenho-a em Lamego;
Dizei me quem ella é?
A Senhora do Desterro.

(T

464 O' minha Virgem das Neves
Que daes aos vossos romeiros?
Dou-lhe agua das minhas fontes,
Sombra dos meus *castinheiros*.

(D.)

465 Santa Maria da Serra,
Santo Amaro do Oiteiro,
Santa Maria foi santa,
Santo Amaro foi romeiro.

(D.)

466 Da minha janella rézo
A' Senhora das Areias,
Que me traga o meu amor
Que anda por terras alheias.

(A.)

467 A Senhora do Amparo
Tem o amparo na mão,
E' para amparar as almas
Que desamparadas 'stão.

(A.)

468 Nossa Senhora da Penha,
Tem uma penha á porta,
Se ella me désse uma pinha
Seria sua devota.

(A.)

469 Ailé, ailé,
Senhora da Penha;
Não ha nenhum mal,
Que ao meu bem não venha.

(D.)

470 A Senhora do Rozario
'Stá com as contas na mão,
P'dindo a seu bemdicto filho
Que nos dê a salvação.

(A.

471 Esta noite, á meia noite,
Ouvi cantar ao divino,
Era a Virgem do Rosario,
Que embalava o seu menino.

(A.

472 A Senhora do Rosario
Tem o rosario na mão,
Se ella me desse uma conta
Dava-lhe o meu coração.

(A.

473 A Senhora do Rosario
Tem uma fonte no rosto,
Que lhe puzeram os anjos
No principio de agosto.

(A.

474 Vou pedir com devoção
A Nossa S'nhora da Guia,
P'ra que guie o meu amor,
Quer de noite quer de dia.

(A.

475 Nossa Senhora da Guia
Tem uma guia na mão,
Para guiar a minh'alma
No reino da salvação.

(A.

476 Ailé,
Senhora da Guia,
Guiae meu amor
De noite e de dia.

(A.)

477 Ausente, mas sempre firme,
Meu amor não faz mudança;
A'manhã é dia santo,
Viva a Senhora da Esp'rança.

(ALG.)

478 Santa Maria d'Agosto,
Em bem que seja chegada,
Que esta vida de boleiro
E' uma vida arrastada.

(B. A.)

479 Ailé,
Senhora, Senhora,
Rainha dos céos,
Mãe imperadora.

(M.)

480 Ailé,
Senhora, Senhora,
Guardae meu amor
De morte traidora.

(A.)

481 Meu bem,
Senhora do O',
Ajudai-me a amar,
Que eu não posso só.

(A.)

c) Seraphins, archanjos e anjos

482 Quem me dera a voz d'um anjo,
Do seraphim a belleza,
Para dar a minha entrada
Com toda a delicadeza.

(A.)

483 Amor, não sejas ingrato,
Que os ingratos tem máu fim;
Eu já vi do céo cair
Um ingrato seraphim.

(A.)

484 Ingrato, que me vendeste,
Quanto te deram por mim?
Eu já vi cahir dos céos
Um ingrato seraphim.

(A.)

485 Do céo desceram dois anjos,
Guiados por um seraphim,
Unem nossos corações,
Para seculos sem fim.

(A.)

486 Já fui mar, já fui navio,
Já fui ao Brazil e vim;
Já fui amado d'um anjo,
Agora d'um seraphim.

(D.)

487 Ha quanto tempo não vejo
Essa tua cara alegre,
Seraphim em fórma d'anjo,
Sol inclinado á neve.

(B. B.)

488 M'ssias embarcou creança,
N'um batel muito ligeiro;
S. Miguel tem 'ma balança
P'ra pesar o mundo inteiro.

(A.)

489 Menina, tu tens a trança
Pelas costas, ao comprido,
E São Miguel tem a lança
Com que Christo foi ferido.

(A.)

490 Quem me dera que viera
O tempo que está p'ra vir,
O tempo do S Miguel,
P'ara me eu *advertir*.

(D.)

491 Desceram do céo á terra
Dois anjos embaixadores,
A buscar a primavera,
Que lá no céo não ha flores.

(A.)

492 A'manhã é dia santo,
Dia do anjo da guarda,
O' moças, guardae o dia,
Que o anjo tambem vos guarda.

(D.)

493 Canta tu, cantarei eu,
Faremos uma capella;
Os anjos cantam no céo,
Nós cantaremos na terra.

(A.)

494 Canta tu. cantarei eu
Uma capella faremos;
Os anjos cantam no céo,
Nós na terra cantaremos.

(A.)

495 O cantar é dos anjos,
O bailar dos namorados,
A alegria dos solteiros,
A tristeza dos casados.

(A.)

496 Se eu cantara como tu,
Se eu tivera a tua fala,
Iria cantar ao céo,
Nenhum anjo me ganhara.

(A.)

497 Ouvi uma linda voz
Lá p'ra os lados do nascente,
Eram os anjos no céo,
Que cantavam lindamente.

(A)

498 Ai, que rica voz d'um anjo!
Mesmo agora aqui chegou,
Devera de vir do céo,
Que a terra não o creou.

(D.)

499 Mariquinhas, ó meu anjo,
Eu por anjo te venero,
Se te chegar a lograr,
Mais nada do mundo quero.

(T. M.)

500 Quando te vejo ir á missa
Com a sombrinha e o véo,
Ver em ti se me afigura
Um anjo vindo do céo.

(A.)

501 O meu amor não é este,
O meu amor tem chapéo;
O meu amor ao pé d'este
E' um anjinho do céo.

(A.)

502 A roseira do sacrario
S'tá co'a raiz na tribuna,
Os anjos colhem as rosas,
Eu tambem lá colhi uma.

(A.)

503 Canta, minha voz d'um anjo,
Que eu por um anjo te tenho,
Adorar-te e possuir-te
Esse é todo o meu empenho.

(A.)

504 D'aquí d'onde estou bem vejo,
Dois anjinhos de conversa;
Quando os anjinhos namoram,
Que fará quem se confessa.

(A.)

505 O' meu amor, cara d'anjo,
O' cara da primavera,
Não trates com falsidade
Um amor que por ti espera.

(M.)

506 Não te quero chamar anjo,
Nem te quero engrandecer;
Nem te quero chamar 'spelho,
Onde eu 'spero de me ver.

(A.)

507 Já lá vae pelo mar fóra
Quem me dizia: sou teu!
Deus lhe dê tanta ventura,
Como aos anjinhos do céo.

(A.)

508 Tendes dois olhos na cara
Feitos com *tod'ó* primor.
Na bocca tendes um anjo
Com que me falas d'amor.

(A.)

509 O *mê* amor é um dengo,
Dês m'o deu, não o mereço,
Todas m'o querem comprar,
Anjo do céo *nã* tem preço.

(A.)

510 Quem me déra ser um anjo,
Que adorava a Deus no céo,
Pedia a Nossa Senhora,
Que fosses meu e só meu.

(A.)

511 Se quer's ouvir-me cantar,
Has de tirar o chapéo,
Que o meu cantar é brilhante,
Ouvem-n'o os anjos no céo.

(A.)

512 O meu amor me disse hontem,
Que eu que estava coradinha;
Os anjos do céo me levem
Se essa côr não era a minha.

(A.)

513 Eu tenho umas azas brancas,
Como o anjo que m'as deu;
Em me enfadando da terra
Bato as azas, vou p'r'ó céo.

(A.)

514 Eu tinha umas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Innocente, como as azas,
Da terra voava aos céos.

(E.)

515 Eu hei-de ir ao céo em vida,
Que um anjinho já m'o disse,
Quando lh'o eu perguntei
Olhou para mim e riu-se.

(M.)

516 Minha terra não é esta,
Estou aqui por favor,
Até que os anjos me levem
P'ra junto do meu amor.

(E.)

517 Antoninho, cravo roxo,
Não saias de noite á rua,
Até os anjos admiram
Essa tua formosura.

(D.)

518 Balas d'assucar te matem,
Raios de mel te consumam;
Os anjos do céo te tragam
Para a cama aonde eu durma.

(A.)

519 Antonio me leve Antonio,
Antonio me leve a mim,
Os anjos do céo me levem,
Antonio, p'r'ó pé de ti.

(A.)

520 De correr venho cançada,
De cançada me assentei;
Tantos anjos te acompanhem
Como passadas eu dei.

(A.)

521 Ai de mim! que desprezada,
No mundo triste vivia,
Até que um anjo do céo
Me quiz fazer companhia.

(A.)

Em respeito a esta secção, veja tambem os *Cant* 28, 57, 150 a 159, 165, 166, 172, 201, 209, 238, 280, 351, 359, 3(394, 403, e 423 a 425.

d) Santos

522 Dia de todos os Santos
E' que eu principiei a amar:
Quem com santos principia
Com santos deve acabar.

(A.)

523 Santo Antonio de Lisboa,
A' porta do seu convento,
Está á mesa do auditorio
Tratando o meu casamento.

(A.)

524 Santo Antonio de Lisboa,
Venha vêr o que cá vae,
Deu a rabugem nos homens,
Como dá nos animaes.

(A.)

525 Santo Antonio de Valverde
Vem a vêr o que cá vae,
Deu a gafeira nos homens,
Té o cabello lhe cahe.

(A.)

526 Santo Antonio da Terrugem
Venha vêr o que cá vae,
Anda a rabugem nas moças,
Té o cabello lhe cahe.

(A.)

527 Santo Antonio de Lisboa,
Espelho de Portugal,
Ajudae-me a vencer
Esta batalha real.

(A.)

528 Santo Antonio de Lisboa
Não quer que lhe chamem santo,
Quer que lhe chamem Antonio
General, mar'chal de campo.

(A.)

529 Santo Antonio de Lisboa
Não quer que lhe chamem santo,
Quer que lhe chamem Antonio
Do Divino Esp'rito Santo.

(A.)

530 Santo Antonio de Lisboa,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casaes as moças,
Que mal vos fizeram ellas?

(A.)

531 Santo Antonio de Cabanas
Tem uma pipa no monte,
As mulheres bebem vinho,
Os homens agua da fonte.

(A.)

532 Santo Antonio do Convento,
Não tem velas no altar,
Hei-de-me casar este anno,
Hei-de-lh'as mandar *prantar*.

(A.)

533 Santo Antonio do Convento,
Não tem velas no andor,
Hei-de-me casar este anno,
Hei-de-lh'as mandar a pôr.

(A.)

534 Santo Antonio vende peras,
Vende peras a vintem,
Lá irá o meu menino,
Santinho, aviae-o bem.

(A.)

535 Santo Antonio vende peras
Lá detraz do seu vallado,
Se lá fôr o meu menino,
Santo Antonio convidae-o.

(A.)

536 Santo Antonio me acenou
De cima do seu altar,
Olha o maroto do sánto,
Que tambem quer namorar!

(A.)

537 Fui ao matto cortar lenha,
Santo Antonio me chamou,
Quando o santo chama a gente,
Que fará quem já peccou.

(A.)

538 Santo Antonio leve Antonio,
Antonio me leve a mim,
Os anjos do céo me guardem
A terra onde eu nasci.

(A.)

339 Santo Antonio, leve Antonio,
Antonio me leve a mim,
Os anjos do céo me levem
Antonio, p'r'ao pé de ti.

(A.)

540 Santo Antonio já foi frade,
Já foi frade, já prégou,
Ao pedir as Ave Marias,
Seu pae da forca livrou.

(A.)

541 Santo Antonio é tão santo,
Que livrou seu pae da morte,
Bem podia Santo Antonio
Dar-me uma bonita sorte.

(A.)

542 Santo Antonio é bom filho,
Que livrou seu pae da morte;
Ajudae-nos a vencer
Esta batalha tão forte.

(A.)

543 Santo Antonio é meu pae,
S. Francisco meu irmão,
Os anjos são meus parentes,
Oh! que linda geração!

(A.)

544 Santo Antonio e S. Francisco,
Ambos vivem no convento;
Santo Antonio está cá fóra,
S. Francisco está lá dentro.

(A.)

545 Antonio, de Santo Antonio,
Francisco, de S. Francisco,
José, de Nossa Senhora,
Manoel, nome de Christo.

(A.)

546 Santo Antonio, com ser santo,
Foi sempre um grande gaiato,
Foi á fonte com tres moças,
Recolheu, trazia quatro.

(A.)

547 Santo Antonio vae aos cravos,
S. João mette p'r'á cesta,
A Virgem faz a capella
P'ra Christo pôr na cabeça.

(A.)

548 No altar de Santo Antonio
'Stá 'ma grande cerejeira,
Quem será a venturosa
Que colherá a primeira!

(A.)

549 No altar de Santo Antonio,
'Stá um vaso de açucenas,
Onde vão as moças todas
A chorar as suas penas.

(A.)

550 Hei-de dar a Santo Antonio
'Ma fogaça de limões,
P'ra que sejam bem unidos
Estes nossos corações.

(A.)

551 Antoninho pede a Deus,
Que eu peço a Santo Antonio,
Que nos ajuntemos ambos
Co'o laço do matrimonio.

(A.)

552 Santo Antonio de Lisboa
Não tem velas no altar,
Em o santo me casando
Hei-de-lh'as lá ir levar.

(D.)

553 O' meu padre Santo Antonio,
Que lá 'stás n'essas alturas,
Estás todo cheio de cravos,
Dos pés até á cintura.

(A.)

554 O' meu padre Santo Antonio,
O' meu santinho de Deus,
Na noite do vosso dia
Se queimaram os judeus.

(A.)

555 O' meu padre Santo Antonio,
Vestidinho d'estamenha;
A quem Deus quer ajudar
O vento lhe ajunta a lenha.

(A.)

556 O' meu q'rido Santo Antonio,
Acompanhae os perdidos,
Acompanhae o meu amor
Quando vem falar comigo.

(A.)

557 O' meu q'rido Santo Antonio,
Que estaes no meio dos mattos;
Por amor dos mexericos
Se desmancham os contractos.

(A.)

558 A treze do mez de junho
Santo Antonio se demove,
S. João a vinte e quatro,
E S. Pedro a vinte e nove.

(A.)

559 Santa Maria do Carmo,
Menina de doze annos,
Escreveu a Santo Antonio
Que o mundo era de enganos.

(D.)

560 O' meu padre Santo Antonio
O vosso cordão é bento;
Dae-me a luz dos vossos olhos,
Do Divino Sacramento.

(A.)

561 Nem meu pae, nem minha mãe,
Nem Santo Antonio bemdito,
Me tiram do pensamento
O que o meu bem me tem dito.

(A.)

562 Santo Antonio de Lisboa,
Guardador dos olivaes,
Guarda lá minha azeitona
Do biquinho dos pardaes.

(E.)

563 Santo Antonio de Lisboa,
Guardador dos olivaes,
Guardae-o meu lindo amor,
Que cada vez foge mais.

(D.)

564 Se eu soubera que ainda tinha,
No teu c'ração cabimento,
Era como Santo Antonio,
Que tornou para o convento.

(A.)

565 Ailé,
Senhor Santo Antonio,
E' o melhor cravo
Do meu oratorio.

(A.)

566 S. João, quando se foi,
Todas as arv'res deixou,
Só o trevo de quatro folhas
Esse comsigo levou.

(A.)

567 S. João casae-me cedo,
Dae-me casas de sobrado,
Para recolher o trigo
No dia do meu noivado.

(A.)

568 S. João casae as moças,
Que vós, santo, bem podeis,
Casae-as de quinze annos,
Que vão par'*ós* dezeseis.

(A.)

569 S. João se adormeceu
Nos braços de sua tia,
Acorda, João, acorda,
Que ámanhã é o teu dia.

(A.)

570 S. João se adormeceu
Nas escadinhas do côro,
Deram as freiras com elle,
Depennicaram-n'o todo.

(A.)

571 S. João se adormeceu
Nas escadas do collegio,
A justiça não deu com elle,
S. João tem privilegio.

(A).

572 S. João se adormeceu
Nas escadas do collegio,
E acordou aos tres dias,
S. João tem privilegio.

(A.)

573 S. João á minha porta,
Eu não tenho que lhe dar,
Dou lhe uma canninha verde,
Para pôr no seu altar.

(A.)

574 S. João á minha porta,
Eu não tenho que lhe dar,
Darei lhe uma cadeirinha,
Para se elle aqui sentar.

(A)

575 S. João na nossa rua,
O' moças, dae-lhe cadeira,
Que elle leva as almas ao céo,
E a minha seja a primeira.

(A)

576 S. João perdeu a capa
No caminho do jardim,
Ajuntem-se as moças todas,
Façam-lhe uma de setim.

(A.)

577 S. João perdeu a capa
No caminho do estudo,
Ajuntem-se as moças todas,
Façam-lhe uma de velludo.

(A.)

578 S. João era bom moço,
Se não fosse tão velhaco,
Foi com tres moças á fonte,
Foi com tres e veio com quatro.

(A.)

579 S. João quando era novo,
Tinha uns sapatinhos brancos,
P'ra v'sitar as raparigas,
Domingos e dias santos.

(A.)

580 S. João me prometteu
De me dar uma capella,
Eu tambem lhe prometti
Toda a vida ser donzella.

(A.)

581 S. João me prometteu
Uma capella me dar,
Eu tambem lhe prometti
Ser solteira... até casar.

(A.)

582 S. João de Portalegre
Não tem vélas no altar,
Casae-me, santo, casae me,
Que eu t'as irei levar.

(A.)

583 Eu hei-de ir a S. João
A levar as nove rosas,
Tres brancas, tres encarnadas,
Tres amarellas formosas.

(A.)

584 No áro do meu pandeiro
Ninguem lhe ha-de pôr mão
Senão o meu lindo amor,
Na noite de S. João.

(A.)

585 S. João, por vêr as moças,
Fez 'ma ponte de cortiça,
As moças não vão á ponte,
S. João todo se riça.

(A.)

586 S. João, por vêr as moças,
Fez uma ponte de prata,
As moças não vão a ella,
S. João todo se mata.

(A.)

587 S. João por vêr as moças
Foi a Roma em penitencia;
As moças não gostam d'elle,
S. João perde a paciencia.

(A.)

588 S. João me prometteu
De me dar um bom marido,
Quando está o trigo em grão,
E o limoeiro florido.

(A.)

589 S. João me prometteu
De me dar um bom marido,
Minha mãe me respondeu:
Se o limão 'stiver florido;

(A.)

590 Já tenho a vista cançada,
De tanto olhar p'r'ó limão,
A vêr se elle floresce
Na noite de S. João.

(A.)

591 Eu pedi a S. João
Que me désse um bom marido,
S. João me respondeu:
Não penses em tal perigo.

(A.)

592 S. João, quando entrou,
Quando entrou á porta falsa,
Perguntou ao seu alferes
Se havia trigo na praça.

(A.)

593 S. João, quando entrou
Pelas portas da Carreira,
Perguntou ao seu alferes
Se havia trigo na eira.

(A.)

594 Na noite de S. João
Muita pancada levei,
Por causa d'uma alcachofra
Que p'r'o amor deitei.

(A.)

595 Na noite de S. João
Se exp'rimentam os amantes,
Hei-de exp'rimentar o meu,
Vêr se é firme como d'antes.

(A.)

596 Na noite de S. João
Me quer falar não sei quem ;
E' escusado ateimarem
Que eu não deixo o meu bem.

(A.)

597 A noite de S. João
E' uma noite do céo ;
Pediu a dama ao damo
Agua pelo seu chapéo.

(A.)

598 Levantaram-se as tres Marias,
Na manhã de S. João,
A vêr se as alcachofras
'Stavam *floridas* ou não ;

(A.)

599 Ellas não 'stavam floridas,
Ellas põem-se a chorar,
Dizem umas para as outras:
Nós havemos de casar.

(A.)

600 Ellas não 'stavam floridas,
Ellas põem-se a chorar,
Dizem umas para as outras:
S. João não nos quer casar.

(A.)

601 O' alcachofra, tu ardes,
Ardes para florescer;
Eu sou diversa de ti,
Ardo só para morrer.

(A.)

602 Na noite de S. João
P'ra bailar fui convidado,
Mas apenas tirei par
Eu fui logo criticado.

(A.)

603 Na noite de S. João,
Hei-de fazer 'ma fogueira,
P'ra saltarem as moças todas
E o meu amor a primeira.

(A.)

604 No mar embarcam *felores*
Navios á costa dão;
Eu tomei novos amores,
Na noite de S. João.

(A.)

605 Quer' cantar ao desafio,
Minha cara de tição;
Vamos nós a vêr quem brilha,
Na noite de S. João.

(A.)

606 Carvoeiras, carvoeirás,
Eu nunca vendi carvão;
Havemos de vêr quem brilha,
Na noite de S. João.

(A.)

607 Estas é que são as saias,
Estas mesmas é que são,
São cantadas e bailadas
Na noite de S. João.

(A.)

608 Dos olhos da minha amante,
Recebo a inspiração,
Para as cantigas que canto
Na noite de S. João.

(A.)

609 De roda d'aquelle mastro
Foi a minha perdição,
Perdi um annel de oiro,
Na noite de S. João;

(A.)

610 Não é p'lo annel que eu choro,
Mas sim pelo que dirão;
Dirão que sou 'ma perdida,
Perco tudo que me dão.

(A.)

611 Moças, enfeitae o mastro
Com fitinhas encarnadas,
Para quem passar dizer:
Olha o mastro das casadas.

(A.

612 Quem disser que o mastro pende,
Lá p'ra baixo da ribeira,
Viva quem *no* enramou,
Que o mastro é das solteiras.

(A.

613 Onde estará o Baptista,
Elle não está na egreja,
Anda de mastro em mastro,
Para vêr quem *no* festeja.

(A.

614—D'onde vindes, ó Baptista,
Pela calma, sem chapéo?
—Venho de vêr as fogueiras,
Que chegam até ao céo.

(A.)

615—D'onde vindes, ó Baptista,
Dos montes para a cidade?
—Prégar nova lei ao mundo,
Annunciar a verdade.

(A.

616 Além vem o Baptista abaixo,
Comendo n'um cacho d'uvas,
Dando os bagos ás solteiras,
Os engaços ás viuvas.

(A.

617 O Baptista já vem perto,
Vem chegando ao rocio.
Procurando aos inquilinos
Se pagam ao senhorio.

(A.)

618 Lá vem o Baptista abaixo,
Subindo aquellas ladeiras,
Dando abraços ás viuvas,
E beijinhos ás solteiras.

(A.)

619 Lá vem o Baptista abaixo,
Vem chegando ao rocio,
Vem dizendo aos moradores:
Vão pagar ao senhorio.

(A).

620 Lá vem o Baptista abaixo,
Vestidinho de amarello;
Se é casado, vá-se embora,
Se é solteiro, cá o quero.

(A.)

621 Lá vem o Baptista abaixo,
Vestido de azul ferrete,
N'uma mão traz a custodia,
E na outra um ramalhete.

(A.)

622 Lá vem o Baptista abaixo,
Vestido de azul pombinho,
E dizem as raparigas:
O' que lindo soldadinho!

(A.)

623 Lá vem o Baptista abaixo,
Vestido de azul pombinho,
N'uma mão traz a custodia,
Na outra o Verbo Divino.

(A.)

624 Lá vem o Baptista abaixo,
Mettido n'aquell' tropheo;
Quinta-feira d'Ascensão
Subiu Jesus Christo ao céo.

(A.)

625 O Baptista não vem hoje,
Ha-de vir segunda-feira,
Ha-de achar a cama feita,
Coberta de herva cidreira.

(A.)

626 Ai, que lindo annel d'oiro
Tem o Baptista no dedo,
Que lh'o deu sua madrinha,
Santa Clara de Lorêdo.

(A.)

627 No altar de S. João
Nascem bellas cerejeiras,
S. João subio ao céo
A pedir pelas solteiras.

(A.)

628 No altar de S. João
Nascem rosas amarellas,
S. João subio ao céo
A pedir pelas donzellas.

(A.)

629 No altar de S. João,
Nascem rosas encarnadas,
S. João subiu ao céo,
A pedir pelas casadas.

(A.)

630 Nós havemos de casar,
Mas por ora ainda não,
Casaram as tres Marias
Na manhã de S. João.

(A.)

631 Baila o sol e canta a lua
Na manhã de S. João,
Aqui ficas encantada
Até que a terra dê grão.

(A.)

632 O' Baptista, sois ourives,
Fazei-me um annel d'oiro,
Quero trazer no meu dedo
Prenda do vosso thesoiro.

(A.)

633 A S. João hei de dar
'Ma fogaça de limões,
Se depressa se ajustarem
Os nossos dois corações.

(A.)

634 O' moças armae o mastro
Com as fitas amarellas,
Para quem passar dizer:
E' o mastro das donzellas.

(A.)

635 No altar de S. João
'Stá um copo d'agua fria,
Não é copo, não é nada,
E' o c'ração de Maria.

(A.)

636 No altar de S. João,
Está uma vela accesa,
Que lhe pôz p'lo seu amor,
Uma linda camponeza.

(A.)

637 Eu sou como o trigo em maio
Ceifado no S. João;
Em qualquer engano caio
Feito pela tua mão.

(A.)

638 Já meu amor me deixou,
D'elle não tenho paixão,
Puz outro no seu logar
Na noite de S. João.

(A.)

639 Hei-de ir ao S. João,
Com tres castanhas cozidas,
Eu hei-de ficar rendido
Das pernas das raparigas.

(A.)

640 Na noite de S. João
Tudo eram brincadeirinhas,
Tambem quero que me digam:
Ora toma, Mariquinhas.

(M.)

641 Se fôres a S. João
Trazei-me um S. Joãosinho,
Se vós não poderes co'o grande,
Trazei-me o mais pequenino.

(D.)

642 Aquella lameira verde
Foi a minha perdição,
Achei lá um annel d'oiro
Na manhã de S. João.

(B. B.)

643 Tudo que é verde se sécca
N'este mez de S. João,
Só meu amor reverdece
Dentro do meu coração.

(A.)

644 Não ha homem como Deus,
Nem mulher como Maria.
Nem santo como S. João,
Nem luz como a luz do dia.

(A.)

645 Quem me dera ser pintor
Que pintara S. João,
Como pintei o meu amor,
Dentro do meu coração.

(A.)

646 S. João é festejado,
Mais na vesp'ra que no dia,
Na Hespanha, no Algarve,
Em Portugal, *na* Turquia.

(A.)

647 A rua do Esp'rito Santo
No meio tem um limão,
Onde vão as moças todas
A cantar *ó* S. João.

(A.)

648 Quinta-feira d'Ascensão,
Dia de Corpo de Deus,
Manhã de S. João,
E noite de S. Matheus.

(A.)

649 O' Baptista, luz divina,
Espelho da christandade,
Precessor da embaixada
Da Santissima Trindade.

(A)

650 Vá de ginguêro *ó* gingo,
Vá de ginguêra *ó* não,
Quem quizer dançar o gingo
Vá de roda de S. João.

(A.)

651 Na noite de S. João
Andam as flores á tuna,
Hei-de-me pôr á janella
Só p'ra vêr se caço uma.

(D.)

652 Ai meu rico S. João,
Ouve as trovas dos festeiros,
Faz as moças bem doidas,
Ai, faz os velhos gaiteiros.

(D.)

653 A' porta de S. João
'Stão rosinhas amarellas,
'Stão todas acalcanhadas
Dos sapatos das donzellas.

(D.)

654 A' porta de S. João
'Stão rosinhas vermelhinhas,
'Stão todas acalcanhadas
Dos sapatos das meninas.

(D.)

655 S. João já vem perto
Vem chegando ao Arnado,
Vem dizendo aos caseiros
Que o anno 'stá acabado.

(D.)

656 S. João, S. João,
Deixae este v'rão passar,
Dai-me noivo, S. João,
Que me quero eu casar.

(D.)

657 O S. João da Figueira
Escreveu ao de Leiria,
Que lhe mandasse dizer
Quando era o seu dia.

(D.)

658 O' divino S. João,
Eu vos peço, de joelhos,
Que me dês um rapaz novo,
O diabo leve os velhos.

(A.)

659 Milagroso S. João,
Que estás á beira do mar,
Atraz da vossa capella
Anda a sardinha a saltar.

(D.)

660 Alembra-te a ti, menina,
Da noite de S. João,
Que contastes as estrellas,
Eu as areias do chão.

(D.)

661 S. João, S. João, S. João,
Sem licença não me hei de casar,
Dae-me noivo, S. João, dae-me noivo,
Dae-me noivo, que me quero casar.

(A.)

662 Festejemos o Baptista,
Que já se vae acabando,
Sabe Deus quem chegará
D'este Baptista a um anno.
—Ailé,
Viva o encarnado,
Viva, viva, viva
O meu bem amado.

(A.)

663 No altar de S. João,
Está um cravo encarnado,
Das cortinas para dentro
'Stá Jesus sacramentado.
—Isso sim,
Capella de flores,
S. João é
Os meus amores.

(A.)

664 No altar de S. João,
'Stá 'ma capella que cheira,
Cheira a cravo, cheira a rosa,
Cheira a flôr de larangeira.
—Meu bem,
Lá vae, deixa ir,
O rapaz é moço,
Quer-se divertir.

(A.)

665 Se S. João me não casa,
Por todo o anno que vem,
Hei-de-me ir á sua porta
Gritar—Aqui d'El-rei.
—Ailé,
Laranja, laranja,
Quem não tem amores,
Fraca vida arranja.

(A.)

666 Eu hei de ir a S. João,
Com viola e pandeiro,
Se achar as portas fechadas
Hei de bailar no terreiro.
—Ora viva,
Lá no mastro,
S. João é
O meu padrasto.

(A.)

667 Eu hei-de ir a S. João
A levar-lhe nove rosas,
Tres brancas, tres amarellas,
Tres encarnadas, formosas.
—Isso sim,
Capella, capellas,
S. João
Casae as donzellas.

(A.)

668 Eu heide ir a S. João
Cobrir a cara com um véo,
No dia do vosso nome
Subiu o Senhor ao céo.
—Isso sim,
Rosa amarella,
Viva a paz,
E morra a guerra.

669 Fui á porta do Baptista,
Perguntar p'los meus amores,
Lá de dentro me atiraram
Com 'ma capella de flores.
—Isso sim,
Meu cravo branco,
Viva o Baptista,
Que é santo.

670 A capella do Baptista,
E' de rosas amarellas,
A capella é do santo,
O santo é das donzellas.
—Isso sim,
Capella de cravos,
S. João é
Os meus cuidados.

671 A capella do Baptista
E' de rosas encarnadas,
A capella é do santo,
O santo é das casadas.
—Isso sim,
Mas isso não;
Festejemos
A S. João.

672 A capella do Baptista
E' de fitas côr de rosa,
Que lh'a fizeram as freiras
D'esta côr primorosa.
—Não é nada,
Não é nada,
S. João
Comeu pescada.

(A.)

673 Altas torres tem Lilão,
Quem me dera lá trepar,
Só p'ra ver a S. João,
Que 'stá posto no altar.
—Ora viva,
Viva tudo,
Viva o Salvador
Do mundo.

(A.)

674 Na torre de S. João
Fizeram uma egreja;
Anda o mundo de tal sorte,
Que ninguem logra o que deseja.
—Ora viva,
Viva, viva,
Viva a gloria
Mais subida.

(A.)

675 Ao senhor governador
Pedimos com attenção,
Dê as chaves ao ajudante
P'ra irmos a S. João.
—Isso sim,
Mas isso não,
O' Baptista
S. João.

(A.)

676 Quem quizer ver maravilhas
Vá ao rio de Jordão,
Lá 'stá Christo de joelhos,
Baptisando a S. João.
—Ora viva,
Lá na sé,
Jesus,
Maria, José.

(A.)

677 S. João baptisa a Christo,
Christo baptisa a João,
Ambos foram baptisados
Com agua do rio Jordão.
—Ora viva,
Viva o cravo,
S. João é
Os meus cuidados.

(A.)

678 —D'onde vindes, ó Baptista,
D'onde vindes orvalhado?
—Venho do rio Jordão,
De fazer um baptisado.
—Ailé,
Já me esquecia,
De dar o remate,
Que eu bem o sabia.

(A.

679 Lá no rio de Jordão
Passeia Santa Izabel,
Dizem que é mãe do Baptista,
Oh que ditosa mulher!
—Ora viva,
Lá na gloria,
S. João,
Santa Victoria.

(A

680 S. João colhe os cravos,
S. José mette os na condeça,
A Virgem faz a capella,
Christo a põe na cabeça.
—Ora viva,
Lá nas freiras,
S. João
Casae as solteiras.

(A.)

681 Se S. João bem soubera
Quando era o seu dia,
Viria do céo á terra,
Com prazer e alegria.
—Ora viva,
Lá nos frades,
S. João
Casae os rapazes.

(A.)

682 Desperta, João, desperta,
Que já chegou o teu dia,
Vem ver como te festejam,
Com prazer e alegria.
—Isso sim,
Mas isso cedo,
Antonio,
João e Pedro.

(A.)

683 Se lá no céo Deus faltara,
Coisa fôra nunca vista,
Em logar de Deus, no céo
Governaria o Baptista.
—Ailé,
Cadeia, cadeia,
Não me bata o pé,
Que me estrala a meia.

(A.)

684 Já não ha frade, nem freira,
Nem orgão, nem organista,
Nem santo mais festejado
Que o nosso S. João Baptista.
—Isso sim,
Meu cravo roxo,
Viva o Baptista,
Que é coxo.

(A.)

685 O' Baptista, ó Baptista,
O' Baptista, meu compadre,
Casou as mocinhas todas,
Só faltou sua comadre.
—Ailé,
O' João, João,
Prenda da minh'alma,
Do meu coração.

(A.)

686 O' Baptista sois ourives,
Dae-me uma chave doirada,
Abre-me as portas do céo,
Que eu quero fazer jornada.
—Ailé,
Eu hei-de ir, hei-de ir,
Jurar a verdade,
Que eu não sei mentir.

(A.)

687 Quero cantar e bailar,
Divertir-me a todo o panno,
Quem sabe quem chegará
D'este Baptista a um anno.
—Ora viva,
Com grandeza,
S. João
E Santa Th'reza.

(A.)

688 Festejemos o Baptista,
Que já se vae acabando,
O Baptista vae e vem,
Nós vamos e não voltamos.
—Ailé,
Cinta aos cadilhos,
Quem me dera ver
O pae de meus filhos.

(A.)

689 Quem quizer ver o Baptista
Vá lá fóra a S. Francisco,
Que lá está feito alferes,
Ao lado de Jesus Christo.
—Ailé,
Viva, viva,
S. João,
Santa Margarida.

(A.)

690 Fui á porta do Baptista
Procurar os meus cuidados,
Lá de dentro me atiraram
C'uma capella de cravos.
—Ailé,
S. João da Beira,
Se me não queres,
Ha muito quem queira.

(A.)

691 Além vem os corcovados,
Cada um com sua invenção,
A fazerem uma festa
Ao Baptista S. João.
—O' Elvas, ó Elvas,
Badajoz á vista,
Já não faz milagres
S. João Baptista.

(A.)

692 Que lindo laço de fita
Traz o Baptista no dêdo,
Que lh'o deu sua madrinha,
Santa Clara de Lorêdo.
—Repapoila, repapoila,
Feijão branco,
Arroz de caçoila.

(E.)

693 Somos todas raparigas,
Orvalhadas de S. João,
Dançai, dançai, até quando
Já não pulsa o coração.

(D.)

694 Orvalheiras, minhas orvalheiras,
Viva a flôr das moças solteiras.

(D.)

695 Orvalhadas, minhas orvalhadas,
Viva a flôr das moças casadas.

(D.)

696 E já é muito, e já é muito,
S. João a comer presunto.

(D.)

697 E tudo é dito, e tudo é dito,
S. João a comer cabrito.

(D.)

698 Ailé, ailé,
Noite de S. João!
E' onde eu tenho
A minha adoração.

(A.)

699 S. Pedro é pae dos clerigos,
E avô dos engeitados,
Bem puderas tu, S. Pedro,
Trazer os cler'gos casados.

(A.)

700 S. Pedro, abre-me as portas,
Ha um anno que aqui 'stou,
Eu venho a render as graças
A um Deus que me criou.

(A.)

701 Se S. Pedro não me casa
N'este domingo de festa,
Hei de me ir á sua egreja,
Hei de lhe chamar careca.

(A.)

702 Se S. Pedro não me casa
N'este domingo que vem,
Hei de me ir á sua egreja,
Gritar—Aqui d'Elrei.

(A.)

703 Se S. Pedro não negára
A Christo, como negou,
Outro gallo lhe cantára,
Melhor que o que lhe cantou.

(A.)

704 S. Pedro é homem velho,
Homem de muito juizo,
Por isso o Senhor o fez
Chaveiro do Paraiso.

(A.)

705 Fui á festa de S. Pedro,
E com toda a devoção,
Mas perdi a fé que tinha
A' vista do sacristão.

706 S. João e mais S. Pedro
São dois santos mudadores,
S. João muda os criados,
S. Pedro muda os pastores.

707 S. João e mais S. Pedro
Ambos vestem seu vestido,
S. João de prata lavrada,
S. Pedro de oiro batido.

708 S. João á minha porta,
E S. Pedro ao meu postigo,
S. João a namorar,
S. Pedro não casa comigo.

709 S. Pedro subiu ao céo
A regar o seu jardim,
S. João colheu um cravo
Para dar a S. Joaquim.

710 S. João e mais S. Pedro,
Ambos dois são mudadores,
S. João muda solteiras,
E S. Pedro muda amores.

711 Por causa das pretensões,
As mulheres que não farão?
Fizeram cair S. Pedro,
Degolaram S. João.

(A.)

712 S. Pedro perdeu as chaves,
Não por falta de juizo,
Santo Antonio lh'as depare
Que são as do Paraiso.

(A.)

713 O' S. Pedro mudador,
Até as aguas mudaes,
Não mudeis os meus amores,
Que são penas que me daes.

(A.)

714 P'r'ás fogueiras de S. Pedro,
Manoel, vem tu tambem,
Se é de mim que tu tens medo
Não faço mal a ninguem.

(A.)

715 Ai, S. Pedro é caréca,
Careca não tem cabello;
Quando voltou do Egypto,
Montava n'um burro em pello.

(D.)

716 Eu hei-de-me aventurar,
Eu hei de perder o medo,
Eu hei de cortar uma rosa
Na roseira de S. Pedro.

(D.)

717 Eu todos os dias rezo
Ao Senhor S. Joaquim,
P'ra que livre o meu amor
D'um pensamento ruim.

(A.)

718 Botei o barro á parede
Em louvor de S. Joaquim,
Se o barro pegar, pegou,
Se não pegar, fica assim.

(D.)

719 O' S. Paio, ó S. Paio,
O' S. Paio milagroso,
Vós tirastes as maleitas
A quem era maleitoso.

(D.)

720 O' milagroso S. Paio,
O' milagroso santinho,
A promessa que vos devo
E' de vos lavar com vinho.

(D.)

721 O' milagroso S. Paio,
O' S. Paio da Torreira,
Ficou o meu amor em terra,
Torna o barco á ribeira.

(D.)

722 O' S. Paio, ó S. Paio,
Eu já não tremo maleitas,
Inda me dão as refrégas
Ao pé das moças bem feitas.

(D.)

723 S. Gonçalo d'Amarante,
Brincalhão e galhofeiro,
Fazei-vos das raparigas
Devoto e casamenteiro.

(A.)

724 S. Gonçalo d'Amarante,
Casamenteiro das velhas,
Porque não casas as moças,
Que mal vos fizeram ellas?

(A.)

725 S. Gonçalo d'Amarante,
Feito de pau d'amieiro,
Dá saude aos meus tamancos,
P'ra regar o meu lameiro.

(M.)

726 Senhor S. Bartholomeu,
Prometti-lhe uma novena,
Que me livrasse do medo,
Que o medo é uma pena.

(D)

727 A vinte quatro de agosto
Vem o S. Bartholomeu;
Puzeste-te a mal comigo,
Com paixões engordo eu.

(A.)

728 A vinte quatro de agosto
E' o S. Bartholomeu;
Menina fuja a seu pae,
Que eu tambem fujo ao meu.

729 S. Bartholomeu de pedra,
Lá detraz dos olivaes,
Guardae a minha azeitona
Não a comam os pardaes.

(A.)

730 Ailé,
S. Bartholomeu,
Santo da minh'alma,
De lá venho eu.

(A.)

731 O' meu amor, pede a Deus,
Que eu cá peço a S. Vicente,
Que nos ajuntêmos a ambos
No reino do céo p'ra sempre.

(A.)

732 Moças, se teem sezões,
Peguem se com S. Martinho,
Senão, peguem-se comigo,
Que o santo é meu vizinho.

(A.)

733 Quem me dera ser pintor,
Que pintava a S. Lourenço,
E pintava o meu amor
Nas pontinhas do meu lenço.

(A.)

734 Antes que me espetem settas,
Como a S. Sebastião,
Não hei de deixar de amar
A quem tenho na tenção.

(A.)

735 Mandaste me vir, eu vim,
A' capella de S. Braz,
Eu vim, tu não vieste,
Tens palavra de rapaz.

(B. A.)

736 S'tou capaz de rebentar
Tiraram-me o meu rapaz,
S'tou doente da garganta,
Valha-me o Senhor S. Braz.

(A.)

737 Não me queres, por ser pobre,
Olha para São Francisco,
Que lá 'stá no altar mór
Olhando p'ra Jesus Christo.

(A.)

738 Eu fui ao Senhor S. Bento,
Metti um osso n'um pé,
Dize-me ó minha menina
O S. Bento por d'onde é.

(M.)

739 Senhor S. Domingos
Tem sino de bronze,
Onde vae meu bem
A' missa das onze.

(A.)

740 Villa de Estremoz,
Santo André no centro,
Onde eu vou á missa
E o meu regimento.

(A.)

741 Villa de Estremoz,
Santo André na praça,
A fonte das bicas
Dá-lhe muita graça.

742 Ailé, ailé,
Senhor Santo Aleixo,
O amor que eu tenho
Só por morte o deixo.

743 Rainha Santa Isabel,
Que foi ao inferno em vida,
Veio de lá admirada
De ver tanta alma perdida.

744 Para que quero eu olhos,
Senhora Santa Luzia,
Se eu não heide vêr meu bem
A toda a hora do dia.

745 Senhora Santa Luzia,
Nas altas torres de Hespanha;
Jesus, José e Maria,
Estejam na nossa campanha.

746 Senhora Santa Luzia,
Eu tambem sou andaluz;
Jesus, José e Maria,
Maria, José e Jesus.

747 Senhora Santa Cath'rina,
Minha santinha de prata,
De vagar se vae ao longe,
Muito tolo é quem se mata.

(A.)

748 Adeus, ó Santa Cath'rina,
'Stás ao lado de S. Braz,
Hei tiral a p'ra madrinha,
Se me der um bom rapaz.

(A.)

749 O meu bem, meu bem,
Lá cima, lá cima,
Está no altar mór
De Santa Cath'rina.

(A.)

750 Milagrosa Santa Eufemia,
Onde tendes la morada?
Abaixo de S. Domingos,
Nos olivaes da Parada.

(B. A.)

751 Eu hei de ir a Santa Eufemia,
Santa Eufemia da Parada,
Para ouvir cantar a cega,
Que tem muita *lumiada.*

(B. A.)

752 Senhora Santa Suzanna,
Minha sogra está damnada,
Pelo seu filho, que a mim
Me dá por mal empregada.

(A.)

753 Senhora Santa Suzanna,
O meu sogro está damnado,
Porque me diz que o seu filho
Em mim é mal empregado.

(A.)

754 O' Senhora Santa Eulalia,
Devota dos seus romeiros,
Mal empregada Senhora
Em terra de carvoeiros.

(A.)

755 Fui á França por Biscaia,
Por vêr S João da Luz,
Lá estava Santa Eulalia,
Na companha de Jesus.

(A.)

756 Adeus, adeus, ó Canellas,
Aonde se córa o linho,
Onde está Santa Victoria,
Irmã de S. Victorino.

(D.)

757 Se fores ao mar pescar,
Pesca Santa Margarida,
A santinha do meu nome,
Que anda pelo mar perdida.

(D.)

758 Ailé,
Senhora Sant'Anna,
Livrae meu amor
De morte tyranna.

(A.)

e) Sentimentos religiosos

759 Altos céos, a quem adoro,
Que tendes todo o poder,
Avivae minha memoria,
P'ra que eu o possa dizer.

(D)

760 Triste sorte é o nascer,
Depois de nascer, peccar,
Depois de peccar, morrer,
Depois de morrer, penar.

(A.)

761 Coitadinho de quem morre,
Se ao Paraiso não vae,
Quem cá fica logo come,
Logo a paixão se lhe vae.

(A.)

762 Tudo n'este mundo passa,
No céo, na terra, no mar;
Assim a minha desgraça
Tenho fé que ha-de acabar.

(A.)

763 Minha verdura, meu viço,
Ninguem da terra os murchou,
Foi decreto de mais alto
Que os meus dias acabou.

(A.)

764 Não se me dá de ter cruz,
Tendo o calvario ao pé,
Não se me dá de morrer,
Sabendo eu por quem é.

(D.)

765 A cruz do meu pensamento
Tem o calvario ao pé,
O amar-te ás escondidas
Para mim calvario é.

(A.)

766 Puz as mãos nas sacras horas,
Tu juraste e eu jurei,
Cuida tu em ser constante,
Que eu á fé não faltarei.

(A.)

767 O' oliveira do adro,
Oliveira do Senhor,
O' pedras da *sancristia,*
Encosto do meu amor.

(D.)

768 Dizeis que tenho amores;
Santissimo Sacramento!
Não os tenho, nem os quero,
Nem me vem ao pensamento.

(D.)

769 Chorava José no Egypto
Por seu pae, que era Jacob,
E tambem eu choro e grito,
Por me ver no mundo só.

(A.)

770 Chorou no deserto Elias,
A morte do Redemptor;
Choraram as tres Marias
No enterro do Senhor.

(A.)

771 Eu subi ao altar mór
Accender velas ao throno;
Escusado é cançar-me
Por fazenda que tem dono.

(A.)

772 Isto é morrer de pena
De fazer alguma asneira,
De morrer bem como Judas,
Agarrado a 'ma figueira.

(A.)

773 Se fores á Barca d'Alva
Leva contas de rezar,
Que lá é o Purgatorio,
Onde as almas vão penar.

(B. B.)

774 Ai, Jesus, quem compra o céo,
Que bem barato se vende;
Quem n'este mundo faz bem
No outro não se arrepende.

(A.)

775 O' meu amor, quem me dera,
O que a minh'alma deseja:
As portas do céo abertas,
Como 'stão as da egreja.

(A.)

776 Hei de mandar a fazer,
Que eu não posso fazer tudo,
Umas casinhas no céo
P'ra viver no outro mundo.

(A.)

777 Lá nos altos céos em pino,
Onde nasce a claridade,
Onde se faz e desmancha
Laços de pura amizade.

(A.)

778 Se ouvires dobrar os sinos,
Não perguntes quem morreu,
Dize: foi o meu amor,
Deus lhe leve a alma ao céo.

(A.)

779 Se eu d'esta terra me fôr,
E' cousa que póde ser,
Reza-me por alma, amor,
Que posso por lá morrer.

(A.)

780 Se ouvir's dizer que morri,
Não deites o fato á tinta,
Eu morro, vou para o céo,
Tu ficas na tua quinta.

(A.)

781 De que me serve dar ais,
Abrir o céo com gemidos,
Se a mesma distancia faz
Com que não sejam ouvidos.

(A.)

782 Os nossos dois corações
Unil-os o céo não quiz,
E' forçoso separal-os,
Pouco tempo fui feliz.

(A.)

783 Quando de ti me apartei
Ai, Jesus, que dôr tão forte!
O meu corpo á terra dei,
A Jesus pedi a morte.

(A.)

784 Eu hei de escrever ao céo,
Carta que vá retenindo,
Para que a terra não coma
Esse teu corpo tão lindo.

(A.)

785 A borda do meu chapeu
E' de linhas de marcar;
Eu morrendo vou p'r'ó ceo,
Que já lá tenho logar.

(A.)

786 Repara, meu bem, repara,
Olha cá p'ra o peito meu,
Unâ-mos as nossas almas,
Voê-mos ambos p'ra o ceo.

(A.)

787 Adeus logar de Silvalde,
Adeus pinhal da Bemposta;
Lembra-te da minha consciencia,
P'r'ó ceo se lembrar da vossa.

(D.)

788 Eu já fui ao céo em vida,
Amortalhada em ais,
Na torre dos teus sentidos
Me fizeram os signaes.

(A.)

789 Quando a casa faz poeira
Então é que é o bailar;
Lá no céo 'stá uma cadeira,
P'ra quem a souber ganhar.

(A.)

790 Fui ao cemiterio santo,
E sem susto alguem entrei;
Adorei a sepultura,
Olhos ao céo levantei

(A.)

791 O' coração de tres azas,
Dá-me uma para voar,
Quero ir ao céo em vida,
Em vindo torno-te a amar.

(D.)

792 Se tu me quizeras bem
Não me falláras assim,
Botando os olhos ao céo,
Voltavas-te para mim.

(D.)

793 Não sei que praga te rogue,
Para me vingar de ti,
Permitta o céo que te eu logre,
E tu me logres a mi.

(A.)

794 Das bandas de onde eu venho
Oh céos! que não raiaes,
Da tua luz necessito,
E tu não me alumiaes.

(A.)

795 Manda-me o céo amar te,
Lindo anjo do Senhor,
De que me serve adorar-te
Se não creio no teu amor.

(A.)

796 Os olhos ao céo levanto,
Lagrimas deixo correr,
Clamando contra o ciume,
Ai, meu bem, isto é morrer!

(A.)

797 Eu hei de subir ao céo,
E lá hei de reclamar,
Já que o meu bem me deixou
Na maior força de amar.

(D.)

798 Ainda que do céo viera,
Ordem para te deixar,
Virava-me contra as leis,
Inda te tornava a amar.

(A.)

799 Jurei aos céos de te amar
Inda que tu me deixasses,
E cumprir meu juramento
Se tu me não enganasses.

(A.)

800 Jurei aos céos de te amar,
Não quebrei meu juramento,
Foste tu, com teus desdens,
Que chamaste este tormento.

(A.)

801 Jurei aos céos de ser tua,
De te amar aos céos jurei,
Agora torno a jurar,
Que tua sempre serei.

(A.)

802 Toda a vida trouxe e trago
Fita verde no chapéo,
Agora trago um lettreiro
Só p'ra ver se ganho o céo.

(D.)

803 Toda a vida tenho usado
Fita verde no chapéo,
Agora trago-te a ti
Para ver se ganho o céo.

(A.)

804 Dizes que o amar é peccar,
Ai de mim, que já pequei!
Se p'l'amar se perde o céo,
Ai, não se salva ninguem.

(A.)

805 Ingrato, permitta o céo
Que lá te venha o castigo,
Falas com outros amores,
Andas falando comigo.

(A.)

806 Adeus, ó largo da Feira,
Pedras finas d'alto preço,
Do céo venha quem te logre,
Já que eu não te mereço.

(D.)

807 O céo pague a quem faz bem,
E castigue a quem mal faz,
Que castigue a minha amada,
Que ama a outro rapaz.

(A.)

808 Ó cimo do nosso *aidro*
'Stá um espelho de vestir,
Quem se quer mirar a elle
Vae ó céo e torna a vir.

(B. B.)

809 Antonio, meu oratorio,
Espelho do meu vestir,
Quem tem amor's com Antonio
Vae ao céo e torna a vir.

(A.)

810 No logar do Nadador
Temos ladeira a subir,
Quem lá vae tomar amores
Vae ao céo e torna a vir.

(E.)

811 Não cuides, por me deixares,
Que no céo ganhaste palma,
Eu cahi por innocente,
Desgraçada da tu'alma.

(A.)

812 Ingrato, que te fiz eu,
Que pedes ao céo vingança?
Queres ver meu coração
Na pontinha d'uma lança?

(A.)

813 Eu não sei que mal te fiz,
Que ao céo pediste vingança,
Queres que o meu coração
Morra na ponta da lança?

(D.)

814 O amor nasce do céo,
Comtigo quero viver,
Sem amores ninguem passa,
Hei de amar-te até morrer.

(A.)

815 A esperança é dom do céo,
A desgraça é o perdel-a,
Com ella se vae a vida,
Quem póde viver sem ella?

(A.)

816 Meu amor, em eu morrendo,
Cá de mim não tenhas dó,
Eu morro vou para o céo,
Tu ficas no mundo só.

(A.)

817 O' aguia, que vaes tão alta,
Por essas serras d'alem,
Leva-me ao céo aonde eu tenho
A alma de minha mãe.

(E.)

818 Eu quero cantar baixinho,
Que me não ouça o vigario,
Não quero levar peccados
Aos pés do confessionario.
(D)

819 Já lá vão os Missionarios,
Já lá vae a nossa guia,
Nós cá ficamos entregues
Ao coração de Maria.
(D.)

820 Já lá vem a quarentena,
Já se não fala em amores,
Adeus ó minha açucena
Até á paschoa de flores.
(A.)

821 Ailé,
Lá cima vou eu,
Deitar agua benta
A quem me morreu.
(A.)

822 Ailé,
Eu ouvi dizer:
'Stá o céo aberto
P'ra quem o mer'cer.
(A.)

823 Isto é sol posto,
O dia acabado,
Sou o manageiro,
Dêmos o *louvado*.
(A.)

f) Diabo

824 Um côrvo te tire os olhos,
'Ma cegonha o coração,
O diabo das unhas grandes,
Que te leve em procissão.

(A.)

825 Os homens são como os lobos,
Só lhes minga ter o rabo,
Apparecem ás donzellas
Em figura de diabo.

(D.)

826 Eu tenho uns sapatos novos
Forrados de péll' d'aranha,
Quando eu os tenho calçados
Nem o diabo me apanha.

(A.)

827 Deste-me um ramo d'arruda,
Fazias de mim diabo,
E o diabo eras tu,
Me trazias enganado.

(M.)

828 S'tou capaz de arrebentar,
Roubaram-me o meu rapaz,
Vou a rogar-lhe uma praga,
Que o leve a ell' satanaz.

(A.)

829 Dia de todos os santos,
E' que te eu peguei a amar,
Se não fazem o milagre
P'r' ós diabos me vou voltar.

(A.)

830 Mal haja quem me não deixa
Viver bem com meus amores,
Sempre no mundo hade haver
Demonios attentadores.

(A.)

831 O pae Paulino tem olho,
E o diabo é tendeiro,
Para comer a dispensa,
Ella está no gaveteiro.

(D.)

832 Minha sogra morreu hontem,
Foi se enterrar ao inferno,
Dizem todos os diabos:
Temos lenha p'r'ó inverno.

(A.)

833 'Traz do dia vem a noite,
Detraz da manhã a tarde,
Detraz de mim 'stá o diabo,
Detraz de ti 'stá um padre.

(A.)

834 Aqui d'el-rei dos diabos,
Hoje aqui se pinta a manta;
Uma perna cobre a outra
Debaixo da roupa branca.

(D.)

835 'Stou farto de romper solas,
Quem não anda não apprende,
Cartas, mulheres e bolas
Só o diabo é que as entende.

(A.)

836 Tira-te d'essa janella,
Que *dêta* par'*ó* telhado,
Se julgas ser boa moça,
E's *más* feia que o diabo.

(A.)

837 Os cravos do meu craveiro
'Stão voltados ao telhado;
Tens fama de ser bom moço,
E és feio como o diabo.

(A.)

838 Aldeia de Santa Eulalia,
Terra de tanto almocreve,
E' terra de mil diabos,
Quem não tem chocalh' não bebe.

(A.)

839 Minha sogra, minha sogra,
Minha sogra é o diabo,
Porque me dá o seu filho
Em mim por mal empregado.

(A.)

840 Os meus primeiros amores
Entreguei-os ao diabo,
Estes que eu agora tenho
Hei de amal-os com cuidado.

(D.)

841 O diabo leve as mulheres,
Sem uma unica excepção,
A primeira seja a minha,
Segunda a do meu patrão.

(A.)

842 O diabo leve os homens
Todos pela barra fóra,
O Senhor me guarde o meu,
Que sabe tocar viola.

(D.)

843 O diabo leve os homens,
O primeiro seja o meu;
Homens que não ganham pão
Para que os quero eu?

(D.)

844 O diabo leve, leve,
O diabo leve a quem?
O diabo leve os homens,
E não leve a mais ninguem.

(D.)

845 O diabo leve os homens,
Enfiados n'uma linha,
Para a porta do inferno
Tocar n'uma campainha.

(A.)

846 O diacho leve os homens
Enfiados n'um cordel,
O primeiro seja Antonio,
O segundo Manoel.

(E.)

847 O diabo leve os homens,
Fora aquelle a quem quer' bem,
Se algum dia me fôr falso
Leve-o o diabo tambem.

(A.)

848 O diacho leve os homens,
Menos tres que eu cá conheço,
Que são meu pae, meu padrinho,
E outro a que Deus mereço.

(A.)

849 Que maus são todos os homens!
Dizem as mulheres ao cabo,
Não desejam outra coisa
Senão que as leve o diabo.

(A.)

850 Eu hei de cantar e rir,
Hei de ser bastante alegre,
Hei de mandar a tristeza
Para o diabo que a leve.

(E.)

851 Tristezas não pagam dividas,
Leve o diabo as paixões,
Hontem não ceei eu
Por causa d'umas razões.

(A.)

852 O' meu amor, raios te partam,
Vae p'r'ó diabo que te leve,
Anda o meu coração triste,
Podendo andar tão alegre.

(A.)

853 Minha sogra é remelosa,
Levada de trinta diabos,
Já correu atraz de mim
Com os olhos envinagrados.

(A.)

854 Fui roupeiro da Defeza,
Fui na Padeira almocreve,
Agora, por 'môr de ti,
Sou o diabo que te leve.

(A.)

855 Namorei uma casada
Levadinha do diabo,
Que até o proprio marido
Lhe dáva co' o pé no rabo.

(A.)

856 Vá vêr,
Menina, vá vêr,
Lá na sua casa
And' ó diabo a arder.

(A.)

857 Ailé,
Na quinta do Nabo,
Não fales comigo,
Vae falar c'o diabo.

(A.)

2) Vestigios de algumas crenças pré-christãs não fundidas no christianismo

a) A Sereia

858 Pelo canto da sereia
Se perdem os navegantes,
Choram os paes pelas filhas,
As secias pelos amantes.
(A.)

859 Pelo canto da sereia
Se perdem os navegantes;
Não ha viuvas sem saudades,
Nem donzellas sem amantes.
(A.)

860 Pelo cantar da sereia,
Se perdem os navegantes;
O meu amor, por ser feia,
Já me não quer como d'antes.
(A.)

861 Ouvi cantar a sereia
No meio d'aquelle mar,
Muitos navios se perdem
Ao som d'aquelle cantar.
(A.)

862 Rei dos bichos o leão,
Dos peixes é a baleia,
Das *aves o gavião*,
Para cantar a sereia.
(A.)

863 No cantar sou a sereia,
Na formosura o pavão;
Tens abaixo das estrellas
Uma flor com perfeição.

(A.)

864 Tenho combatido guerras
No *cante* com as sereias,
Tenho corrido mil terras,
Cidades, villas, aldeias.

(A.)

865 Ouvi cantar a sereia
Lá no meio do mar sagrado,
'Stá presa c'uma cadeia,
E fechada a cadeado.

(A.)

866 Esta noute, á meia noute,
Ouvi um lindo cantar,
Cuidava que eram os anjos,
Era a sereia no mar.

(A.)

867 Lá no mar anda a sereia
Correndo como a perdiz;
Não te gabes que me deixas,
Fui eu a que te não quiz.

(A.)

868 A sereia anda no mar,
Anda á roda, torce, torce;
Inda está para nascer
Quem de mim tomará posse.

(A.)

869 A sereia anda no mar,
Anda á roda do vapor;
Inda está para nascer
Quem será o meu amor.

(A.)

870 A sereia quando canta
Canta no meio do mar,
Quantos navios se perdem
Pela sereia cantar.

(A.)

871 A sereia quando canta
Põe-se em cima d'uma pedra,
Quantos navios se perdem
Por amor do cantar d'ella.

(M.)

872 Valha-me Deus, como canta
A sereninha no mar!
Os marinheiros dão volta
Para a ouvirem cantar.

(D.)

873 A sereia anda no mar,
Navega por onde quer,
E' como o homem solteiro,
Em quanto não tem mulher.

(B. B.)

874 Ouvi cantar a sereia,
Oh! que voz tão maviosa!
Não sei se é bonita ou feia,
Se é da fala graciosa.

(A.)

875 Lá no mar anda a sereia,
Anda á roda do jardim,
Ella canta navegando,
Eu canto vendo-te a ti.

(A.)

876 Eu já fui á Inglaterra,
Já naveguei n'aquell' mar,
Ouvi cantar a sereia
Fiquei suspenso no ar.

(A.)

877 Lá no mar anda a sereia
A' roda do bacalhau,
Cantando as suas cantigas,
Tocando n'um *barimbau*.

(A.)

878 Quem quer comprar amor's novos,
Quem os compra, quem os quer;
Namorei uma sereia,
Pensando que era mulher.

(A.)

b) Feiticeiras

879 O' minha canninha verde,
Verde canna de encanar;
Morreram as feiticeiras,
Já não ha quem talhe o ar.

(A.)

880 Minha avó, que feiticeira!
Eu bem *na* vi *avoar*,
Lá da porta para a rua,
E da rua p'r'*ó* quintal.

(A.)

881 Eu hei de te amar por artes,
Quer tu queiras, quer não queiras,
Porque tenho á minha porta
Quatro ou cinco feiticeiras.

(A.)

882 Se eu fora como o sol,
Que entra pela trapeira,
Iria-te ver á cama
Com olhos de feiticeira.

(M.)

883 Vós chamaes-me feiticeira,
Feiticeira, rapariga,
Tambem ando *feitiçada*
Dos dias da minha vida.

(M.)

884 O' Antonio enganador,
Eu sempre bem te tratei,
Por causa das feiticeiras
E' que eu de ti me gosei.

(D.)

885 No largo das feiticeiras
Havia 'ma grande lucta,
Nunca vi na minha vida
Tanta feiticeira junta.

(A.)

886 Puz-me a contar feiticeiras,
Já tinha a cabeça tonta,
Era tamanha a parcella
Que não pude dar co'a conta.

(A.)

887 A rua dos Cavalleiros
No meio tem uma cova,
Onde vão as velhas todas
A fazer a synagoga.

(A.)

888 Campinho, terra das bruxas,
S. Marcos, das feiticeiras,
Cumiada, das manhosas,
Reguengos, das borracheiras.

(A.)

889 Todas Antonias são varias,
As Cath'rinas lisongeiras,
As Annas dissimuladas,
As Marias feiticeiras.

(A.)

890 E's clara como a neve,
Córada como o medronho,
Tu é que és a feiticeira
De noite com quem eu sonho.

(A.)

891 Não sabes quanta ventura
Tu me poderias dar,
Se os teus olhos feiticeiros
Os meus viessem feitiçar.

(A.)

892 Sou parente d'uma bruxa,
Visinho d'uma parteira;
Arranjar eu mais amores
Já entendo que é asneira.

(A.)

c) Figas

893 Tenho meio tostão em prata,
Para comprar uma figa,
Por causa das invejosas
Que se mettem na m'nha vida.

(A.)

894 Chapéo de meia moeda
Traz o meu amor *ó* campo,
Cercado de figas d'oiro,
P'ra não lhe darem quebranto.

(A.)

895 Eu tenho uma figa d'oiro,
Ao canto do meu bahú,
Para dar ao meu marido,
Queira Deus que sejas tu.

(A.)

896 Minha avó quando morreu,
Ficou com um olho aberto,
E deixou em testamento
Uma figa para o neto.

(A.)

897 Quero cantar e bailar,
Dar quatro figas *ó* mundo,
Quem se metter no inferno,
Que se metta bem no fundo.

(A.)

898 Ergue as abas do chapéo,
Cara de junquilho branco,
Pois te quero procurar
Se os meus olhos dão quebranto.

(A.)

899 Toda a mulher que se casa
Deve ter o pau ao canto,
Para benzer o marido
Quando lhe der o quebranto.

(A.)

900 Os olhos do meu amor,
São bonitos benz'*ós* Deus,
Não lhe quero dar *cobranto*,
Que inda pódem vir ser meus.

(A.)

901 O' rua das Oliveiras,
Em te vêr me dás quebranto,
Hei-de-te mandar fazer
Uma figa a cada canto.

(D.)

d) Superstições varias

902 Dá-me a tua mão direita,
Que te quero lêr a sina,
Para vêr se a tua sorte
Iguala com esta minha.

(A.)

903 Toma lá a minha mão,
E lê n'ella sina boa;
Quero ser a mais feliz
Rapariga de Lisboa.

(E.)

904 Bem desgraçado fui eu
Em cahir no que cahi,
Paciencia, não me importa,
Foi sina com que nasci.

(D.)

905 Tenho sina de morrer
Na ponta d'uma navalha;
Tod'*á* vida ouvi dizer:
Morr' *ó* homem na batalha.

(A.)

906 O' Ribeira de Pardaes,
Termo de Santa Cath'rina;
Cada vez te quero mais,
Olha, amor, a minha sina.

(A.)

907 Amor com amor se paga,
O velho rifão o ensina;
Odio com odio se paga,
Leram-me a mim esta sina.

(A.

908 Quando o fado é rigoroso
Nada vale ao infeliz,
Nunca a fortuna alcançou
O que a desgraça não quiz.

(A.)

909 Ando rôto, esfrangalhado,
Ninguem tenha dó de mim,
Ando cumprindo o meu fado,
E' meu gosto andar assim.

(A.)

910 Quem nasce no triste fado
Nunca póde ter bom fim,
Quem mal anda mal acaba,
Ponham os olhos em mim.

(A.)

911 Desgraçado desde o berço,
Serei 'té á sepultura,
Pois assim o quiz meu fado,
Choro a minha desventura.

(ALG.)

912 Ausente do meu amado,
Nunca disfructo alegria,
Tenho por lei do meu fado
O viver sem companhia.

(A.)

913 Eu sempre te hei-de amar,
Pois é este o fado meu,
Inda que ria com outro,
Meu coração é só teu.

(A.)

914 Infeliz da minha sorte,
Bem duro é o meu fado,
Não acaba o meu martyrio
Por mais que tenho penado.

(A.)

915 Fui ao livro do destino,
Minha sorte procurar,
Em todas as folhas li
Que nasci para te amar.

(A.)

916 Li no livro do destino,
Que feliz eu só seria
Se venturosa gosasse
Tua doce companhia.

(A.)

917 O' malmequer feiticeiro,
Que os segredos ad'vinhaes,
Dizei-me se o meu amor
Tem outra a quem queira mais.

(A.)

918 Menina, se quer saber
Qual é a intenção minha,
Desfolhe este malmequer,
Pois elle tudo adivinha.

(A.)

919 Malmequer não é constante,
Malmequer muito varia,
Vinte folhas dizem morte,
Treze dizem alegria.

(E.)

920 Consultei um malmequer,
Suas folhas desfolhando,
E elle me respondeu,
Que me continuas amando.

(A.)

921 Bem me queres, mal me queres,
Tuas folhas vou tirando,
N'uma esp'rança, n'outra duvida,
E assim te vou desfolhando.

(A.)

922 Fui colher um malmequer,
Na mão se me desfolhou,
Bem me quer, mal me quer,
Bem me quiz, mal me pagou.

(A.)

923 Bemmequeres, malmequeres,
Tenho eu no meu jardim,
O malmequer diz que não,
O bemmequer diz que sim.

(A.)

924 Jurei pelo junco verde,
Que é a jura dos pastores,
Que emquanto tu me quizeres
Serei firme aos meus amores.

(A.)

925 Jurei pelo junco verde,
Que é a jura dos pastores;
Não ha fonte sem ter agua,
Nem donzellas sem amores.

(A.)

926 Jurei pelo junco verde,
Jurei, e ficou jurado,
De ser tua, se for's meu,
De casar, se for's casado.

(A.)

927 O trevo das quatro folhas
Quem o achar tem fortuna,
Eu fui o que o achei,
Fortuna não tive nenhuma.

(D.)

928 Eu não sei que gato negro
Se metteu entre nós ambos,
Nós eramos tão amigos,
Agora tão mal nos damos!

(D.)

929 Eu não sei que gato preto
Se metteu entre nós ambos,
Eramos tão amiguinhos,
Agora nem nos falâmos.

(T. M.)

930 Eu tenho no meu quintal
Um ninho de mariposa,
Leva novas e traz novas,
Não me serve d'outra coisa.

(A.)

931 Eu á minha porta tenho
Dois vasos de mangericos,
P'ra me livrar das más linguas,
Que andam com mexericos.

(A.)

932 Tenho o amor agastado,
Não sei que lhe hei de fazer,
Hei de pisar a açucena,
E dar-lhe o summo a beber.

(B. B.)

933 O' meu amor, se duvidas,
Que eu te falte á fé pura,
Com o sangue do meu braço,
Eu te assigno a escriptura.

(A.)

934 Espelho, que não caiste!
O' vidro, que não quebraste!
Ingrato, que não cumpriste
O que comigo trataste!

(A.)

II

A Natureza

a) Os Astros

935 Quatro coisas ha no mundo
Que me fazem admirar,
Astros, sol, lua e estrellas
Como se pódem seg'rar.

(A.)

936 Vem comigo, minha q'rida,
Que nos não veja ninguem,
Não nasceu o sol ainda
Para as bandas de Belem.

(A.)

937 Deixaste-me, amor, por pobre,
Outra falta não *na* tinha;
Como ha-de o sol romper
Uma manhã de *nuvrina.*

(A.)

938 Eu subi á amendoeira
P'ra ver o sol a raiar,
Pesa-me não vir mais cedo,
Para mais cedo te amar.

(A.)

939 Já lá vem nascendo o sol,
Que é o rei das alegrias,
Quem se póde esquecer d'elle,
Se nasce todos os dias.

(A.)

940 Já lá vem o sol nascendo
Na ponta d'um guardanapo;
Janotinha, como eu sou,
Trago á trela mais de quatro.

(A.)

941 Já lá vem o sol nascendo.
Na ponta d'um alfinete;
Janotinha, como eu sou,
Trago á trela um ramalhete.

(A.)

942 Já lá vem o sol nascendo,
Lindos raios vem deitando,
Parece-me o meu amor,
Que para mim 'stá olhando.

(A.)

943 Esta noite choveu agua,
Diamantes orvalhou,
Lá vem o sol com seus raios
Enxugar quem se molhou.

(B. A.)

944 Despediu-se o sol da aurora,
A aurora ficou chorando;
Cala-te aurora, não chores,
Que eu te direi até quando.

(A.)

945 Deus te salve, sol brilhante,
Que ao mundo vens dar a luz,
Em tu ser's o mais constante
Dá-te esse poder Jesus.

(A.)

946 O sol é que alegra o dia,
Pela manhã, em nascendo;
Meu coração anda triste,
E só se alegra em te vendo.

(A.)

947 O sol é que alegra o dia,
Se algum desvio não tem;
A' vista d'esses teus olhos
Se alegram os meus tambem.

(A.)

948 O sol nasce de Castella,
Quer's, amor, que nós lá vamos?
Que eu não quero que o sol esteja
Em poder dos castelhanos.

(A.)

949 O sol quando nasce é rei,
Ao meio dia é fidalgo,
A' tardinha vae doente,
A' noite vae sepultado.

(A.)

950 Eu já vi nascer o sol
Por traz d'umas penedias,
Como póde o sol ser velho,
Nascendo todos os dias?

(A.)

951 Eu já vi nascer o sol,
N'uma bacia de prata:
Menina, dá os teus olhos
A quem por elles se mata.

(A.)

952 Eu já vi nascer o sol
Dentro d'uma cruz de prata;
Lá o ter amor's não custa,
Deixal-os é que nos mata.

(A.)

953 Eu ja vi nascer o sol
Entre o meio de dois penedos;
Se tu me foras fiel
Contava-te os meus segredos.

(A.)

954 Eu já vi nascer o sol
Das entranhas d'um penedo;
Hei de tirar uma moça
D'esta cidade em segredo.

(A.)

955 Eu já vi nascer o sol
Das entranhas d'um penedo;
E enganei-me, era a lua,
O sol não nasce tão cedo.

(A.)

956 Eu já vi nascer o sol
Nos areaes do Mondego;
Enganei-me, era a lua,
Que o sol não nasce tão cedo.

(D.)

957 Eu já vi nascer o sol
Debaixo d'um saragaço;
Enganei-me, que era a lua,
O sol não nasce tão baixo.

(A.)

958 Eu já vi nascer o sol
Por detraz d'um saragaço;
Não faças conta comigo,
Que eu comtigo não *na* faço.

(A.)

959 Eu ja vi nascer o sol
Lá detraz d'uma junqueira;
E enganei-me, era a lua,
Olha a minha parvoeira!

(A.)

960 Eu já vi nascer o sol
Na cabeça d'uma freira;
E enganei-me, era a lua,
Pois o sol tem cabelleira.

(A.)

961 Eu já vi nascer o sol
N'uma maçã coradinha;
E enganei-me, era a lua,
Eras tu, minha menina.

(D.)

962 Eu já vi nascer o sol
Lá detraz do almeirão;
E' mentira, não ha tal,
Que o sol não nasce do chão.

(A.)

963 Eu já vi nascer o sol,
N'uma garrafa de vidro;
Já me posso ir gabando:
Vi o sol introduzido.

(A.)

964 Eu já vi nascer o sol,
Na caveira d'um defuncto;
Quem tem ovêlhas tem lan,
Quem tem porcos tem presunto.

(A.)

965 Eu já vi nascer o sol
Na caveira d'um macaco;
Quem tem os amor's ao longe
Disfarça, toma tabaco.

(A.)

966 Eu já vi nascer o sol
Lá no mar, entre dois lumes;
Quem é rendeiro d'amores,
Paga a renda com ciumes.

(A.)

967 Eu bem vi nascer o sol,
Eu bem o vi arraiar,
Eu bem vi uma menina
P'lo seu amor a chorar.

(D.)

968 O sol quando nasce inclina-se
A's abas do meu chapéo;
Tambem eu ando inclinada,
Aos olhos d'um alvaneo.

(A.)

969 O sol quando nasce inclina-se
A' chaminé do vapor;
Tambem eu ando inclinado
Aos olhos do meu amor.

(A.)

970 O sol quando nasce inclina,
Deita raios ao jardim,
Eu sem ser sol me inclino
Para os olhos de Joaquim.

(A.)

971 O sol quando nasce inclina
Nas pedras do meu annel;
E tambem eu me inclinei
Aos teus olhos, Manoel.

(T. M.)

972 O sol quando nasce inclina,
No cimo do castanheiro;
Tambem eu ando inclinada
Aos olhares de um carreiro.

(A.)

973 O sol quando nasce inclina
Aos olhos do meu amor;
Tambem eu vivo inclinada
Nos braços de um traidor.

(A.)

974 O sol quando nasce inclina-se
E deita raios á roseira;
Achas que não é delicto
Diffamar moça solteira?

(A.)

975 O sol quando nasce inclina-se,
Deita raios para traz;
Quando os velhos são malucos,
Que fará quem é rapaz.

(A.)

976 O sol quando nasce inclina-se,
Deita grilhões com que prende;
Tem bastante habilidade,
Quem do amor se defende.

(A.)

977 Nasce o sol, torna a nascer,
Põe-se a lua, torna-se a pôr;
Vejo-te, torno-te a ver,
Cada vez com mais amor.

(A.)

978 Nasce o sol e põe-se a lua,
Nasce a lua e vem o vento;
Desengana-te comigo,
Que eu não sou teu passatempo.

(A.)

979 Nasce o sol pintando flores,
Com fios d'ouro na ponta;
Esses teus olhos, menina,
Ao teu amor fazem conta.

(A.)

980 Nasce o sol pintando flores
No mais delicado ramo;
Eu peço a Deus que anoiteça,
Para falar a quem amo.

(A.)

981 Nasce o sol pintando flores,
Nas vargens do Guadiana;
Val' mais uma hora d'amores
Que a jorna d'uma semana.

(A.)

982 Nasce o sol, começa o dia,
A bella aurora rompeu,
Dá ao mundo a alegria,
Tudo que é vivo appar'ceu.

(A.)

983 Nasce o sol para adorar-te,
Dá volta ao mundo e vem ver-te,
Quando o sol deseja amar-te
Como não hei de eu querer-te.

(A.)

984 Lá detraz d'aquella serra
Nasce o sol, mareia o vento;
E muito tolo é quem cuida
Que comigo passa o tempo.

(A.)

985 Nas alturas do castello
Nasce o sol, combate o vento;
Ha de se achar enganado
Quem comigo passar tempo.

(A.)

986 Rompe a aurora, nasce o sol
Com os seus raios brilhantes,
E' a alegria dos pobres,
Governo dos navegantes.

(M.)

987 Põe-se a lua, nasce o sol,
Reverdecem as *felores;*
Deixou me Deus n'este mundo
Para honrar os cantadores.

(A.)

988 Em toda esta noite andei
Procurando a madrugada,
Só em teu peito é que achei,
Sol nascido, e manhã clara.

(A.)

989 Já não ha, nem póde haver,
Debaixo do sol nascido,
Um coração mais leal
Do que o meu p'r'ó teu tem sido.

(A.)

990 Fui eu a que disse ao sol
Que não tornasse a nascer,
Temos a luz dos teus olhos,
Que vem o sol cá fazer.

(A.)

991 Eu não sei que fiz ao sol,
Que não vem aqui nascer,
A' vista d'esses teus olhos,
Que vem o sol cá fazer?

(A.)

992 Quem me dera ser o sol,
Pelas vidraças entrar;
Iria ter ao teu quarto
Alegres dias te dar.

(A.)

993 Se eu fôra como o sol,
Entrava-te p'la janella,
E fora-te ver á cama,
Alegres dias te dera.

(M.)

994 O sol cuida que me engana,
Bem lhe sei andar *ó* geito,
Quando nasce estou na cama,
Quando se põe já me eu deito.

(M.)

995 O sol pensa que me engana,
Elle é que é o enganado,
Quando nasce estou na cama,
Quando se põe 'stou deitado.

(A.)

906 Eu venho do Oriente,
Das bandas d'onde o sol nasce;
Não ha 'strella mais luzente,
Nem que mais me alumiasse.

(A.)

997 O' moças, ó moças,
Qual é o melhor?
—Cantar e bailar,
Té que nasça o sol.

(A.)

998 Eu hei de te amar,
Eu hei de ser tua,
O' nascer do sol,
O' prantar da lua.

(A.)

999 Quatrocentos graus d'altura
Subiu o sol e parou,
Vendo a tua formosura
Até o sol abrandou.

(A.)

1000 Quatrocentos graus d'altura
Subiu o sol e parou,
Essa tua formosura
O mesmo sol abysmou.

(A)

1001 Quatrocentos graus de altura
Subiu o sol e parou,
Olhou para traz e disse:
Anda lua, que eu cá vou.

(A.)

1002 Quatrocentos graus de altura
Subiu o sol ao meio dia;
Quatrocentas creaturas
'Stavam na missa do dia.

(A.)

1003 Ó pino do meio dia
O sol fez alto e parou,
A rosa d'Alexandria
Bem descorada ficou.

(A.)

1004 Cantas bem, não cantas mal,
Poderas cantar melhor,
Lá no pino do meio dia
Fizeste parar o sol.

(A.)

1005 Se queres que eu seja tua
Mandarás parar o sol,
Que depois do sol parado
Cae-te o peixe no anzol.

(A.)

1006 O sol de maio é quente,
E' como a pimenta, queima;
Meu amor, se tu 'stás firme,
Eu cá 'stou na mesma teima.

(A.)

1007 Já o sol tosta de quente,
Na parede do meu monte;
Quem me quizer ver contente
Ponha-me o amor defronte.

(A.)

1008 Estes raios do sol *quêmam*,
Fazem feridas mortaes,
Hëde te amar só por *têma*,
Querer-te cada vez mais.

(A.)

1009 Sou filho do sol que aquenta
N'aquella villa d'Alter;
Presumpção e agua benta
Cada um toma a que quer.

(A.)

1010 'Stá o sol abrazador,
Donde hei de ir passar a sésta?
A' beira d'aquelle rio,
A' sombra da verde *gésta*.

(B. A.)

1011 Anda cá, meu todo preto,
Meu torradinho do sol,
Quanto mais preto, mais firme,
Quanto mais firme, melhor.

(A.)

1012 O' meu amor, Deus te guarde,
Se para mim 'stás guardado,
Se estás guardado p'ra outra
Do sol te veja eu queimado.

(A.)

1013 'Stou á sombra da ramada,
Nem á chuva, nem ao sol,
Estou á beira do amor,
Não ha regalo melhor.

(D.)

1014 Encostei-me ao pecegueiro,
Nem á sombra, nem ao sol,
Encostei-me ao meu amor,
Não ha encosto melhor.

(A.)

1015 O meu amor é Antonio,
Eu quero o envidraçar,
N'uma redoma de vidro,
Para o sol o não tostar.

(A.)

1016 O sol é o astro rei,
Que as estrellas encaminha,
Levou longe a minha amada,
Não sei quando será minha.

(A.)

1017 O' sol, que és rei dos astros,
Que brilhaes no firmamento,
Vinde jurar se me viste
Com alguem perder o tempo.

(D.)

1018 O sol quer-se venerado
Como o planeta maior;
Eu venero o meu amor
Como quem venera o sol.

(A.)

1019 O sol é contemplativo,
E' planeta radiante,
Diz-me sol, por caridade,
Onde está o meu amante.

(A.)

1020 O sol é contemplativo,
E' planeta radiante;
Inda que eu ausente viva,
Não me esqueces um instante.

(A.)

1021 Os caracóes da cabeça
E' o que te dá mais graça,
São laços de finas fitas
Aonde o sol se embaraça.

(A.)

1022 Quando o sol sobe á varanda,
A visitar as *felorzes*,
Demora horas esquecidas
Ao pé d'um vaso d'amores.

(A.)

1023 Na janella *d'onde* eu côso
Não quero a folha da cidra,
Da-lhe o sol por entre ella,
Vivo n'uma triste vida.

(D.)

1024 Na janella *d'onde* eu côso
Não quero mangericão,
Dá-lhe o sol por entre as folhas,
Vivo n'uma escuridão.

(D.)

1025 Parabens á minha vinda,
Cada vez cantas melhor,
Tu és a cara mais linda
Que cobre a capa do sol.

(A.)

1026 Eu amava uma menina,
Com prazer e alegria,
Pois era a rosa mais linda,
Que o sol no mundo cobria.

(A.)

1027 Minha maçã vermelhinha,
Picada do rouxinol,
Se não foras picadinha
Eras linda como o sol.

(M.)

1028 E's bonita como o sol,
E's *quelara*, bem te vejo,
Deus te dê tão boa sorte
Como eu para mim desejo.

(A.)

1029 Tu és claro como o leite,
Vermelh' como o pimentão,
E's fino como o azeite,
Lindo como o sol de v'rão.

(A.

1030 O' menina o seu semblante,
E' um sol esclarecido,
Uma estrella mais brilhante
Não nasceu, nem tem nascido.

(A.)

1031 E's o sol esclarecido,
E's o cravo da craveira,
Se eu soubera o teu sentido
Amava d'outra maneira.

(A.)

1032 O' José, nome de joia,
A tua cara é um sol,
Cercada de diamantes,
Com pedrinhas ao redor.

(A.)

1033 Se quer's ver tafularia
Chega-te a Campo Maior,
Lindas fontes d'agua fria,
Caras lindas como o sol.

(A.)

1034 Adeus ó praia de Espinho,
Cercadinha *d'ó redór*,
Tens rapazes como o oiro,
Raparigas como o sol.

(D.)

1035 O' alto pinheiro redondo,
D'onde assiste o sol de v'rão,
Cadeado do meu peito,
Chave do meu coração.

(A.)

1036 Viraste-te, eu virei-me,
Qual de nós virou melhor?
Tu viráste-te p'r'ó lume,
Eu virei-me para o sol.

(D.)

1037 Hei de te mandar doirar
Os arcos das sobrancelhas,
Que não póde o sol brilhar
Entre luzes tão parelhas.

(A.)

1038 Pela minha rua passa
O sol e a *quelarea*,
Tambem passa o meu amor,
Quando quer que eu o veja.

(A.)

1039 Cantas bem, não cantas mal,
Garganta de pura neve,
Fonte d'agua crystallina,
Onde o sol divino bebe.

(A.)

1040 Rosinha, dá-me o teu nome,
Que t'o quero pôr em rol,
Se algum dia me faltares
Direi que me falta o sol.

(M.)

1041 Eu amante, tu amante,
Qual de nós será mais firme?
Eu como o sol a buscar-te,
Tu como a sombra a fugir-me.

(A.)

1042 Já vi reflectir o sol
N'uma bandeja de prata,
Os teus olhos me captivam,
E a tua ausencia me mata.

(A.)

1043 Ha quem diga que eu não amo,
Que eu deixei o meu amor,
Eu só o hei de deixar
Qando o sol perder a côr.

(A.)

1044 Teu coração é de gêlo,
Que nem o sol o derrete,
Como ha de elle ter firmeza
De cumprir o que promette.

(A.)

1045 Que lindos olhos que tendes!
Dae-os ao sol para raios,
E se alguem vol-os pedir,
Dizei: são meus; guardae-os.

(D.)

1046 Menina, vós sois o sol,
Vosso páe é o calor,
Vosso pae derrete a neve,
Vós derreteis *lo* amor.

(M.)

1047 Vae carta, feliz, voando
Nas azas d'um rouxinol,
Vae-te carta ser entregue
A' formosura do sol.

(D.)

1048 O' meu amor, quem me dera
Trazer-te no coração,
Aonde o sol te não dera
Nem d'inverno nem de v'rão.

(A.)

1049 A' minha porta faz sol,
A' tua agora faz sombra,
Lá por eu ser pequenina
Vossê comigo não zomba.

(A.)

1050 Eu sou sol, e tu és sombra,
Qual de nós é mais 'stimado,
Se o sol de inverno é mimo,
Sombra de v'rão é regalo.

(B. B.)

1051 Eu já vi sol e chover,
E no mar fazer escuro,
Desapartar o bem q'rer
D'onde estava bem seguro.

(A.)

1052 Adeus casas de meu pae,
Adeus postigos, janellas,
Adeus fatias de brôa,
Que se via o sol por ellas.

(D.)

1053 A' entrada d'esta rua
Dei um ai, tremeu o chão,
Recolheram-se as estrellas,
Chorou o sol de paixão.

(A.)

1054 Ao subir por este oiteiro
Dei um ai, tremeu a terra,
Recolheram-se as estrellas,
Sahiu o sol á janella.

(D.)

1055 A' entrada d'esta rua
Dei um ai, que nunca dera,
Recolheram-se as estrellas,
Sahiu o sol á janella.

(A.)

1056 Quando o sol deixar de dar
Nas paredes do Gaião,
Então deixarei de amar
Quem eu tenho na tenção.

(A.)

1057 Quando o sol deixar de dar
Nas franças do alto freixo,
Então te direi, amor,
A causa porque te deixo.

(A.)

1058 Encontrei o sol de noite
Na rua dos Mercadores;
Quando o sol anda de noite,
Que fará quem tem amores.

(A.)

1059 Encontrei o sol de noite
Na rua do Volt'atraz;
Quando o sol anda de noite,
Que fará quem é rapaz.

(A.)

1060 Eu já vi o sol de noite
Na rua dos Caldeireiros;
Quando o sol anda de noite,
Que farão os serralheiros.

(A.)

1061 Eu já vi o sol de noite
Na rua nova do Almada;
Quando o sol anda de noite,
Que fará a rapaziada.

(A.)

1062 Encontrei o sol de noite
Na rua dos Bem-casados,
Estava guardando as moças
Dos beijos dos namorados.

(A.)

1063 Encontrei o sol de noite,
Entre pedras, escutando
Dois âmantes, que falavam,
Suas maguas lamentando.

(A.)

1064 Se eu quizera, bem podera,
Fazer os dias maiores,
Dar um nó na fita verde,
E prender os raios ao sol.

(A.)

1065 O sol anda que desanda,
Dá mil voltas p'ra se pôr;
Eu não ando, nem desando,
Sou leal ao meu amor.

(A.)

1066 O sol anda, e desanda
Para tornar a nascer,
Eu não ando nem desando,
Sou leal até morrer.

(B. A.)

1067 O sol anda, e desanda
Mil voltas em *derredor*,
Eu não ando, nem desando,
Sou mais firme do que o sol.

(D.)

1068 Não sei que mal fiz ao sol,
Que não vem á minha rua,
Heide-me vestir de branco,
Que de branco veste a lua.

(A.)

1079 O sol está quente,
Mas ainda não queima;
Deixei de te amar,
Por 'môr d'uma teima.

(A.)

1070 Ailé,
Villa de *Estremôr*,
Onde o sol vae alto,
Inda se não foi.

(A.)

1071 Sol divino, não te ponhas,
Que eu não posso ver a noite;
Não posso ver meu amor
Lònge de mim, perto d'outre.

(A.)

1072 O' sol, que te vaes pôr
Lá para as bandas de Chaves,
Dize ao meu amor que venha,
Que eu morro com saudades.

(T. M.)

1073 Põe-te sol, põe-te sol,
Para traz d'aquelle outeiro;
Quem me dera ver meu amo
Debaixo d'um bom cacheiro.

(A.)

1074 Põe-te sol, põe-te sol,
Deixa vir a noite agora,
Descanço p'ra quem trabalha,
Regalo p'ra quem namora.

(A.)

1075 Põe-te sol, põe-te sol,
Deixa vir a noite feia,
Descanço p'ra quem trabalha,
Regalo p'ra quem passeia.

(A.)

1076 Põe-te, põe-te, sol brilhante,
Por detraz d'aquelle outeiro;
Não ha peixe como a pescada,
Nem amor como o primeiro.

(A.)

1077 Põe-te, põe-te, sol divino,
Mas não te ponhas parado,
Meu bem é trabalhador,
E chega á noite enfadado.

(A.)

1078 Põe-se o sol, nasce a lua,
Reverdecem as *felores*;
Só eu vim a este mundo
P'ra dar honra *ós* cantadores.

(A.)

1079 Põe-se o sol, nasce a lua,
Reverdecem as *felores;*
Menina, que és tão bonita,
Vamos a tratar de amores.

(A.)

1080 Meu ramo de salsa crua,
Meu raminho d'alecrim,
Põe-se o sol e nasce a lua
Logo defronte de mim.

(D.)

1081 Já o sol se vae escondendo
Para traz d'aquelle ramo,
E' alegria p'ra nós,
Tristeza p'ra nosso amo.

(A.)

1082 Já lá vae o sol abaixo,
Mettido n'um pucarinho,
Já lá vae o brio todo
Das raparigas de Espinho.

(D.)

1083 Já lá vae o sol abaixo,
Já no raminho faz sombra,
Já lá vae o passarinho
Que cantava como a pomba.

(D.)

1084 O' sol, para que te escondes
Debaixo da verde rama,
P'ra que negas os teus raios
A quem te deveras ama.

(D.)

1085 Já o sol se vae escondendo,
Deitando raios á aldeia,
Já lá vem a tesoirinha
Cortando na vida alheia.

(A.)

1086 Lá vae o sol p'r' *ó* deserto,
Dizer as penas que tem,
Quem me dera ir com elle
Cobrir as minhas tambem.

(D.)

1087 O' olhos da preta amora,
Vão andando, que eu já vou,
Vão andando p'lo luar,
Que o sol já se acabou.

(A)

1088 Se queres cantar comigo
Cantigas ao pôr do sol,
Puxa lá pelo teu livro,
Que eu puxo pelo meu rol.

(D.)

1089 Cantigas ao pôr do sol
Não quero que m'as canteis,
Cantae-me uma bonitinha,
D'aquellas que vós sabeis.

(D.)

1090 Cantar depois do sol posto
Diz que tem condemnação,
Quero cantar, que é meu gosto,
Quer me condemnem, quer não.

(A.)

1091 Ausente de um bem que adoro
Não posso viver com gosto,
Nasce o sol e põe-se o sol,
Para mim sempre é sol posto.

(A.)

1092 Pôz-se-me o sol ao Baldio,
O ar de dia á ribeira,
Já venho a tremer com frio,
A roupa está em Ferreira.

(A.)

1093 Já é tarde, e é sol posto,
E o meu Antonio não vem!
Isto são amores novos
Que o meu Antonio já tem.

(A.)

1094 Isto é noite, o sol é posto,
Meu amor já cá não vem,
Ou a conversa é de gosto,
Ou alguem o entretem.

(A.)

1095 Isto é noite, o sol é posto
Anda, vamo-nos deitar,
Quando o sol quizer nascer
Lá nos virão acordar.

(A.)

1096 Appar'ceu no meu quintal
Uma flôr de muito gosto,
Acho-lhe só um defeito
Que é só abrir ao sol posto.

(A.)

1097 Sol posto, já é sol posto,
O sol posto já não queima;
Hei-de amar o meu amor,
Só p'ra ganhar uma teima.

(A.)

1098 Pela manhã canto amores,
Ao meio dia um desgosto,
A' tarde illusões perdidas,
Não vens a tempo, ó sol posto.

(A.)

1099 Eu abalei ao sol posto,
'Contrei-me co'a luz do dia,
Alembrou-me esse teu *rostro*
Que a tua cara trazia.

(A.)

1100 Eu fiz a cama ao sol posto,
Bem ao resguardo do vento;
Por via de ti, amor,
Eu passo grandes tormentos.

(A.)

1101 O sol posto já se inclina,
E tambem eu me inclinei.
Inclinaram-se os meus olhos
Quando para os teus olhei.

(A.)

1102 O sol posto pede encosto,
Eu peço p'ra me encostar;
Quem toma amores a seu gosto
Não tem de quem se queixar.

(A.)

1103 O sol posto pede encosto,
Fica a letra relativa,
Se me tu não captivares
Já outra me não captiva.

(A.)

1104 O sol posto vae doente,
E se o sangram logo morre,
Que o sangue é como o amor,
Que por todas veias corre.

(A.)

1105 O sol posto vae doente,
Deus o queira melhorar,
Deus lhe dê uma melhora,
Que o acabe de encravar.

(A.)

1106 O sol posto vae doente,
Deus o queira melhorar,
Que lhe dê um *arrepente*,
Que o acabe de *acravar*.

(A.)

1107 O meu coração é sala,
Onde passeia o sol posto;
Amei-te com toda a gala,
Deixei te com todo o gosto.

(A.)

1108 O vestido da m'nha filha
É bonito e de bom gosto,
Ao meio dia não faz vista,
Mas que lindo é ao sol posto.

(A.)

1109 O rosto do meu amor
E' de rosa *lixandria*,
Inda depois do sol posto
Dá luz egual á do dia.

(A.)

1110 Lindas maçãs do teu rosto
Côr de rosa Alexandria,
Inda depois do sol posto
Dão 'ma luz como a do dia.

(A.)

1111 Vae se o sol e vem a lua,
Vae se a lua, vem o vento,
Vae se um amor e vem outro
E assim vae correndo o tempo.

(A.)

1112 Ai lé,
Em Campo Maior,
Eu falo ao meu bem
Logo ao pôr do sol.

(A.)

1113 Campo Maior é sol posto,
Barbacena lua cheia,
Elvas é nobre cidade,
Onde o meu amor passeia.

(A.)

1114 Quem tivera a liberdade,
Que o sol e a lua têm,
Entrava pelas vidraças,
E fôra a ver o meu bem.

(A.)

1115 Vi o sol, e vi a lua,
Nunca diff'rencei qual era,
Se era o *soli*, se era a lua,
Se eras tu, em logar d'ella.

(A.)

1116 A lua vae de amarello,
Meu amor, vamol-a ver,
Não ha sol que chegue á lua,
Nem ao nosso bem querer.

(B. A.)

1117 Oh! que circ'lo leva a lua,
Lindo amor, vamos a ver;
Não ha sol que aparte a lua,
Nem o nosso bem querer.

(A.)

1118 A lua vae *brancolina*,
Anda, amor, vamol-a ver;
Não ha sol que chegue á lua,
Nem ao nosso bem querer.

(E.)

1119 A lua vae *marcolina*,
Leva um circulo no meio;
E' o estylo de quem ama
Dar á noite o seu passeio.

(A.)

1120 Eu hei-de me ir assentar
No circ'lo que leva a lua,
Só p'ra ver o meu amor
Os passos que dá na rua.

(A.)

1121 Cara linda, igual á tua,
Já não ha, nem póde haver,
Nem ha sol egual á lua,
Nem ó nosso bem querer.

(A.)

1122 O sol é marco da lua,
A lua é marco do sol;
Se queres que eu seja tua,
Senta-me lá no teu ról.

(A.)

1123 O sol é marco da lua,
E' espelho de lindeza;
Ama-me com leald de,
Que eu te amarei com firmeza.

(A.)

1124 Eu prendi o sol á lua,
A lua ao astro real,
Prendi a minh'alma á tua
Com cadeias de crystal.

(A.)

1125 Eu prendi o sol á lua,
As campainhas ao sino,
Prendi a minh'alma á tua,
Com correntes d'ouro fino.

(A.)

1126 Já prendi os raios ao sol,
Campainhas d'ouro ao sino,
Já prendi teu coração
Com cadeias d'ouro fino.

(A.)

1127 Eu prendi o sol á lua,
A lua aos astros brilhantes,
Prendi a minh'alma á tua
Com cadeias de diamantes.

(A.)

1128 Adeus, lá, ó rapariga,
Raminho de salsa crua,
Debaixo da tua cama
Nasce o sol e põe-se a lua.

(D.)

1129 Aqui me tens ao teu lado,
Raminho de salsa crua,
No meio da tua sala
Põe-se o sol e nasce a lua.

(D.)

1130 O sol prometeu á lua,
Um listão de varias côres,
Quando o sol promette dadivas,
Que fará quem tem amores.

(B. B.)

1131 O sol prometteu á lua
Um lencinho de assoar,
Quando o sol promette prendas,
Que fará quem sabe amar.

(A.)

1132 O sol prometteu á lua
Uma fita de mil cores;
Quando o sol promette prendas,
Que fará quem tem amores.

(A.)

1133 O *sóli* vae bem doente,
E a lua o vae a sangrar,
A's escuras ata a fita,
'Spera que nasça o luar.

(A.)

1134 O sol posto vae doente,
A lua é que o vae sangrando,
As estrellas são bacias,
Que o sangue vão aparando.

(A.)

1135 Sol divino vae doente,
A lua vae-o sangrar,
O' estrella aperta a fita,
Pega no prato, ó luar.

(D.)

1136 Detraz do sol anda a lua,
Detraz da lua o luar,
Detraz das tuas passadas
Anda quem te ha-de lograr.

(T. M.)

1137 Ia o sol atraz da lua
Quando, amor, eu te avistei,
Inda não eras nascido
E logo eu de ti gostei.

(A.)

1138 O sol é caixão d'ouro,
A lua é a fechadura,
As estrellas são as chaves
Com que se abre a sepultura.

(E.)

1139 O sol é caixão de prata,
A lua é fechadura,
As estrellas são as chaves
Da nossa pouca ventura.

(A.)

1140 O sol é caixa de prata,
A lua é fechadura,
As estrellas são a chave
Com que se fecha a ventura.

(A.)

1141 E's uma rosa encarnada
Creadinha ao pé do tanque,
Dá-te o sol, dá-te a lua,
Cada vez 'stás mais galante.

(E.)

1142 Tu pergunta ao sol se viu,
A' lua se conheceu,
A's estrellas se encontraram,
Amor mais firme do que eu.

(A.)

1143 Não é o sol que vagueia,
Nem os raios do luar,
E' um coração perdido,
Que morre por te falar.

(E.)

1144 A lua é contemplativa,
O sol planeta brilhante:
Ladra que eu ausente viva
Não me esqueces um instante.

(A)

1145 O' Anna, só tu és Anna,
O' Anna, só tu és uma,
O' Anna, tu es o sol,
Tiras o raio a lua.

(D)

1146 'Stou repêso de mim mesmo,
De ser garoto do alto,
Faltara o sol á lua,
Eu ao meu amor não falto.

(A.)

1147 Eu já vi a lua triste,
O sol da côr do sargaço;
Vi teus olhos 'star chorando
Por te faltar o meu braço.

(A.)

1148 Quando a lua toma côr
O sol vae perdendo a vida,
As flores ficam na sombra,
Eu nos braços da m'nha q'rida.

(A.)

1149 O sol anda padecendo
De vêr a lua de preto,
As estrellas vão dizendo:
Não vi cousa mais bem feita.

(A.)

1150 Adeus ó rua Direita,
Adeus ó direita rua,
Tens rapazes como o sol,
Raparigas como a lua.

(D.)

1151 Ao passar na tua rua
Perdi um lenço encarnado,
N'uma ponta tinha a lua,
E no meio o sol dourado.

(A.)

1152 No meio da praça nova
Achei um lenço marcado,
N'uma ponta traz a lua,
Na outra o sol retratado,
No meio traz um suspiro
Do nosso tempo passado.

(A.)

1153 Ai lé,
Cara como a tua
Não a cobre o sol,
Nem tam pouco a lua.

(A.)

1154 Ai lé,
Eu hei-de te amar,
De dia ó sol,
De noite ó luar.

(A.)

1155 Subi lá cima á roseira
P'ra ver *arraiar* a lua;
Pêsa-me não vir mais cedo,
Para mais cedo ser tua.

(A.)

1156 Lá vem a lua sahindo,
Redonda como um botão;
Quem tem seu amor á vista
Regala o seu coração.

(D.)

1157 Eu já vi nascer a lua,
Lá detraz d'aquelle *ôtêro*;
Agora *fiquê* sciente,
Teu amor é *verdadêro*.

(A.)

1158 Não ha luz como a da lua,
Para á noite alumiar,
Nem conversa como a tua,
Que haja mais de me agradar,

(A.)

1159 A lua tem quatro cachos,
Dois de cal e dois d'areia;
O amor que ha de ser meu
N'esta terra não passeia.

(T.M.)

1160 A lua tem quatro quartos,
Quem *no* ha de duvidar?
Dois crescem e dois minguam,
Sempre está no seu logar.

(A.)

1161 Eu já procurei á lua,
Que dá volta ao mundo inteiro,
Se viu cara como a tua,
Nem corpo com mais *salero*.

(A.)

1162 Algum dia, por te ver,
Mandava a *turbar* a lua,
Agora, se pudér ser,
Nem passar-te pela rua.

(A.)

1163 Rapariga, tola, tola,
Eu não sou o teu amante,
Tu nasceste em lua cheia,
E eu no quarto minguante.

(A.)

1164 Semeei *ó* pôr da lua
O baguinho da pimenta;
Em cuvindo fala tua,
A d'outrem não me contenta.

(A.)

1165 Foge lua envergonhada,
Retira-te lá do céo,
Que o olhar da minha amada
Tem mais brilho do que o teu.

(A.)

1166 O' lua da meia noite,
Quem te podera gosar,
Ao pé do meu lindo amor,
Na vidinha a conversar.

(A.)

1167 Alumia-me, candeia,
Até á porta da rua;
Como quer's que te allumie
Se tu és a propria lua.

(A.)

1168 O' luar, aclara, aclara,
Alumia-me tu, lua,
Eu sou de fóra da terra,
Não sei os cantos á rua.

(B. I

1169 Ouvi dizer ao luar,
Com três vozes na garganta:
Oh! quem pudera cantar,
Que quem canta seu mal 'sp

(I

1170 Ai, que rico luar vae
Para colher a macella!
Apanha, menina, apanha,
Fazei uma cama n'ella.

(I

1171 E' de noite, faz escuro,
Rosas tenho p'ra apanhar
Se não fossem os espinhos,
Colhia-as pelo luar.

(I

1172 Tenho um sapato apertado
De me ir a pôr ao luar;
Por falar ao meu amor
Ninguem o deve estranhar.

(

1173 Eu ando por 'qui de noite,
'Stando luar como o dia,
De chapeu acabanado,
Reinando velhacaria.

1174 O' luar, que alumias
Lá no mar o pescador,
Alumia-me na terra,
A mim, mais ao meu amor.

(D.)

1175 O' luar da meia noite,
Guarda-te lá para o v'rão,
Quem anda cego d'amores
Quer escuro, luar não.

(B. A.)

1176 O' luar da meia noite,
Não venhas cá ao serão;
Isto de quem tem amores
Quer escuro, luar não.

(A.)

1177 O' luar da meia noite,
Tu és o meu inimigo,
'Stou á porta de quem amo
E não posso entrar, comtigo.

(A.)

1178 A noite que faz escuro
Para mim é um regalo,
Sabe Deus o que eu padèço
Nas noites de luar claro.

(A.)

1179 O' luar, que vaes tão claro,
Já não falo a quem queria,
Não viera uma nuvem
O' luar, *que te encobrira!*

(B. A.)

1180 Vae-te embora, luar claro,
Que eu fico na escuridão;
Vae se um amor fica outro,
Acaba logo a paixão.

(A.

1181 De que servem as esquinas
N'uma noite de luar,
Se não hão de encobrir
Dois amantes a falar?

(D.

1182 O' luar acompanhai-me
Até ás janellas verdes,
Que eu ando cego d'amores,
Não vejo senão paredes.

(A.

1183 O' luar acompanhai-me,
O' lua vinde comigo,
Que eu quero dar um descanç
No largo de Santo Ovidio.

(D

1184 O' luar ocompanhai-me
Até ao rio Jordão,
Do rio Jordão p'ra lá
Amores não faltarão.

(D.

1185 Bello luar, bella noite,
Bello escuro lumioso;
Quem não ama o seu amor
E' bem louco curzidoso.

1186 Este mundo é um fandango,
Que se baila ao luar;
Se é feliz, vive contente,
Se o não é, vive a chorar.

(A.)

1187 Debaixo da oliveira
E' um regalo lá 'star,
Tem a folha miudinha,
Não entra lá o luar.

(A.)

1188 Boas noites, meus senhores,
Que está o ceu estrellado,
Aqui chegou a Balbina
Dár conta do seu recado.

(D)

1189 Eu sou filha das estrellas,
Ao pé da lua criada,
Perdidinha em noite escura,
N'esse teu peito encontrada.

(A.)

1190 E's *quelara* como o leite,
Córada como a romã,
E's como a estrella d'alva,
Que nasce pela manhã.

(A.)

1191 O dia que te não vejo,
Nem a estrella da manhem,
Perco dias, perco noites,
E perco-te a ti tambem.

(A.)

1192 Estrellas, deitae capuzes,
A d'alva seja a primeira;
Se me não quer s, adeus luzes,
Que eu cá tenho quem me queira.

(A.)

1193 As estrellas matutinas
Nascem no céo de Lisboa;
Ou você hade ser minha,
Ou eu da sua pessoa.

(A.)

1194 O' estrella matutina,
Quem olha para ti, céga;
Quando estou ao pé de ti,
Nada do mundo me lembra.

(E.)

1195 Adeus 'strella da manhã,
Quem me dera o teu saber;
Tu não enganes ninguem,
Se não has de pretender.

(A.)

1196 Linda moça, linda flôr,
Estrella da madrugada,
Quem por ti arrisca a vida
Não póde arriscar mais nada.

(A)

1197 Adeus estrella do norte,
Agulha de marear,
Que eu por ella me governo
Quando te vou a falar.

(M

1198 O' estrelinha do norte,
Agulha de marear,
Has de ser a minha guia
Quando eu fôr embarcar.

(M.)

1199 O' estrellinha do norte,
Agulha de marear;
Nunca 'stás de *compreição*
Quando te venho a falar.

(A.)

1200 O' minha estrella do norte,
Acompanha-me esta noite,
Que eu venho de peito feito
A tirar amores a outrem.

(A.)

1201 O' minha estrella do norte,
Como é lindo o teu brilhar;
Não julguem que eu estou triste
P'lo meu amor *abalar*.

(A.)

1202 A lua vae para Braga,
A 'strella do norte guia;
Toda a moça que é brejeira
Ronda de noite e de dia.

(M.)

1203 *O' linda estrella* do norte,
Para onde caminhaes?
Caminho para o nascente,
Para onde vão as mais

(E.)

1204 O' estrellinha do norte,
Tenhas de mim piedade,
Que já me falta a ventura
Na *felor* da minha edade.

(A.)

1205 Puz-me a contar as estrellas
Com 'ma canna vermelhinha,
Quiz a do norte por todas,
Por ser a mais bonitinha.

(D)

1206 Puz-me a contar as estrellas,
E á do norte cheguei,
Como a vi tão bonitinha,
Com meu bem a comparei.

(A.)

1207 Puz-me a contar as estrellas
Só a do nórte deixei,
Por ser a mais pequenina
Comtigo a comparei.

(T. M.)

1208 Puz-me a contar as estrellas,
Contei-as de quatro em cinco,
De muitas parecem poucas
As penas que eu por ti sinto.

(A.)

1209 Puz-me a contar as estrellas
A' 'squina da Judiaria;
Contei nove, contei dez,
Contei onze, com Maria.

1210 Eu no prado colhi flôres,
No mar, conchas apanhei,
No céo, contei as estrellas,
No trabalho a honra achei.

(A.)

1211 Vistam-se os ares de lucto,
O' estrellas, botae véo,
'Stou de mal c'o meu âmor
E' bem que o sinta o céo.

(D)

1212 Vistam-se os campos de lucto,
As estrellas ponham véo,
N'este nosso apartamento
E' chegado o lucto ao céo.

(A.)

1213 Estrellas, deitae capuzes,
Que vae meu bem de jornada,
Bom é que as estrellas sintam
Uma paixão que me mata.

(A.)

1214 O céo se veste de gala,
As estrellas tenham véo,
Se já tenho amores novos,
E' justo se alegre o céo.

(A.)

1215 As estrellas miudinhas
Fazem o céo bem composto,
Os signaes *das bexiguinhas*
Dizem bem n'esse teu rosto.

(A.)

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

[illegible]

(A.)

Se as estrellas podessem
Levar-me a carta o amor,
Mas as estrellas não podem
Fazerem me um tal favor.

(A.)

1421 Se p'las estrellas podesse,
'Screver cartas ao meu bem,
Consid'rava-me no mundo
Mais feliz do que ninguem.

(A.)

1222 Dá-me novas do meu bem,
Estrella do céo mais linda,
Se me não dás novas d'elle,
Morro, acabo com a vida.

(A.)

1223 As estrellas do céo correm,
Todas vão para o suão,
Tambem essas tuas falas
Correm p'r'ó meu coração.

(A.)

1224 Sempre que vejo no céo
As 'strellinhas a correr,
Lembro-me do meu amor,
Que á noite me vinha ver.

(A.)

1225 As estrellas no céo correm,
Correm que desapparecem,
Tambem os meus olhos correm
Atraz de quem os merece.

(A.)

1226 Se uma estrella cahisse,
Todo o mundo se arrasava;
Se o meu amor me morresse
Eu decerto me matava.

(A.)

1227 Estrellas do céo, cahide,
Vinde tomar juramento,
Vinde dizer se me viste
Com algum perder o tempo.

(D.)

1228 Dos altos céos estrellados
Vi cahir dezoito estrellas:
Seis Antonias, seis Franciscas,
Seis divinas Manuelas.

(A.

1229 No céo 'stão dezoito estrellas,
Todas formadas em linha,
Em todas ellas eu leio:
Eu sou teu, e tu és minha.

(E.

1230 Josésinho, cara linda,
Não saias de noite á rua,
Que as estrellas nunca viram
Cara linda como a tua.

(A

1231 As estrellas do céo dizem,
Que eu é que fui a culpada
De amar a quem me não ama,
De quem nunca fui amada.

(A

1232 As estrellas do céo dizem,
Ellas dizem a verdade,
Não ha arv'res sem raizes,
Nem ausencia sem saudade.

(A

1233 As estrellas do céo dizem,
Que eu mesmo é que tive a culp
De amar a quem me não ama,
Buscar a quem me não busca.

(P

1234 As estrellas do céo dizem,
O mesmo que digo eu:
Quem despreza o seu amor,
Despreza o que Deus lhe deu.

(A.)

1235 Eu juro pelas estrellas,
Que brilham no céo azul,
De te amar eternamente,
Inda que não queiras tu.

(A.)

1236 De cima do meu telhado
Conto as estrellas do céo,
Não posso contar, não posso,
Com um amor que foi meu.

(A.)

1237 Os teus olhos, das estrellas
Pouca diff'rença terão,
As estrellas são douradas,
Os teus olhos d'ouro são.

(A.)

1238 As estrellas são signaes
Que Deus ó mundo deitou;
Meu amor, quero-te mais
Que uma mãe que te criou.

(A.)

1239 O meu amor diz que vira,
Eu tambem queria ver,
Estrellas ao meio dia,
Coisa que não pode ser.

(D.)

1240 O vidro é como as estrellas,
Quando pegam a luzir,
Assim é a tu' garganta,
Quando a fazes retinir.

(A.)

1241 Moram as 'strellas no céo,
Moram os peixes no mar,
Vem tu, ó minha menina,
No meu coração morar.

(A.)

1242 Moram as 'strellas no céo,
Moram as conchas no mar,
Só tu, Anninhas, não queres
No meu coração morar.

(A.)

1243 Não te lembras, ó menina,
D'aquella noite de v'rão,
Tu a contar as estrellas,
Eu as pedrinhas do chão?

(D.)

1244 Adorada das estrellas,
Vem-me á janella falar,
Se as estrellas te adoram,
Eu tambem te hei-de adorar.

(T. M.)

1245 Se o céo produzira flôres,
Na terra estrellas haver;
De todo o mundo me aparto,
Só de ti não pode ser.

1246 Oh! que noite tão bonita!
Oh! que céo tão estrellado!
Oh! quem não tivera amores,
Que dormira descançado.

(A)

1247 Quem quer bem dorme na rua,
A' porta do seu amor,
Das pedras faz cabeceira,
Das estrellas cobertor.

(A.)

1248 Quantas 'strellas tem o céo,
Tantas facadas te eu dera,
Se não fora *arrecear*
Por pouco perder a terra.

(M.)

1249 Já o céo não tem estrellas,
Senão uma no cantinho
Onde passa o meu amor,
Que não tem outro caminho.

(A.)

1250 Já não ha 'strellas no céo,
Senão uma ao pé do sol;
Se deixei uns amor's bons,
Já peguei n'outros melhores.

(A.)

1251 Já o céo não tem estrellas,
Senão tres ao pé da lua;
Antes que *corra*, não acho
Cara mais linda que a tua.

(D)

1252 Não ha já 'strellas no céo,
Senão tres ao pé da lua;
Já me querem prohibir
A minha fala da tua.

(A.)

1253 Ai lé,
Lá em Barbacena,
'Stá o céo 'strellado,
E a noite serena.

(A.)

1254 O sol é o lavrador,
Sette-*estrellos abogão,*
A lua é o celleiro
Onde o sol recolhe o pão.

(A.)

1255 O sol é o lavrador,
Sete-*estrellas* é ganhão,
E sempre anda a *trancitar,*
Quer d'inverno, quer de v'rão.

(A.)

1256 Sete-estrello vae em pino,
A lua já vae tombada,
As ovelhas de meu amo
Não querem tomar malhada.

(A.)

1257 Sete-estrello vae em pino,
E a lua já empinou;
Diga-me lá, ó menina,
A que horas se deitou.

(A.)

1258 Sete estrello vae em pino,
A lua de banda em banda;
Quem me dera adivinhar
Quem no teu sentido anda.

(A.)

1259 O sete estrello vae alto,
E' magano, sabe tudo,
De que sorte se namora
De noite pelo escuro.

(D.)

1260 O sete estrello vae alto,
Inda mais do que o luar,
Mais alta vae a fortuna,
Que Deus tem para me dar.

(A.)

1261 O sete estrello vae alto,
Mais alto vae o luar,
Mais alta vae a ventura,
A quem Deus tem de a dar.

(Γ. M.)

1262 Os sete estrellos vão altos,
Mais alto vae o luar,
Mais alto vae o desejo,
Que eu tenho de te beijar.

(A.)

1263 Os sete estrellos vão altos,
Menina, vae-te deitar,
Eu tambem farei o mesmo,
Menina, vae socegar.

(M.)

1264 Se o sete estrello cahisse
Todo o mundo se abrazava;
Se o meu amor me deixasse,
Por minhas mãos me matava.

(A.)

1265 O sete estrello cahiu
P'r'ó sitio do saragaço;
Não faças caso de mim,
Que eu de ti caso não faço.

(A.)

1266 O sete estrello cahiu
Mesmo á beira do tanque;
Quem aqui vem p'ra te ver,
Ja te tem amor bastante.

(M.)

1267 Perguntei ao sete estrello,
Que é homem que sabe ler,
Em que altura vae a lua,
Quando quer amanhecer.

(A.)

1268 Procurei ao sete estrello,
Que é homem que sabe ler,
Em que altura vae a lua,
Quando o sol vem a romper.

(A.)

1269 Perguntei ao sete estrello,
Que é homem que sabe ler,
Em que altura está o sol,
Quando está para nascer.

(A.)

1270 O' sete estrello, que andaes
De noite n'essas alturas,
Dae-me novas do meu bem,
Que eu d'elle não sei nenhumas.
(M.)

1271 Sete estrello, sol e lua
Tudo p'r'ó mar embarcou,
Só o meu bem não embarca
Para os sitios onde estou.
(A.)

1272 *Sete estrellas*, sol e lua,
Tudo p'r'ó mar embarcou;
Estavas p'r'a mim tão firme,
Diz-me, amor, quem te voltou.
(A.)

1273 Sete estrello e abegão
Tudo no mar embarcou,
Tambem eu hei-de embarcar,
Já que o *mê 'môr* me deixou.
(A.)

Em respeito a esta secção, veja tambem os *Cantos* n.os 25, 59, 89 a 91, 357, 376, 381, 437, 438, 440, 631, 644, 660, 794, 823 e 882.

b) Fogo, Luz e Sombra

1274 O que o vento é para o fogo,
E' a ausencia p'r'ó amor.
Se é pequeno apaga-o logo,
Se é grande *faze-o* maior.

(A.)

1275 As saudades do amor
São penas que passam logo,
Uma ausencia é para elle
O que a agua é para o fogo.

(A.)

1276 O' José, meú Josésinho,
Capachinho de abanar,
Vae a abanar o fogo
Para apromptar o jantar.

(Alg.)

1277 Este nosso casamento
Dará muito que falar,
Ha-de haver fogo do chão,
E tambem algum do ar.

(D.)

1278 Eu d'amores não entendo,
E' só p'lo que ouço dizer;
E' um fogo que anda ardendo
Dentro d'alma sem se vêr.

(A.)

1279 No cimo d'aquella serra
Está um pinheiro a arder,
Eu passei pelo incendio,
Meu amor, para te vêr.

(T. M.)

1280 Antes que o lume se apague,
Na cinza fica o calôr;
Ainda que o amor se ausente,
No coração fica a dôr.

(T. M.)

1281 O coração que é leal,
Não 'squece o primeiro amôr;
E' como o lume apagado,
Na cinza deixa calôr.

(A.)

1282 Trocaste-me a mim por outra,
Não estranho, é o costume,
Que sempre se ha-de queimar,
Quem assim brinca c'o lume

(A.)

1283 Á tua porta está lume,
Quem o fez, quem o faria?
Foram os vadios de noite,
Que eu aqui passo de dia.

(A.)

1284 Eu sou a que accendi lume
N'uma chaminé doirada,
Eu sou a que reparti,
Reparti, fiquei sem nada.

(A.)

1285 Foste dizer mal de mim
Ao meu amor por desprezo,
Deitaste azeite no lume,
Inda ficou mais accêso.

(A.)

1286 Deitei azeite no lume,
Aguardente na candeia,
Tive novas do meu bem,
Não posso ter melhor ceia.

(A.)

1287 Botas *azête* no lume,
Aguardente na *candêa;*
A' vista d'estes *mês* olhos,
O teu sentido *varêa.*

(A.)

1288 Venha lenha, accenda lume,
Vá a *lavareda* ao ar;
Para mim quer-se quem tenha
Juizo no seu logar.

(A.)

1289 Pouco lume, muita chamma,
Faz a lenha do carvão;
Se vens a cantar por fama,
D'aqui não levas pendão.

(A.)

1290 A folha da oliveira,
Quando cáe no lume, estala,
Assim é meu coração
Quando comtigo não fala.

(E.)

1291 A folha da oliveira,
Botada no lume, estala,
Assim é meu coração,
Quando para o teu não fala.

(B. A.)

1292 O papel, ao pé do lume,
A poder de tempo, tosta;
Quem vive no mundo triste,
Logo na cara o *demostra.*

(A.)

1293 O papel, *ó* pé do lume,
Tosta como a camoeza;
Não me pareces mulher,
Pareces-me uma princeza.

(A.)

1294 Quem quizer tomar amores,
Vá comprar tabaco e fume,
Entre pelas portas dentro:
O' menina, dê-me lume.

(D.)

1295 Assentado estou ao lume,
E tremendo estou com frio;
Não deixes de amar quem amas,
Queiras-te levar em brio.

(A.)

1296 Cirandeira do gabão,
Anda p'r'*ó* lume, se queres,
Que só aos homens 'stá dado
O procurar as mulheres

(D.)

1297 Cirandeiro de gabão,
Anda p'r'ó lume, se queres,
Que toda a vida foi uso
Falar homens com mulheres.

(D.)

1298 N'esta casa não ha lume,
Vae-se buscar á cidade,
Os olhos do meu amor
São os que dão claridade.

(D.)

1299 Amor, não tenhas ciumes,
O que é demais aborrece,
Quem mais perto está do lume
Mais á vontade se aquece.

(A.)

1300 Minha mãe teve-me ao lume,
Cobriu-me c'uma tigela,
Os ratos deram comigo,
Comiam que nem vitella.

(A.)

1301 Nome de homem só Manoel,
De mulher só o de Maria
Amor firme só o de mãe,
E luz clara só a do dia.

(A.)

1302 Corre a louca maripora,
E na luz se vae queimar;
E' como a moça donzella,
Que suspira por casar.

(A.)

1303 Meu annel de quatro quinas,
Hei-de-lhe pôr quatro velas;
Meu coração me adivinha
Que me não amas deveras.

(A.)

1304 O adro tem quatro quinas,
Accend'-e-lhe quatro vélas,
Que me diz o coração
Que me não amas deveras.

(A.)

1305 Qual é a luz que alumia
Esta casa aos quatro cantos?
D'esta porta para dentro
Quem dará os dias santos?

(A.)

1306 Um baile com a luz fusca
E' p'ra mim de grande apreço,
Pois foi lá que eu arranjei
A mulher que não mereço.

(A.)

1307 Apaga-me aquella luz,
Que está o azeite caro,
Diante de mim 'stão olhos
Que *alumeam* mais *que aro*.

(A.)

1308 Apagaste a candeia
Que estava no velador,
Agora vae-te deitar
A's escuras, meu amor.

(D.)

1309 Esta rua é-me escura,
Não vejo nada por ella,
Bem poderas, tu, menina,
Pôr candeias á janella.

(D.)

1310 Alumia-me, candeia,
Que me quero ir deitar;
Sem torcida, nem azeite,
Como te hei-de alumiar.

(D.)

1311 *Alumèa-me*, ó candeia,
Que quero ver a quem amo,
Não quero ser como o peixe,
Que anda no mar por engano.

(A.)

1312 Dei um nó na fita verde,
Desatei-o á candeia;
Quem vê seu amor á noite
Não póde ter melhor ceia.

(A.)

1313 Como pode uma *candèa*,
Alumiar a casa toda;
O' meu amor d'algum dia,
Has-de-me ir á minha bôda.

(A.)

1314 A candeia por 'star alta,
Não deixa de alumiar;
Ai, amor, quando 'stás longe,
Não deixas de me lembrar.

(A.)

1315 Candeia que não dá luz
Não se espeta na parede;
O amor que não é firme
Não se faz mais caso d'elle.

(M.)

1316 Á luz d'aquella candeia
Se fez o meu casamento;
O' candeia não te apagues,
Que has de vir a juramento.

(A.)

1317 O alecrim miudinho,
Passado á luz da candeia,
Sempre te andas a afastar,
Diga você que *arreceia*.

(A.)

1318 Mangerico recortado
A' noite á luz da candeia;
Não se me dá de ser preso,
Se os teus braços são cadeia.

(A.)

1319 Mangerico redondinho,
Cortado á luz da candeia;
Se me queres ter captivo,
Faz dos teus braços cadeia.

(A.)

1320 A' entrada d'esta villa,
A' sahida d'esta aldeia,
Namorei uma menina
A's escuras, sem candeia.

(A.)

Como pode um candieiro
Dar luz a dois corredores?
Como pode um coração
Ser leal a dois amores?

(

Como pode um candieiro
Alumiar duas salas?
Como pode o meu amor
Fazer frente a duas caras?

(.

Candieiro de tres luzes,
Que alumia quatro cantos;
Mal empregada menina
Ser namorada de tantos.

(A.)

Tira-te d'essa janella,
Candieiro de tres luzes,
Mais de quatro hão de ficar
Na bocca fazendo cruzes.

(A.)

Quem quizer ser enganado,
Enganado por inteiro,
Namore-se de uma mulher,
Stando a luz do candieiro.

(A.)

Lá no meio d'aquelles mares
Stá uma vela branca accesa,
Atrevia-me a apagal-a
Com beijinhos á franceza.

(A.)

1327 Adeus cidade do Porto,
Toda *alumiada* a gaz,
Adeus campo da manobra,
Onde eu trago o meu rapaz.

(D.)

1328 A mulher que eu namorei,
No meu tempo de rapaz,
Tinha os olhos tão brilhantes,
Que par'ciam mesmo gaz.

(A.)

1329 Assenta-te aqui, meu bem,
A' sombra do meu chapéo,
O Alemtejo não tem sombra
Senão a quem vem do céo.

(D.)

1330 Almocreve não tem sombra,
Senão a que cáe do céo;
Assenta-te aqui, meu bem,
A' sombra do meu chapéo.

(A.)

1331 De noite tudo são sombras,
N'ellas te hei de procurar,
Já que de dia não posso
Tuas falas alcançar.

(B. A.)

1332 Adeus Rosa do olmeiro,
Raminho de bem querer,
Quem á tua sombra chega
Não se pode arrepender.

(B. A.)

1333 Olhos pretos ramalhudos,
Que sombra que não farão!
Quem me dera a sombra d'elles,
Para o principio do v'rão.

(A.)

1334 Inda agora aqui cheguei,
Acho que estou a meu gosto;
Algum dia dormirei
A' sombra d'um lindo rosto.

(A.)

1335 Quem me dera na cidade,
A' sombra do mangerico;
P'ra contar *ó* meu amor
Coisas que me teem dito.

(A.)

1336 Estando eu no meu quintal,
A' sombra da mangerona,
'Stava cantando a meu bem
Os amores da azeitona.

(A.)

1337 Oh! quem me dera em Alter,
A' sombra da mangerona,
P'ra contar ao meu amor
O que passei na azeitona.

(A.)

1338 Lirio roxo, lirio roxo,
Lirio de folha amarella,
A' sombra do lirio roxo
Namorei uma donzella.

(A.)

1339 Anda cá, meu goivo roxo,
Assentar-te ao pé de mim,
N'uma cadeirinha nova,
A' sombra do alecrim.

(D.)

1340 Alecrim á borda d'agua,
Faz a sombra aos peixinhos;
A quem destes os abraços,
Dá-lhe tambem os beijinhos.

(A.

1341 Fui-me deitar a dormir
Lá á sombra da espadana.
Toda a vida ouvi dizer:
Morra o homem, fique fama.

(A.)

1342 Milho verde, milho verde,
Milho verde, folha larga,
A' sombra do milho verde
Namorei uma fidalga.

(D.)

1343 Milho verde, milho verde,
Milho da folha amarella,
A' sombra do milho verde
Namorei uma donzella.

(D.)

1344 Milho verde, milho verde,
Milho da folha miuda,
A' sombra do milho verde
Namorei uma viuva.

(D.)

1345 O' alto martyrio roxo,
Cobre me co' a tua sombra,
Que eu roubei uma menina
E não tenho aonde a esconda.

(D.)

1346 Tendes a parreira á porta,
Tendes sombra á regalada;
Tendes fama de formosa,
De feia não tendes nada.

(A.)

1347 Tu tens a parreira á porta,
Tens a sombra, tens ousio,
Quem tem sombra tem regalo,
Quem tem regalo tem brio.

(A.

1348 Trigo loiro, trigo loiro,
Quem me dera a tua côr,
A' sombra do trigo loiro
Agarrei o meu amor.

(A.

1349 Adeus ó horta do Bréjo
Bem passeiada te deixo,
Cá me fica uma saudade,
A' sombra d'aquelle freixo.

(A.

1350 Quem tem pecegueiro á porta,
Tem regalo e sombra boa;
Tu de bonita tens fama
Dos montes até Lisboa.

(A

1351 A' sombra do pecegueiro
Nasce a planta e dá *felór*:
No meu coração nasceu
A affeição ao meu amor.

(A.)

1352 *Dêtê-m'* a dormir um somno
A' sombra d'um *damasquêro*,
Vem 'ma pulga, dá-me um *côce*,
Pôz-m' as tripas n'um *pandêro*.

(A.)

1353 A sombra do castanheiro
E' muito fresca no v'rão,
Se me mandar's para ella,
Eu não te digo que não.

(D.)

1354 Retira-te laranjeira,
Defronte da casa nova,
Que eu quer' ver o meu amor,
E a tua sombra me *estrova*.

(A.)

1355 O' José, pinheiro verde,
Guarda a sombra para o v'rão,
Que toda a sombra se acaba,
Só a tua, José, não.

(D.)

1356 O' José, pinheiro alto,
Que bella sombra p'r' *ó* v'rão!
Toda a conversa me enfada,
Só a tua, José, não.

(A.)

1357 O' alto pinheiro redondo,
Sombrinha de todo o v'rão,
Toma amores ao teu gosto,
Regala o teu coração.

(D.)

1358 A oliveira pequenina
Tambem tem pequena sombra,
Tambem eu sou pequenina,
Vóssê comigo não zomba.

(A.)

1359 Deitei-me a dormir um somno,
A' sombra do bel' chorão,
Acordei co'a tua voz
Falando-me *ó* coração.

(A.)

1360 O' morte, tyranna morte,
Olha o crime que causaste,
P'r'*á* sombra dos aciprestes
A minha amada levaste.

(A.)

1361 Mandaste-me para os *vaes*,
Que degredo que me *déstes!*
Lá nos *vaes* é que eu me quero,
A' sombra dos acyprestes.

(A.)

c) A atmosphera

1362 Meu amor, p'ra te avistar,
Quiz subir á atmosphera,
Foi então quando te vi,
Linda flor da primavera.

(A.)

1363 Ha de vir um vento norte
Que varra c'os estudantes,
E fica a cidade limpa
De marotos e tratantes.

(D.)

1364 O' que bello vento norte,
Que vem lá da minha terra,
Quando o ventinho é tão bom,
Que fará a gente d'ella.

(A.)

1365 O' bella praia de Espinho,
Lavada do vento norte,
Quem n'ella tiver amores
Não pode ter melhor sorte.

(D.)

1366 Tenho raiva ao vento norte,
Que me leva a flôr ao cravo,
Tenho raiva a mim mesmo,
Por não ser do teu agrado.

(D.)

[illegible] Venha do vento suão,
Caminha p'ro norte sul;
As [illegible] d'esta [illegible]
[illegible] [illegible] [illegible] [illegible].

(A.)

[illegible] Eu sou vento, tu es vento,
Tu do norte, eu do suão;
Comigo passas o tempo,
Com outra [illegible] [illegible].

(A.)

1369 O meu amor era Antonio,
Eu mudei para João,
Pois tambem o vento muda
Do sul par' o suão.

(A.)

1370 Sou do norte, viva o norte,
Viva tambem o suão,
Sou da villa de Monforte,
Nascido em Alter do Chão.

(A.)

1371 Adeus ó vento suão,
Agulha de marear;
Nunca estás de *comprêção*
Quando te venho falar.

(A.)

1372 As cantigas de hoje em dia
Leva-as o vento suão,
Tu tens uma sympathia,
Eu tenho uma opinião.

(A

1373 Algum dia, por te ver,
Mandava calar o vento,
Agora é já impossivel
Chegar's *ó* meu pensamento.

(A.)

1374 Algum dia a minha rua
Era o teu divertimento,
Agora passas por ella
De fugida, como o vento.

(A.)

1375 Hei de cantar, hei de rir,
Que este agora é o meu tempo,
Quem me não quizer ouvir
Bote os ouvidos ao vento.

(M.)

1376 Esta noite bole o vento,
As flores *andem* voar,
Heide-me pôr á janella,
Algumas hei de apanhar.

(B. B.)

1377 Quem me dera que viesse
Um ventinho corredor,
Que levasse e me trouxesse
Noticias do meu amor.

(A.)

1378 Tomei amor's com o vento,
Não *sei se faria* bem,
Que o vento é descomposto,
Bota-me por 'hi álem.

(D.)

1379 Fiz a cama na varanda,
Ao desamparo do vento;
Já tive amor's a meu geito,
Duraram-me pouco tempo.

(A.)

1380 O' vida da minha vida,
Minha vida vae andando,
Fiz a cama na folhada,
O vento vae-m'a levando.

(B. A.)

1381 Uma nau é um navio,
Que navega contra o vento;
Menina, se ha de ser minha,
Dê me o sim, que já é tempo.

(D.)

1382 Já lá vae minha valia,
Já lá vae meu valimento,
Por a minha pouca sorte
Fiquei á mercê do vento.

(A.)

1383 A rosa que é muito aberta
Qualquer ventinho a desfolha,
A moça muito garrida
Qualquer rapaz a namora.

(D.)

1384 Eu fui lá cima ao castello,
Fui á torre a tomar vento,
Quem do castello namora
Tarde logra o casamento.

(A.)

1385 No meio da primavera
O vento n'agua bateu;
Para cantar *se eu soubera*,
Mais val' cantar *bem fiz eu*.

(A.)

1386 A' porta da minha sogra
Combate o vento de lado;
Ha mais de quatro semanas,
Não vejo o meu namorado.

(A.)

1387 A oliveira no alto
Pelo vento é combatida;
Ao que prometto não falto,
Emquanto Deus me dér vida.

(A.)

1388 Tu escreveste na areia,
Sobrescriptaste no mar,
O vento foi teu correio,
Muito segura hei de eu 'star.

(A.)

1389 Entrei o jardim a dentro
A colher 'ma rosa aberta;
As mulher's são com'ó vento,
Não teem palavra certa.

(A.)

1390 Se o meu amor fora firme,
Mal haja se outro tivera!
Meu amor é como o vento,
Que anda na folha da hera.

(A.)

1391 Já lá tens amores novos,
Estimo da minha banda.
Tanto gozes tu com elles
Como o vento na varanda.

(A.)

1392 As pennas leva-as o vento,
Aquellas que leves são,
Já não ha vento que leve
Uma do meu coração.

(T. M.)

1393 Eu tenho ouvido dizer:
Palavras leva-as o vento;
As minhas para comtigo
Trago-as no pensamento.

(D.)

1394 'Traz d'uma moita está outra,
Ninguem se deve fiar,
Palavras leva-as o vento,
Onde irão ellas parar!

(A.)

1395 Eu tenho na minha horta
A *felor* do desengano;
Não deites vozes ó vento,
Espera por mim um anno.

(A.)

1396 O estado de solteira
Para mim já se acabou,
Foi um lencinho de pennas,
Que o ventinho me levou.

(A.)

1397 Os primeir's amor's que tive
Foram farélos *ó* vento;
Mas estes que agora tenho
Adoram-me o pensamento.

(A.)

1398 Severo, quando morreu,
Deixou em seu testamento,
Que lhe fizessem bem d'alma
Das folhas que leva o vento.

(T. M.)

1399 O' amor's novos, falai-me,
Que os velhos já falleceram,
Foram ventos que passaram...
Folhas de papel que arderam.

(A.)

1400 Rapariga toma assento,
Como o chá cá na Europa,
Não queiras ser como o vento,
Que num 'stante muda a tropa.

(A.)

1401 Adeus, que me vou embora,
Adeus, que me leva o vento,
Já não ha quem por mim chore
N'este triste apartamento.

(D.)

1402 A murtinheira é de vidro,
Fechada na mão se quebra;
Assim é meu bem comigo,
Cuida que o vento me leva.

(A.)

1403 Uma garrafa de vidro
Apertada na mão quebra,
Tambem tu, minha menina,
Pensas que o vento me leva.

1404 O' bello monte do Trigo,
Que está lá no termo d'Evor
Andas ciosa comigo,
Pensas que o vento me leva.

1405 Minha mãe me está chamand
Vareirinha de Baganha;
Valha-me Deus, que mulher!
Julga que o vento me apanh
(E

1406 A cantiga que cantaste
Eu n'ella não tomei tento,
Fui acudir ao chapéo,
Que me voava co' o vento.

1407 Chapéo alto, chapéo alto,
Olha que t'o leva o vento;
Andas para me enganar,
Olha que perdes o tempo.

1408 Passarinho bate, bate,
Bate as azas, toma vento,
Vae-me levar esta carta
Onde tenho o pensamento.

1409 Fiz a cama no loureiro,
Ao *aberigo* do vento,
Tive uns amor's a meu gosto,
Mas duraram pouco tempo.

(A.)

1410 Vê lá, meu bem, se te lembras
D'aquella noite de vento,
Que te tive desmaiada
Nos meus braços tanto tempo.

(A.)

1411 Alembra-te a ti, menina,
A noite de quinta feira,
Que chovia e ventava
E zoava a carvalheira?

(D.)

1412 Inda que o vento *aventeje*,
No ar se faça em pedaços,
Eu hei de casar comtigo,
Em que haja mil embaraços.

(A.)

1413 Tenho penas, tenho penas.
Não são pennas de gallinha,
Dá-lhes o vento, não voam,
Que penas são estas minhas?

(A.)

1414 Já me vou, já me despeço,
Já deito vozes ao vento,
Que eu já não tenho a quem chore
N'este nosso apartamento.

(A.)

1415 O' meu amorsinho,
Que dizes ao tempo?
Fugiu-te a fortuna,
Co'a benção do vento.

(A.)

1416 Ailé, ailé,
Adeus, que me ausento
Para a minha terra,
Que me leva o vento.

(A.)

1417 Deste-me a palavra,
Foi de casamento,
Deste-m'a na rua,
Levou-a o vento.

(A.)

1418 Ailé, ailé,
Do norte ao sulão,
Diga-me, *ó* menina,
Quantas leguas são.

(A.)

1419 O' ares do tempo brusco,
Deitae á terra calor;
Na ausencia é que se conhece
A lealdade do amor.

(A.)

1420 O' ares do tempo brusco,
Mandae á terra calor;
Não é bem que pague o justo
Por mim, que sou peccador.

(A.)

1421 O céo se cobriu de luto,
A mesma terra tremeu,
Os ares se escureceram,
A minha joia morreu!

(A.)

1422 O' coração d'uma pomba,
O' ares da primavera,
Quem me dera adivinhar
O teu sentido qual era.

(A.)

1423 O' coração, ó pombinha,
O' ares da primavera,
Dera-te o meu coração
Se elle partido estivera.

(D.)

1424 O' ares da minha terra,
Vinde por 'qui e levae-me,
Que os ares de terra alheia
Não querem senão matar-me.

(A.)

1425 Quem me dera adivinhar
Onde andavas trabalhando,
Lá ia meu coração
Por esses ares voando.

(A.)

1426 Se o meu bem adivinhara
As penas que estou passando,
Elle aqui viria a ter,
Pelos ares *avoando*.

(A.)

1427 Já *embarquê* par' America,
Já corri os quatro mares,
Lembraram-me os meus amores,
Fiquê suspenso nos ares.

(A.)

1428 Dei um ai com tanta dôr,
Que no ar se suspendeu,
Remettido ao meu amor,
No caminho se perdeu.

(A.)

1429 Andas morta por saber
Onde faço a minha cama,
Faço-a *ó* rigor do ar,
Por *debaxo* da espadana.

(A.)

1430 O' meu amor, não me deixes,
Que eu inda te não deixei,
As folhas no ar se viram,
Eu inda me não virei.

(A.)

1431 Disseram-te mal de mim,
Ajudaste, que eu bem sei;
As folhas no ar se viram,
E eu inda me não virei.

(A.)

1432 Está o ar estrelladinho
De garrafinhas de vidro;
Já te não lembras, amor,
Do nosso tempo perdido.

(B. A.)

1433 'Tirei co' o chapéo ao ar,
No ar se fez amarello;
Se algum d a te quiz bem,
Agora nem ver-te quero.

(A.)

1434 Atirei co' o verde ao verde,
Atirei co' o verde ao ar,
Atirei com balas d'ouro
Aos passarinhos d'Ambar.

(A.)

1435 Atirei co' o vidro ao vidro,
Atirei co' o vidro ao ar,
Atirei co' o meu sentido
Onde o não pude alcançar.

(A.)

1436 Atirei co' o lirio roxo,
Ao ar, por divertimento,
E veio-me a cair no rosto:
Não ha gosto, sem tormento.

(A.)

1437 'Tirei co' a laranja ao ar,
E foi cahir a Fronteira;
Mal empregada menina
Não 'star ainda solteira.

(A.)

1438 'Tirei co' a laranja ao ar,
Cahiu no chão, fez um *i*,
Ande lá por onde andar,
Nunca me esqueço de ti.

1439 'Tirei co' o papel ao ar,
E no ar se fez um *s*,
Eu não deixo de te amar,
Nem o teu amor me esquece.

(T. M.)

1440 Atirei co' a penna ao ar,
Cahiu no chão, fez um *s*;
Ande lá por onde andar,
O teu amor não me esquece.

(A.)

1441 'Tirei co' a laranja ao ar,
E do ar ao chão cahiu;
Quiz falar ao meu amor,
Minha mãe não consentiu.

(A.)

1442 'Tirei co' o papel *ó* ar,
Foi a ter lá cima *ó* forte;
Em eu 'stando p'ra morrer,
Eu mesma me entrego á morte.

(A.)

1443 'Tirei co'o papel ao ar,
No meio se fez uma pomba;
Se algum dia te quiz bem,
Agora nem ver-te a sombra.

(A.)

1444 Atirei co' a penna ao ar,
Partiu-se e cahiu no chão;
Assim se parte a minha alma
Com a tua ingratidão.

(D.)

1445 Vistam-se os campos de lucto,
Os ares de lirios verdes,
Meus olhos de sentimento,
Por te ver tão poucas vezes.

(A.)

1446 O' moças, virae, virae,
Que lá vem a viração,
Que lá vêm os marujinhos
A cheirar a alcatrão.

(D.)

1447 Dizei o que significa
Um nevoeiro na serra;
Significa lealdade,
Ha bem pouca n'esta terra.

(D.)

1448 Passei pela tua porta,
Não te vi, ó alma minha,
Fiquei como a noite escura,
Mettida na nevoinha.

(D.)

1449 O meu amor me deixou
N'uma manhã de *nuvrina*,
Deixou-me por eu ser pobre,
Que outra falta *nã' na* tinha.

(A.)

1450 Eu hei de *ire*, eu hei de *ire*,
Pôr a mão n'aquella nuvem,
Cobrir a cara c' um véo,
Já que te lograr não pude.

(A.)

1451 Eu hei de subir ao céo,
Hei-de romper uma nuvem,
Botar um véo pela cara,
Já que te lograr não pude.

(D.)

1452 Deus te guarde, meu amor,
Sejas bem apparecido,
Parece que tens andado
Nas nuvens do céo mettido.

(A.)

1453 Deus te salve, rosa branca,
Já que fôste apparecida,
Ha tanto tempo que andavas
Entre as nuvens escondida.

(D.)

1454 Lá no mar vae uma nuvem,
Que leva as armas do rei;
Peço-te que não descubras
O que comtigo passei.

(B. A.)

1455 Fui-me deitar entre as nuvens,
Das estrellas fiz encosto,
Abracei-me a uma d'ellas,
Cuidando que era o teu rosto.

(A.)

1456 Subi com a minha amada
'Té onde ninguem me viu,
As nuvens diziam basta,
Até 'qui ninguem subiu.

(A.)

1457 Subi ao alto das nuvens
Os meus ais depositar,
Uma voz me respondeu:
—E' bem feito, torna a amar.

(A.)

1458 Pelo céo vae uma nuvem,
Temos o tempo mudado;
O amor, para ser firme,
Deve ser dissimulado.

(A.)

1459 Pelo céo vae uma nuvem,
Todos dizem—bem a vi;
Todos falam e murmuram,
Ninguem olha para si.

(A.)

1460 Tenho uma casa nas nuvens,
Desamparada do vento,
Quando estou mal co' o meu bem
Vou p'ra lá passar o tempo.

(A.)

1461 Tenho umas casas nas *nuveas,*
Ninguem m'as lá vae caiar,
Quando estou mal co' o meu bem,
Para lá vou disfarçar.

(A.)

1462 'Stá o norte ennevoado,
E' signal que quer chover;
Vejo o meu bem demudado,
Não sei que isto quer dizer.

(A.)

1463 'Stá o céo ennuveado,
'Stá p'ra chover e não chove;
O meu amor 'stá doente,
'Stá p'ra morrer e não morre.

(A.

1464 Vejo o céo ennevoado,
Coberto de pennas verdes;
Goza-te da minha vista,
Que te vejo poucas vezes.

(A.

1465 'Stá o céo ennevoado,
O's arquinhos, como viste;
Não sei que teem teus olhos,
Que teem o olhar tão triste.

(A.

1466 No dia em que me casei
Tres mudanças fez o dia,
Esteve o céo ennevoado,
Fazia sol e chovia.

(A.

1467 Queira Deus que chôva, chôva,
Queira Deus que chôva trigo,
Na seara de meu sogro,
Para repartir commigo.

(A.

1468 A'manhã, por estas horas,
Fará sol, se não chover;
Hei de ir ver o meu amor,
Se a ribeira não encher.

(A.

1469 Esta noite ha de chover
Uma chuva miudinha,
Eu hei de me abrigar d'ella
A' tua porta, menina.

(D.)

1470 Esta noite *chóvi* agua,
Um pinguinho, dois pinguinhos;
Lá por essa noite velha
Leva a noiva mil beijinhos.

(A.)

1471 Debaixo d'esta ramada
'Stá chovendo umas pinguinhas;
Todas 'stão com seus amores,
Só eu estou a torcer linhas.

(D.)

1472 Chove, chove miudinho,
Proveito p'r'á terra é;
Deixa a rica, vae p'r'á pobre,
Que é a fôrma do teu pé.

(A.)

1473 *Chóvi* agua miudinha,
Rega o cravo na craveira,
Tambem rega o meu amor,
Que é ganhão lá na Padeira.

(A.)

1474 Chova agua, chova agua,
Chova agua miudinha,
Que semeei no meu quintal
Semente d'um *alfacinha*.

(A.)

1475 Como chove miudinho,
Lá para as bandas do norte!
Coitado do meu amor,
Que anda molhando o capote.

(E

1476 Tanta chuva miudinha,
Que cahe no meu chapéo;
Não bastam os teus rigores,
Senão castigos do céo.

(A

1477 Já chove agua do nascente,
Já correm os regatinhos;
Já os campos 'stão contentes,
Já cantam os passarinhos.

(A

1478 Eu não quer' ir á azeitona,
Que eu não gosto de a apanhar,
Chóvi agua, sopra o vento,
Não me quer' ir a molhar.

(A

1479 Elle chove, o rio cresce,
Navio não dês á costa;
Meu amor, não desconfies,
Até segunda *reposta*.

(M

1480 *Chóvi* agua, *chóvi* agua,
Na alcofinha das colhéres;
Quem quizer ouvir mentiras
Ponha-se ao pé das mulheres.

(A

1481 *Chóvi* agua e não me molho,
Não sei d'onde esta agua vem,
Lá dos arcos d'Amoreira,
Correndo p'r'ó armazem.

(A.)

1482 *Chóvi* agua e não me molho,
Não sei d'onde esta agua vem,
Vem de cima do castello,
Lá detraz do armazem.

(A.)

1483 Chovam aguas, cresçam rios,
Deem navios á costa;
Não tomes amor's com outra,
Até segunda resposta.

(E.)

1484 Agua que chove do alto,
Quanto mais alto mais sôa;
Se eu te deixava de amar,
Essa sim, que estava bôa!

(A.)

1485 Esta noite choveu agua
Nos regadios do poço,
Todas as rosas abriram,
Menos tu, meu cravo roxo.

(A.)

1486 Na villa do Alandro..l,
Quando chove nascem flores;
Não pode ter melhor dita,
Quem lá tem os seus amores.

(A.)

1487 Debaixo d'esta ramada
Não chove nem cahe orvalho;
Menina, se ha de ser minha,
Não me dê tanto trabalho.

(D.)

1488 Ailé,
Adeus, que *m'áẓento;*
N'uma banda chove,
N'outra bate o vento.

(A.)

1489 Ailé,
Chove no molhado,
Chove no meu peito,
Na raiz do cravo.

(A.)

1490 N'uma manhã de geada
Caiu a penna ao pavão;
Quem não quer que o mundo fale,
Não lhe dê occasião.

(A.)

1491 Dizem que já não ha flores,
Que se queimam co' a geada,
Defronte de mim 'stá uma,
Que ha de ser a minha amada.

(A.)

1492 Esta noite choveu neve,
No gargalinho do poço;
E viva quem anda amando,
Dos dois manos, o mais moço.

(A.)

1493 Esta noite choveu neve
No gargalinho do poço,
Todos os cravos abriram,
Só tu não, meu cravo roxo.

(A.)

1494 Esta noite choveu neve,
Cahiu a folha ao jasmim;
Quem mais faz menos merece,
Que assim me succede a mim.

(A.)

1495 No centro da primavera
Cahiu a neve mais pura;
Quem é firme é desgraçado,
Quem é falso tem ventura.

(D.)

1496 Debaixo do frio chão
Se conserva a neve pura;
Quem é firme é desgraçado,
Quem é falso tem ventura.

(A.)

1497 Agua clara era eu,
Branca como a pura neve,
Agora já sou mais negra
Que a tinta com que se escreve.

(A.)

1498 Cantas bem, não cantas mal,
Coração *de pura neve*;
Anda aqui um rapazito,
Que muita paixão me deve.

(A.)

1499 Eu já vi a neve pura
Em cima de ti, valverde;
Quem tem amor's nunca os perd
Quem os perde nunca os teve.

(A

1500 A neve na serra alta
Faz a maior assistencia;
O amor quanto mais firme
Mais querido é na ausencia.

(A

1501 O' alta serra da neve,
D'onde o penedo cahiu;
Ninguem diga o que não sabe,
Nem affirme o que não viu.

(A.

1502 O' alta serra da neve,
On' se faz o papel fino;
Vejo-me nesses teus olhos
Como n'um espelho fino.

(A

1503 O' alta serra da neve,
Com castell' d'oiro batido;
Se pensas que eu por ti morro,
Alto vae o meu sentido.

(A

1504 O' alta serra da neve,
Onde se pinta a lindeza;
Quem tem a alma no céo,
Para que quer mais riqueza?

(T

1505 O' alta serra da neve,
Onde se tece a cambraia;
Quem é lindo, não se suja,
Inda que na terra cáia.

(A.)

1506 O' alta serra da neve,
Teu gelo está derretido;
Se pensas que eu que te quero,
Tira d'ahi o sentido.

(A.)

1507 O' alta serra da neve,
Virada para a viveza;
Não ha mulher com ventura,
Nem homem que leal seja.

(A.)

1508 O' alta serra da neve
Onde a flôr da murta assiste;
Se eu não logro esses teus olhos
Toda a vida andarei triste.

(A.)

1509 Foste dizer mal de mim
A'quella serra de neve;
O' lingua diffamadora,
Meu *créto* quanto te deve!

(A.)

1510 Eu subi ás altas nuvens,
Onde se geram trovões;
Ajunta as minhas meiguices,
Co'as tuas ingratidões.

(A.)

1511 Entre os ares e as estrellas
Se congelam os trovões;
Quem tem amores tem zelos,
Quem tem zelos tem paixões.

(D.)

1512 Lá p'r'ós lados de S. Bento
Se armou grande trovoada,
Tudo se fundiu em vento,
Que por fim não choveu nada.

(A.)

1513 Eu sou como a trovoada,
Que do céo á terra vem,
Que sempre deixa nomeada,
Mais aqui, ou mais álém.

(A.)

1514 O' meu amor não te lembras,
Na noite da trovoada,
Que estiveste duas horas
Nos meus braços desmaiada?

(A.)

1515 Amor, se me não és firme,
Que do céo te caia um raio,
Nos olhos uma centelha,
No coração um desmaio.

(A.)

Vide tambem os *Cantos* n.os 37, 131, 135, 215, 323, 342, 430, 436 e 452.

δ) A agua

1516 A agua p'ra baixo corre,
P'ra cima não faz corrente;
Meu amor, se tu 'stás firme,
Eu por mim não 'stou assente.

(A.)

1517 A agua p'ra baixo corre,
P'ra cima não faz corrente;
Meu amor, se estás zangado,
Eu tambem não 'stou contente.

(A.)

1518 Se não foras minha prima,
Ia pedir-te a teu pae;
A agua, ladeira acima,
Se *nã na* levam, não vae.

(A.)

1519 O amor que eu puz em ti,
Valia mais pôl-o n'agua;
Agua corre, vae-se embora,
O amor nunca se acaba.

(A.)

1520 O' agua que vaes correndo
De pedrinhas em pedrinha,
Leva-me, ó agua, esta carta,
Ao meu amor da Barquinha.

(A.)

1527 *Dêtê-me* a dormir *um* sonno
Ao pé da agua que corre,
Acordei e ouvi dizer:
De mal d'amor's ninguem morre.

(A.)

1528 Fui chorar ao pe da agua
Lagrimas de sentimento,
A agua me respondeu:
Nada cura como o tempo.

(B. A.)

1529 Quem quizer que a agua corra,
Dê-lhe um golpe na levada;
Quem quizer o amor firme,
Cale-se, não diga nada.

(D.)

1530 Quem quizer que a agua corra,
Dê-lhe um golpe no torrão;
Quem quizer o amor firme,
Procure-o de geração.

(D.)

1531 Agua, sustem-te nos valles,
Não sejas tão corredia;
Já não ha amor's leaes,
Como n'outro tempo havia.

(A.)

1532 O' agua, tem[illegible]les,
Não sejas tã[illegible]
Quem namo[illegible]enta,
Quem quer b[illegible]svia.

(A.)

1521 O' agua que vaes correndo,
Não corras, 'spera por mim;
Que 'stou fazendo um raminho
Para dar ao meu Joaquim.

(A.)

1522 O' agua que 'stás correndo
Por baixo da sacristia!
O' terra que 'stás comendo
O espelho *donde* eu me via!

(A.)

1523 O' agua que vaes correndo
Debaixo da sacristia,
Diz á terra que não coma
O coração de Maria.

(A.)

1524 Puz-me a chorar saudades
A' beira d'agua que corre,
A agua me respondeu:
Quem tem canceiras não dorme.

(D.)

1525 Deitei-me a dormir um somno
Ao longo da agua que corre,
Uma voz ouvi dizer:
Quem tem amores não dorme.

(A.)

1526 Fui-me deitar a dormir
Ao pé da agua que corre,
A agua me respondeu:
Quem tem amores não dorme.

(B. A.)

1527 *Dêtê-me* a dormir um somno
Ao pé da agua que corre,
Acordei e ouvi dizer:
De mal d'amor's ninguem morre.

(A.)

1528 Fui chorar ao pé da agua
Lagrimas de sentimento,
A agua me respondeu:
Nada cura como o tempo.

(B. A.)

1529 Quem quizer que a agua corra,
Dê-lhe um golpe na levada;
Quem quizer o amor firme,
Cale-se, não diga nada.

(D.)

1530 Quem quizer que a agua corra,
Dê-lhe um golpe no torrão;
Quem quizer o amor firme,
Procure-o de geração.

(D.)

1531 Agua, sustem-te nos valles,
Não sejas tão corredia;
Já não ha amor's leaes,
Como n'outro tempo havia.

(A.)

1532 O' agua, tem-te nos valles,
Não sejas tão corredia;
Quem namora não se ausenta,
Quem quer bem não se desvia.

(A.)

1533 Em qualquer pocinha d'agua
Bebe a cobra, nada o peixe;
Ai, amor, procura a vida,
Não esperes que eu te deixe.

(A.)

1534 Na casinha de meu pae
Ninguem 'stá melhor do que eu;
O peixe n'agua está vivo,
Em sahindo já morreu.

(A.)

1535 A agua requer os peixes,
Tudo requer o que é seu,
Como não hei de eu req'rer
Um amor que já foi meu.

(A.)

1536 O peixe viver não póde
Separado da agua fria,
Eu t.mbem viver não posso
Sem a tua companhia.

(A.)

1537 Debaixo d'agua se criam
Peixinhos que sabem bem;
Tambem eu me estou criando
P'ra servir d'amparo a alguem.

(A.)

1538 Eu 'stou como o peixe n'agua,
Ninguem 'stá melhor que a mim,
O peixe n'agua navega,
Eu 'stou me revendo em ti.

(A.)

1539 Quem tem amores não dorme,
Nem de noite, nem de dia,
Dá voltas na sua cama
Como o peixe n'agua fria.

(D.)

1540 Debaixo d'agua está lodo,
Debaixo do lodo peixe;
Inda me hoje has de pedir
Pelas almas que te deixe.

(D.)

1541 Debaixo d'agua está lodo,
Debaixo do lodo peixe;
Emquanto o mundo for mundo,
Não receies que eu te deixe.

(A.)

542 Debaixo d'agua está lodo,
Debaixo do lodo peixe;
Hei-de deixar o meu bem,
Primeiro que elle me deixe.

(A.)

1543 Oh! que bella brincadeira,
Nós vimos de presenciar,
Quatro peixes, e um sapo,
Debaixo d'agua a banhar.

(A.)

1544 Vossê diz que me não quer,
E por fim hade-me q'rer,
Tanto dá a agua na pedra
Té que a faz abrandecer.

(D.)

1545 Anda cá, meu bem que foste,
Que ainda o pódes vir a ser,
Tanto bate a agua na pedra,
Té que a faz abrandecer.

(A.)

1546 A pedra debaixo d'agua,
No lodo não faz assento;
Quero tanto ao meu amor,
Que o não tir' do pensamento.

(A.)

1547 Pela rua me corre agua,
Em casa me nascem flores;
Deixaste-me em boa idade
P'ra tomar outros amores.

(A.)

1548 Eu cá tenho á minha porta
D'agua uma grande nascente,
Aonde lavo as saudades
Quando de ti 'stou ausente

(A.)

1549 Á tua porta corre agua,
Menina faça-lhe um rego,
Que eu já ando ameaçado
De quem tenho pouco medo.

(B. B.)

1550 Dizes que não sei coser,
Porque não tenho almofada,
Eu sei coser e bordar,
E escrever na veia d'agua.

(A.)

1551 Puz o pé na veia d'agua,
Fiz a cama no re nanso;
Já não ha parvos em Elvas,
Nem quem ama tem descanço.

(A.)

1552 A rola fez juramento
De agua fria não beber;
Tambem eu juro e affirmo
Outros amores não ter.

(A.)

1553 Eu hei-de ir morar p'ra o campo,
Um anno só por meu gosto,
Para ver as camponezas
Em que agua lavam o rosto.

(E.)

1554 Dá-me agua, dá-me agua,
Da c'rôa d'aquelle outeiro,
Que me *num* saiba a lôdo,
Nem á raiz do salgueiro.

(T. M.)

1555 Passei pela tua porta,
Pedi-te agua, não m'a déste;
Nem os moiros na moirama
Fazem, o que tu fizeste.

(A.)

1556 Passei pela tua porta,
Pedi-te agua, não m'a deste;
Balha te Deus, ó menina,
Tão ingrata te fizeste.

(T. M.)

1557 Passei pela tua porta,
Pedi-te agua, não m'a deste;
Quando passar's pela minha,
Farei te o que a mim fizeste.

(M.)

1558 Passei pela tua porta,
Pedi-te agua sem ter sêde;
Prendê-se a minh' alma á tua
Com laços de fita verde.

(A.)

1559 Dá-me uma pinguinha d'agua
Da raiz do coração,
Quem não dá uma pinga d'agua
Ou irá p'r'ó céo, ou não.

(A.

1560 Dá-me uma pinguinha d'agua,
Não m'a dês pela panella,
Dá-m'a pela tua bocca,
Que eu bem sei beber por ella.

(B.

1561 Dá-me uma pinguinha d'agua,
Não m'a dês pela panella,
Dá-m'a pela tua bocca,
Que eu não tenho nojo d'ella

(B

1562 Senhora, que a todos daes
Agua por pucaro novo,
Só a mim é que deixaes
Desconsolado de todo.

1563 Eu pedi uma pinga d'agua
Á ingrata d'uma prima,
Vinha com ella da fonte,
E disse-me que a não tinha.

(A.)

1564 M'nina, que estás á janella,
Co' o pucarinho na mão,
Dá-lhe volta, se tem agua,
Réga-me este coração.

(A.)

1565 Dóe-me tanto a cabeça,
Que me quer cahir ao chão,
Dá-me uma pinguinha d'agua
Da raiz do coração.

(D.)

1566 Anda cá a beber agua,
Que te quero refrescar,
P'ra que não andes dizendo:
Tenho um calor de rachar.

(A.)

1567 O' meu amor, vinho, vinho,
Agua não posso beber,
A agua tem sanguesugas,
Tenho medo de morrer.

(A.)

1568 Dá-me uma pinguinha d'agua,
De vinho, quero dizer,
Que a agua tem *samesugas*,
Tenho medo de morrer.

(B. A.)

1569 No cimo da rua Nova
'Stá um copo d'agua fria,
Não é copo, não é agua,
São os olhos de Maria.

(A

1570 Quando passo á tua porta
Sempre dizes—agua vae!...
Se me molhas o capote,
A multa pág' *á* teu pae.

(A

1571 Maria, estás encoimada,
Vae dizel-o a teu pae,
Deitáste a agua na rua,
E sem dizer—agua vae.

(

1572 Quem me dera já cá a noite,
Para mim nunca anoitece,
Nem a agua me mata a sede,
Nem o meu amor me esquece.

(

1573 O aguas do regadinho,
O' aguas do regador,
Em quanto rega não rega,
Falo eu co'o meu amor.

(

1574 Vou-me embora, levo pressa,
Levo agua de regar,
Amanhã é dia santo,
Temos tempo de falar.

(

1575 Quem quizer regar, que regue,
Que ahi fica o regador,
Que eu tenho a palavra dada
Esta noite ao meu amor.

(A.)

1576 Meu amor abandonou-me,
Não sei qual fosse a razão,
Ao beber lhe falte a agua,
Ao comer lhe falte o pão.

(A.)

1577 Anda cá, se tu quer's agua,
Os meus olhos t'a darão,
Ella é pouca, mas é clara,
Nascida do coração.

(A.)

1578 Anda cá, se tu quer's agua,
Qué o meu peito é nascente,
Ella é pouca, mas é clara,
E dada de boamente.

(A.)

1579 O' meu amor, meu amor,
O' meu amor nada não,
Co' a agua d'estes meus olhos
Rego o teu coração.

(A.)

1580 Os meus olhos são dois peixes,
Que navegam na alagôa,
Choram lagrimas de sangue
Por causa d'uma pessoa.

(A.)

1581 Agua *quelara* era eu,
Por minhas mãos me turvei;
Ninguem diga n'este mundo,
D'est'agua não beberei.

(A.)

1582 Quem quer *boêr* não turva a agua,
Quelara a quer conservar,
Que assim faz o homem serio
Quando pretende casar.

(A.)

1583 Agua clara não se turva
Sem haver quem a enlode;
Amor firme não se muda.
Antes que queira, não póde.

(A.)

1584 Não ha agua sem ter *lismos*,
Nem quintas sem arvoredos,
Nem casada sem tormentos,
Nem solteira sem enredos.

(A.)

1585 As telhas do meu telhado
Deitam agua sem chover;
Deixaste-me sem razão,
Inda te has-de arrepender.

(A.)

1586 Santarem é bôa terra,
Dá de comer a quem passa,
A quem não levar dinheiro
Nem agua lhe dão de graça.

(A.)

1587 Se fores a Villa Verde
Levae agua no chapeu,
Villa Verde não tem agua,
Senão a que cáe do céo.

(M.)

1588 Villa Verde não tem agua?
Venha cá, eu lh'a darei,
Com a vista dos meus olhos
Villa Verde regarei.

(M.)

1589 Quando for's á alguma festa,
Não mettas a mão na pia,
Nem faças signal na testa,
Que a agua está muito fria.

(A.)

1590 Cada vez que vou á missa,
Ao tomar a agua benta,
Logo eu olho, e se te vejo,
Algum peccado me tenta.

(A.)

1591 Os olhos do meu amor
São baguinhos de pimenta,
Namorei os na egreja
Quando tomava agua benta.

(A.)

1592 Eu amava-te, ó, Cath'rina,
Se não fora um senão,
Seres pia d'agua benta,
Onde todos põam a mão.

(A.)

1593 Antonio me deu um lenço
Para o correr pela agua,
Se elle fosse de José
Até lhe sabão botava.

(D.)

1594 Joaquininha cahiu n'agua,
Joaquininha se molhou,
Mas eu quero a Joaquininha,
Molhada como ficou.

(A.)

1595 Os homens é fraco barro,
Barro de pouca valia,
Capazes de jurar falso
Por um copo d'agua fria.

(D.)

1596 Tendes coração de *assucre*,
Que na agua se derrete,
Dae-me um bocadinho d'elle,
Para que o meu se não seque.

(D.)

1597 Se tu viras o que eu vi,
Se ouviras o que eu ouvi!
Uma cobra a tirar agua
Para regar um jardim.

(A.)

1598 E's agua, não matas sêde,
E's pimenta, não queimaes,
E's uma, pareces outra,
Quando comigo falaes.

(A.)

1599 As irmãs do meu amor,
M'nhas cunhadas veem a ser,
Não me peçam, que não dou,
Nem agua para beber.

(A.)

1600 Eu quero-te tanto bem
Como á agua da barrela,
Que se bota ao quinteiro,
Não se faz mais caso d'ella.

(D.)

1601 Cantando, ganhei dinheiro,
Cantando se me acabou,
Foi dinheiro mal ganhado,
Agua o deu, agua o levou.

(A.)

1602 Cantadora, se tens penas,
A agua está-se a acarretar,
As vossas penas, menina,
São boas de depennar.

(D.)

1603 O regalo do soldado
E' ter a cama no chão,
Beber agua da cisterna,
Comer pão de munição.

(A.)

1604 Já lá tens amores novos,
Parabens da minha parte,
Deus queira que tanto os gozes
Como a agua no açafate.

(A.)

1605 O meu coração, amor,
E' 'ma pedra de lavar,
Quanto mais 'sfregam, mais dura,
Nem a agua a faz mudar.

(A.)

1606 Não sou chita que desbote,
Nem na agua perca a côr,
Nem sou pedra que rebole,
Sou leal ao meu amor.

(A.)

1607 Foste dizer mal de mim,
Mal de mim aos meus amores,
Foi o mesmo que deitares
Agua no jardim das flôres.

(A.)

1608 Já hoje lavei meus olhos
Com agua d'alecrim bento;
Já hoje vi meu amor,
Já tomei algum alento.

(A.)

1609 Já hoje lavei meus olhos,
Com agua d'Alexandria;
Já hoje vi meu amor,
Já tenho mais alegria.

(A.)

1610 Já vi cravos seccos n'agua
Tornar' a reverdecer,
E já vi amor's vadios.
Tornarem ó bem querer.

(A.)

1611 Não julguei que o lirio rôxo
A' borda d'agua seccasse;
Não julguei que o meu amor
Tão depressa me deixasse.

(D.)

1612 A açucena co' o pé n'agua
Vae abrindo e vae cheirando;
Assim são os meus amores
Quando por mim vão passando.

(D.)

1613 A açucena co' o pé n'agua
Sempre se está bandeando;
E' como os moços solteiros
Quando se estão namorando.

(A.)

1614 A açucena co' o pé n'agua
Está co' o pé na frescura;
Coitadito de quem nasce
N'este mundo sem ventura.

(A.)

1615 A açucena co' o pé n'agua
Póde estar quarenta dias,
Eu sem ti nem uma hora,
Quanto mais por tantos dias.

(T. M.)

1616 Alecrim á beira d'agua
Dá-lhe o vento e torce o pé,
Assim eu torcêra a lingua
A quem diz o que não é.

(T. M.)

1617 Alecrim á borda d'agua
De longe faz apparencia;
Muitas coisas se não fazem
Por falta de diligencia.

1618 O acypreste não se rega,
Da raiz agua lhe nasce;
Quem é firme não se nega,
Antes que martyrios passe.

1619 O acypreste não se rega,
Nasce-lhe agua da raiz;
Não te gabes que me deixas,
Fui eu a que te não quiz.

1620 O acypreste não se rega,
Nem a figueira tambem;
Amor firme nunca muda,
Co' os conselhos de ninguem.

1621 O acypreste não se rega,
Não sei onde vae beber;
Não sei que amor é o teu,
Que tanto me faz soffrer.

1622 A laranja cahiu n'agua,
Teve sede, foi beber;
Raparigas não se casem,
Que se hão de arrepender.

23 A laranja cahiu n'agua,
Apodreceu lhe metade;
Tenho o meu amor ausente,
Não é por minha vontade.

(A.)

24 Amor, Deus te dê saude,
P'r'ás terras aonde fôres,
A agua que tu beberes
Ella se cubra de flôres.

(A.)

525 E' um regalo na vida
Ao pé da agua morar,
Quem tem sêde vai beber,
Quem tem calor vai nadar.

(T. M)

626 Entre cannas e canninhas
Agua deve de nascer,
Menina, que está na fonte,
Dê me agua, quero beber.

(D.)

27 Entre louro e salsa verde,
Agua deve de correr;
O amor de quem pretendo
Inda está para nascer.

(E.)

28 No jardim da Piedade
'Stá meu bem morrendo á sêde,
Toma lá 'ma pinga d'agua
Da raiz da salsa verde.

(A.)

1629 Dá-me uma pinguinha d'agua,
Que eu bem *na* sinto correr,
Onde ha silvas e *montrastos*
Alguma pinga ha-de haver.

(A.)

1630 Lá cima n'aquella serra
Corre agua e nascem *agrões*,
Já se não pagam finezas
Senão com ingratidões.

(T. M.)

1631 Debaixo d'agua *está hismos*,
Debaixo do *hismo* o chão,
Debaixo d'uma amisade
Se descobre uma paixão.

(A.)

1632 Anda cá, se queres,
Senão, lá te avenhas,
Com aguas passadas
Não móem azenhas.

(A.)

1633 Quando vou para a cidade,
Passo pl'a fonte da Prata;
Ama lá quem tu quizeres,
Que a mim não me fazes falta.

(A.)

1634 A agua da Fonte Nova
E' branca com' ó papel;
Diga o mundo o que quizer,
O meu amor é Manoel.

(A.)

1635 O' agua da Fonte Nova,
Quem a bebe está doente,
De lá bebe o meu amor,
Goza saude excellente.

(A.)

1636 O' agua da Fonte Nova,
Quando nasce vem bolindo:
Gosto d'essa tua boca,
Quando p'ra mim se vem rindo.

(A.)

1637 A agua da Fonte Nova
Quando nasce vae zunindo;
E' como a tua garganta,
Que deita a voz retenindo.

(A.)

1638 Fui á fonte Machadinha
Beber agua sem ter sêde,
Armaram-me lá um laço,
Mas nunca cahi na rede.

(A.)

1639 O' bella fonte do *Mocho*,
Onde as aguas dão combate,
Hei de lá tomar amores,
Inda que meu pae me mate.

(D.)

1640 Adeus, largo da Sé Velha,
Adeus, fonte d'agua fria,
Vae-se o meu amor embora
Não tenho mais alegria.

(D.)

1641 Bella parada do 4,
Com a fonte de agua fria,
Onde fórma o meu amor,
Que é da sexta companhia.

(A.)

1642 A rua de S. Lourenço
E' bonita, mette graça,
Tem uma fonte no meio,
Que mata a sêde a quem passa.

(A.)

1643 Adeus, linda praça nova,
No meio tens um regalo,
Donde vae o meu amor
A dar agua ao seu cavallo.

(A.)

1644 Adeus, ó forte da Graça,
Adeus, fonte Ruy de Mello,
Adeus, monte d'Alcobaça,
Que tens adentro um castello.

(A.)

1645 Quando vou para a cidade
Passo ali a Ruy de Mello;
Pódes viver descançada,
Que nem doirada te quero.

(A.)

1646 Se fôr's á quinta das Longas
Vae beber agua ao repuxo;
Olha para o meu amor,
Se quer's vêr a flôr do luxo.

(A.)

1647 O' bella quinta das Longas,
Já bebi agua da bica,
Já me vim de lá embora,
Meu amor inda lá fica.

(A.)

1648 Adeus, ó villa de Borba,
Que tens 'ma fonte real,
Com gradeamento de ferro,
Não ha outra em Portugal.

(A.)

1649 Adeus, ó fonte da Vide,
Hei de te mandar cobrir,
Que tu és a perdição
Das criadas de servir.

(B. B.)

1650 Adeus, villa de Ferreira,
Co'a sua estrada real,
Tambem a fonte dos bicos,
Que é da terra a principal.

(A.)

1651 Dizem que Elvas é bonita
Por ter Badajoz defronte,
E mais bonita é Fronteira,
Tem seis bicas n'uma fonte.

(A.)

1652 Adeus, ó largo da fonte,
Adeus, ó fonte das bicas;
Muitas voltas dão os homens
P'ra verem moças bonitas.

(A.)

1653 Menina, se fôr á fonte,
Ponha o pé na segurança,
O brio da moça é a honra,
Quem a perde não a alcança.

(A.)

1654 Menina, se fôr á fonte,
Não brinque lá com ninguem,
'Stá a louça muito cara,
Cada cantaro um vintem.

(A.)

1655 Maria, se fôres á fonte,
Dá um nó no teu lencinho,
Que eu 'starei ao pé da fonte,
P'ra te furtar um beijinho.

(A.)

1656 Sempre me andas com cantigas,
Pelo caminho da fonte,
Tenho muitas raparigas,
Tanto faz hoje como *honte*.

(A.)

1657 Dá-me uma pinguinha d'agua
Pela tua propria mão,
Que das terras d'onde eu venho
Nem *nas* fontes agua dão.

(A.)

1658 Dá-me uma pinguinha d'agua,
Da raiz do teu peitinho,
Que dos lados d'onde eu venho
Nem fontes ha no caminho.

(A.)

1659 Fui á fonte das tres bicas,
Puz a mão na lealdade,
Os teus olhos me prenderam,
Já não tenho liberdade.

(A.)

1660 Fui á fonte das tres bicas,
Puz a mão na liberdade,
Estava vária do sentido
Quando te fiz a vontade.

(A.)

1661 Fui-me á fonte das tres bicas,
Vi o que estava no fundo;
Os teus olhos me prenderam
No principio do meu mundo.

(A.)

1662 Fui á fonte das tres bicas,
Fiz a rodilha de cravos;
Emquanto te não amar
Toda eu serei cuidados.

(M.)

1663 Fui á fonte beber agua,
Por baixo da canna verde,
E só p'ra vêr os teus olhos
Bebi agua sem ter sêde.

(D.)

1664 Fui á fonte beber agua,
Debaixo da flôr da murta,
Só p'ra vêr esses teus olhos,
Que a sêde não era muita.

(A.)

1665 Fui á fonte *buber* agua,
Bubi, tornei a *buber*.
'Stava o meu amor defronte,
Regalei-me de o vêr

(B. A.)

1666 Fui á fonte beber agua,
Bebi uma tarraçada,
'Stav' *ó mè* amor defronte.
Atirou-me uma pedrada.

(A.)

1667 Fui á fonte beber agua,
Achei a fonte cahida,
Vale mais seccar a fonte,
Que faltar-te a ti a vida.

(A.)

1668 Fui á fonte a beber agua,
Cahiu-me a agua na mão,
'Proveitei-a p'ra lavar
As magoas do coração.

(A.)

1669 Fui-me á fonte beber agua,
Julgando que não te via,
Mas fiquei tão distrahida,
Que nem a agua bebia.

(A.)

1670 Minha letra não *disnéra*
Escripta com tinta verde;
Fui á fonte á tua espera,
Bebi agua sem ter sêde.

(A.)

1671 Fui á fonte com Maria,
Encontrei-me com Manoel,
Foi a coisa como eu q'ria,
Cahiu a sopa no mel.

(A.)

1672 Fui á fonte p'ra te vêr,
Ao rio p'ra te falar,
Nem no rio, nem na fonte,
Nunca te pude encontrar.

(D.)

1673 *Fostes* á fonte desc lça,
Para te verem os pés,
Em manguinhas de camisa,
Com os dedos cheios d'anneis.

(A.)

1674 Valha-me Deus, tanto ir
A'quella fonte beber!
Se eu continuar a ir,
O mundo que ha-de dizer?

(T. M.)

1675 Dizes que não póde ser
Ter o amor repartido,
Beber em todas as fontes,
Só n'uma ter o sentido.

(A.)

1676 A canna verde no matto
E' signal de fonte haver;
De todo o mundo me aparto,
Só de ti não póde ser.

(A.)

1725 Oh que bello tanque d'agua!
Bellas moças a lavar,
Quem me dera ser a pedra
Onde ellas 'stão a esfregar.

(A

1726 A laranja de madura
Cahiu ao fundo do tanque,
Quem aqui vem de tão longe
Já te tem amor bastante.

(T. M

1727 O' minha rosa encarnada,
Criada ao pé do tanque,
Dá-lhe o sol, dá-lhe o vento,
Cada vez é mais galante.

(D

1728 Adeus, açucena branca,
Criada ao pé do tanque;
Em meu amor me morrendo,
Quem será o meu amante?

(A

1729 Meu coração é um tanque,
Cheio d'agua, mette medo,
Abre-te meu coração,
Bae regar o *arboredo*.

(T. M

1730 O loireiro bate, bate,
Bate co'a baga no tanque;
Quem se obriga a vir aqui
Tem te amizade bastante.

(

1731 O' loireirinho viçoso,
Bates co' as ramas no tanque:
Já lá tens outros amores,
P'ra mangares tens bastante.

(A.)

1732 Deitei o cravo no tanque
Com as folhas a bulir:
Déste nó sem fiador,
Meu amor, viste l'o ir.

(D.)

1733 Quem quizer falar comigo
Domingos, segundas feiras,
Pergunte, que me ha-de achar
No tanque das lavadeiras.

(A.)

1734 Meu raminho de perpetua,
Ao pé do lago nascida,
Sabes o bem que te quero,
Fazes-te desentendida.

(M.)

1735 Adeus Caldas da Rainha,
Adeus tanque d'agua quente,
Adeus agua do pocinho,
Remedio p'ra tanta gente.

(A.)

1736 Tira lá, não me enfarrusques,
Disse a caldeira á sertã;
O rouxinol nunca bebe
No charco em que bebe a rã.

(M.)

1737 Qualquer regato com agua
Parece prata de luz,
Só por morte deixarei
O amor que eu em ti puz.

(A)

1738 Já vi ribeiros com agua,
Regatinhos a correr,
Vi amores indiff'rentes
Tornarem-se a convencer.

(D.)

1739 Ribeirinha, ribeirinha,
Ribeirinha da comarca;
Até de Deus é esquecida,
Quem por amores se mata.

(A.)

1740 Ribeirinha, ribeirinha,
Ao largo é um ribeirão;
Tambem tu és pequenina,
Mas chegas ao coração.

(A.)

1741 Ao passar do ribeirinho,
Ao passar do ribeirão,
Meu amor casa comigo,
Dá-me a tua d'reita mão.

(A.)

1742 Ao passar do ribeirinho
Quebrei a minha viola,
Apanhei os bocadinhos
Para fazer outra nova.

(D.)

1743 Ao saltar do ribeirinho,
Tu passaste, eu passei,
Na aposta que nós fizemos,
Tu perdeste, eu ganhei.

(A.)

1744 Ao passar do ribeirinho,
A' beira d'agua o deixei,
Não se me dá que outro logre
Amores que eu engeitei.

(M.)

1745 Ao passar do ribeirinho,
Joãosinho dá-me a mão,
Que eu prometto de ser tua,
Mas por ora ainda não.

(A.)

1746 D. Rosa dos trapinhos,
Foi com seu pae ao passeio,
Ao passar da ribeirinha,
Cahem-lhe os trapos do seio.

(E.)

1747 Ao passar o ribeirinho,
Puz o pé, molhei a meia;
Não casei na minha terra,
Vim casar a terra alheia.

(A.)

1748 As moças do ribeirinho,
São sujas, porque ellas querem,
Passa-lhes a agua ao pé,
Que se lavem, se quizerem.

(A.)

1749 Ailé,
Lá no ribeirinho,
Quebrou-se a garrafa,
Entornou-se o vinho.

(A.)

1750 Se eu te quizera dar penas,
Dava ao mundo que falar,
Indo-te vêr á ribeira,
Onde estavas a lavar.

(A.)

1751 Bello monte da Vallada.
Ai que monte tão galante!
A ribeira é uma tranca
Que Revelhos tem por deante.

(A.)

1752 A ribeira quando enche
Vae de pedrinha em pedrinha;
Leva-me lá esta carta
Ao meu amor da Barquinha.

(E.)

1753 Passo a ribeira p'r'álém,
Sempre a passo a pé enxuto,
Não posso comer pão secco,
Em tendo á vista o conducto.

(A.)

1754 O meu amor é d'Alvito,
Nascido nas adroeiras,
Dá tantas voltas na cama
Como os peixes na ribeira.

(A.)

1755 O aloendro na ribeira
Deita as raízes ao lodo;
Não posso, antes que queira,
Deixar o meu bem de todo.

(A.)

1756 O meu amor e o teu
Andam ambos na ribeira,
O meu anda á herva dôce,
O teu á herva cidreira.

(D.)

1757 Já te dei 'mas botas novas,
P'ra passares a ribeira;
Agora dou-te um cabaço,
Que tenho na cabaceira.

(A.)

1758 Quando eu quiz, tu não quizeste
Acceitar o meu partido,
Agora saltas ribeiras
Para vir's falar comigo.

(A.)

1759 Olha a gata da Joanna,
Como é tão caçadeira,
Apanha todos os ratos,
Lá p'r' as bandas da ribeira.

(E.)

1760 O' ribeira de Pardaes,
Termo de Villa Viçosa;
Se eu tivera cabedaes,
Casava comtigo, ó Rosa.

(A.)

1761 A ribeira de Pardaes
E' uma bella ribeira;
O rapaz que é gabazola
Tem cabaços quantos queira.

(A.)

1762 A ribeira da coutada,
Vae ter á de D. Miguel;
A moça que é socegada
Tem amores quantos quer.

(A.)

1763 Ribeira de Varche é minha,
E n'ella faço assistencia,
Quem n'ella tomar amores
Ha-de-me pedir licença.

(A.)

1764 Ribeira de Varche tem
Mais de vinte pancadinhas;
Tambem tu na tua casa
Tens mais de vinte covinhas.

(A.)

1765 Adeus ribeira de Varche,
Adeus de Varche ribeira;
Por cima o Portado Alto,
Por baixo Azenha cimeira.

(A.)

1766 Adeus, ribeira de Varche,
Cercada de cachos d'uvas;
Vão-se os homens embora,
Ficam as mulheres viuvas.

(A.)

1767 Ribeira de Varche
Já não deita *agrões,*
Já lá vae o tempo
Que eu ia a funcções.

(A)

1768 Cá a ribeira do Cêto,
Está bem firme no chão,
Para baixo faz corrente,
A' borda tem um chorão.

(A)

1769 Bella ribeira do Cêto,
Por cima o Forte da Graça;
Meu amor, fala-me ao geito,
Que o teu saber não me embaça.

(A.)

1770 Adeus ribeira do Cêto,
Adeus pedra de lavar;
Não me despeço de ti,
Não te quero vêr chorar.

(A.)

1771 Meu bem, meu bem,
Ribeira do Cêto,
Tu é que tens dado
Cabo do meu peito.

(A.)

1772 O' ribeira d'Algalé,
Casarões do Azambujal,
C la-te tu, que eu bem sei,
Não me faças mais falar.

(A.)

1773 Bella ribeira do Caya,
Ao meio tem 'ma junqueira;
Se para espelho eu sou turva,
Para palito grosseira.

(A.

1774 O' aldeia, ó aldeia,
Santa Eulalia, Santa Eulalia,
A moça que é bandoleira
Vae lavar a roupa a Caya.

(A.

1775 A ponte de Caya está
Toda coberta de flôres;
Tambem o meu coração
Está cercado d'amores.

(A.

1776 A minha mãe é ribeira,
O meu pae é rio corrente,
Sou filha das aguas claras,
Não tenho nenhum parente.

(B. B.

1777 *Qualquera* ribeira é rio,
E qualquer rio é mar;
Qualquera praça tem brio
Se o souber sustentar.

(A.

1778 Ribeira de Caya,
De Caya, Cayola;
Quem não tem juizo,
Trabalha-lhe a bola.

(A.

1779 Se eu estou rouc',
E' da catarrheira,
De beber agua
Em Caya ribeira.

(A.)

1780 Ailé,
Ribeira de Chaves,
Se vir's o meu bem
Dá-lhe *sôdades*.

(A.)

1781 Ailé,
No monte da Eira,
Quem de lá cahe
Vae ter á ribeira.

(A.)

1782 Ailé,
P'ra lá da ribeira,
E' onde eu tenho
A minha cegueira.

(A.)

1783 Ailé,
Ribeira, ribeira,
Não ha bom namoro
Sem alcoviteira.

(A.)

1784 Ailé,
Meu amor primeiro,
Foi ao dar a mão,
Passando um ribeiro.

(A.)

1785 Os meus olhos são dois peixes,
Que navegam na lagôa,
Vertem lagrimas de sangue
Por uma certa pessoa.

(D.)

1786 Cada vez que eu vejo vir
Passarinhos á lagôa,
Penso que são escriptinhos,
Que me trazem de Lisboa.

(A.)

1787 Tinha sêde e fui beber
Lá ao pégo de Vianna;
Val' mais uma hora d'amor,
Que o ganho d'uma semana.

(A.)

1788 Já que me déste cabaço,
Dá-me tambem o *enzol*,
Pois que quero ir a pescar
Ao pégo do Salvador.

(A.)

1789 Chamaste-me cobra d'agua,
Cobra sou, que não o nego,
Eu sou cobra ribeirinha,
Ando p'lo fundo do pégo.

(A.)

1790 Eu sou cobra ribeirinha
Nado no fundo do pégo;
Se te ficarem saudades,
Dobradas são as que eu levo.

(A.)

1791 Ouvi minha historia triste,
A contal-a principio,
Ouvindo, talvez augmentes
As aguas claras ao rio.

(A.)

1792 O' rio, que fôste rio,
Agora nem és regato;
Quem namora ás escondidas
Nunca d'amor se vê farto.

(A.)

1793 O' rio, que vaes correndo,
Passa a vêr o bem que adoro,
Se te faltarem as aguas
Leva as lagrimas que eu chóro.

(A.)

1794 Eu puz-me a chorar saudades
No convéz do meu navio,
As lagrimas eram tantas,
Sem chover enchia o rio.

(D.)

1795 Os meus olhos, com chorar,
Fizeram correr um rio;
Se eu soubera os teus enganos,
Eu te daria o desvio.

(A.)

1796 Os meus olhos, com chorar,
Aos pés fizeram dois rios,
Onde pódem navegar
Barcos, fragatas, navios.

(A.)

1797 O meu coração é rio,
Cheio d'agua mette medo,
Secca-se o meu coração,
Rega-se o teu arvoredo.

(A

1798 Eu puz-me a chorar saudades
Ao pé d'um rio corrente,
Ouvi 'ma voz que dizia:
O amor não dura sempre.

(A

1799 Já o rio não leva agua,
Senão folhas de gervão,
Para lavar as camisas
Ao meu irmão, que é João.

(D

1800 Já o rio não leva agua,
Leva folhas d'alecrim,
Para perfumar o lenço
Do meu amor, que é Joaquim.

(A.

1801 Já o rio não leva agua,
Leva folhas de papel,
Onde eu vou lavar o lenço
Do meu amor, que é Manuel.

(A.

1802 Fui lavar ao rio turvo,
Escorregou-me o sabão,
Abracei-me com as rosas,
Ficou-me o cheiro na mão.

(A.

23 O meu amor foi-se, foi-se,
Foi-se para não voltar,
Deus lhe deparasse um rio,
Que o não podesse passar.

(B. B)

24 Junto da beira do rio,
Eu quizera sempre estar,
Para vêr correr as aguas,
E ouvir o melro cantar.

(E.)

25 Tudo que é verde se sécca,
Até o *lismo* no rio;
Quem namora sempre tem
N'algum tempo o seu desvio.

(A.)

26 Lindos olhos tinha a truta,
Quem me déra assim os meus,
Lavados na veia d'agua
Onde a truta lava os seus.

(A.)

27 Oliveira de ramada,
Atravessada no rio,
Eu p'ra ir á minha terra
Não preciso de navio.

(M.)

28 Menina, se quer cantar,
Cá comigo ao desafio,
Ha-de lavar a garganta
Com quanta agua tem o rio.

(E.)

1809 Eu fui-me ao longo do rio,
Por me não queimar o sol,
Venho toda admirada
Do cantar do rouxinol.

(D.

1810 Eu fui á beira do rio,
A's grades pedi encosto;
Não se me dava ter fama
Com amor que é do meu gosto.

(D.

1811 Passarinho, passa o rio,
Passa o rio, mas não bebe,
Só eu não posso passar
Sem te vêr, cara de neve.

(A.

1812 Que passarinho é aquelle
Que passa o rio e não bebe;
Oh! quem me passara a noite
Comtigo, cara de neve.

(D.

1813 Passarinho, passa o rio,
Passa o rio, mas não bebe,
Tambem eu passava a noite
Comtigo, carinha alegre.

(M.

1814 Coitadinho de quem tem
Seu amor p'ra lá do rio,
Vae p'ra falar e não póde,
Faz do coração navio.

(A.

1815 Da banda de lá do rio
Tem meu pae um castanheiro,
Que dá castanhas em maio,
Uvas pretas em janeiro.

(D.)

1816 Amores além do rio
São caros, custam dinheiro,
Cada vez que vou lá vêl-os
Dou seis vintens ao barqueiro.

(T. M.)

1817 Andas morta por saber
Onde eu faço a minha cama,
Faço-a á beira do rio,
Lá detraz de uma espadana.

(D.)

1818 Minha mãe e mais a tua,
Foram ao rio a lavar,
N'uma pedra pequenina
Debaixo do laranj l.

(E.)

1819 O rio é dos barqueiros;
A ponte dos estudantes,
A praça das regateiras,
A Calçada dos amantes.

(D.)

1820 Canna verde do Mondego,
Do Mondego verde canna,
A' sombra da canna verde
Muita mulher nos engana.

(D.)

1821 Adeus ó quinta das Lagrimas,
Adeus alegre Mondego,
Aonde o meu coração
Ahi encontrou socego.

(D.)

1822 Adeus villa de Thomar,
Adeus ó rio Nabão,
Adeus meu querido anjo,
Que te levo no c'ração.

(E.)

1823 Abaixa-te oiteiro alto,
Quero avistar o Guadiana;
Val' mais uma hora d'amores
Que a *jorna* d'uma semana.

(A.)

1824 Nasce o sol pintando as flôres
Lá nas vargens do *Godiana;*
Val' mais uma hora d'amores,
Que a *jorna* d'uma semana.

(A.)

1825 Eu sou guarda no Freixial,
Guardo á roda da *Godiana,*
Matei um pato real
C'uma espingarda de canna.

(A.)

1826 Guadiana, Guadiana,
Tanto custas a passar,
As novas de Marianna
Tanto custam a chegar.

(A.)

1827 Eu ouvi cantar a c'ruja,
Na *arraia* do *Godiana;*
Quem tiver medo, que fuja,
Que eu sou maltez de cabana.

(A.)

1828 No centro do Guadiana
Está 'ma pedra lavrada,
Onde meu bem vae dormir
O somno da madrugada.

(A.)

1829 O' agua do *Godiana,*
O' peixes do rio frio;
Se eu 'stou guardada p'ra fezes,
Deus me dê algum desvio.

(A.)

1830 Tantas lagrimas chorei,
Um dia d'esta semana,
Que fizeram dois regatos,
Foram dar ao Guadiana.

(A.)

1831 O' agua do *Godiana,*
Quem *na* bebe 'stá doente,
O *mê* amor bebe d'ella,
Tem saude para sempre.

(A.)

1832 O' agua do Guadiana,
Que para baixo correis,
Lá me levas meus amores,
N'essas ondas que fazeis.

(A.)

1833 Adeus, ó rio das hortas,
Heide-te mandar doirar,
Não digo que seja todo,
Mas lá em certo logar.

(A)

1834 A agua do Douro vae turva,
Chegando ao mar esclarece;
Esses teus olhos, menina,
Logra-os quem os não merece.

(B. B.)

1835 O meu amor é estudante,
Elle estuda n'um collegio,
E' para ser capitão
D'uma nau que está no Tejo.

(A.)

1836 Olha, este anno ha muito cravo,
O' rosa, emprega-te bem,
Não te afogues em pouca agua,
Que o Tejo bastante tem.

(A.)

1837 O' rio das aguas claras,
Que vaes correndo p'r'ó mar,
Os pensamentos que eu tenho,
Ai! não os vás declarar.

(A.)

1838 O' peixe do rio frio,
O' agua do mar salgada;
Deus me dê algum desvio
Se eu hei-de ser mal casada.

(B.)

1839 Ailé,
Vem tu cá ao rio,
P'la hora da sésta
Ninguem desconfia.

(A.)

1840 Adeus, ó logar de Olleiros,
Logar da agua salgada,
No meio tem agua fria
Onde o meu amor se lava.

(D.)

1841 Adeus, ó villa de Sines,
Cercada d'agua salgada,
Tambem S. Thiago tem
A rua nova arruada.

(A.)

1842 Adeus, ó praia da Fonte,
Cercada d'agua salgada,
No meio tem agua dôce
Onde o meu amor se lava.

(D.)

1843 Debaixo das frias ondas
Cança o bello tubarão;
Tudo cança n'este mundo,
E só o meu amor não.

(A.)

1844 Debaixo das frias ondas,
Cança o peixe nadador:
Tudo cança n'este mundo,
Só não cança o nosso amor.

(A.)

1845 Debaixo das frias ondas
Cança o peixe de nadar,
Tudo cança n'este mundo,
Só eu não canço em te amar.

(A.)

1846 Todas as aguas que correm
Todas ao mar vão parar,
Todas as minhas cantigas
Ao meu amor vão a dar.

(A.)

1847 Agua que vae para o mar,
Vae de *penedro* em *penedro;*
Agua, leva-me esta carta
Ao meu amor, em segredo.

(A.)

1848 Se queres que eu seja tua,
Manda ladrilhar o mar,
Depois do mar ladrilhado
Serei tua sem faltar.

(A.)

1849 Se queres que eu seja tua
Ladrilha o mar de papel,
Depois do mar ladrilhado
Serei tua se eu quizer.

(A.)

1850 Se queres que te vá vêr,
Manda ladrilhar o mar,
Com pedrinhas miudinhas
Como as areias de sal.

(T. M.)

1 Mandei ladrilhar o mar
De pedras de esquadria,
Para o Cath'rino passear
De Lisboa até Bahia.

(D.)

2 Eu hei-de ir áquelle mar,
Hei-de arrazal-o com ais,
Que me traga o meu amor
Assim como traz os mais.

(D.)

3 O' meu amor não embarques,
Olha que o mar tem travessas,
Eu já fui para embarcar
E achei o mar ás avessas.

(E.)

4 Se fôres ao mar pescar,
Pesca-me lá um litão,
Custe lá o que custar,
O dinheiro está na mão.

(A.)

5 O' mar largo, ó mar largo,
O' mar largo sem ter fundo;
Mais vale andar no mar largo,
Que andar nas boccas do mundo.

(A.)

6 'Tirei a laranja ao mar,
De madura foi ao fundo;
Desgraçada da donzella
Que cahe nas boccas do mundo.

(A.)

1857 Quando o mar não tiver agua,
E o jardim não tiver flôres,
Então deixará de ser
Marianna os meu amores.

(A

1858 O' peixes do mar salgado,
O' aguas do rio frio;
Se tu me quizeres mal,
Deus me dê algum desvio.

(A

1859 Já o mar veste de lucto,
Os campos de lirios verdes,
Meu coração de tristeza
De te vêr tão poucas vezes.

(A

1860 Lá no mar embarcam flôres,
Navios a dar á costa,
Não ames outros amores
Sem eu te dar a resposta.

(A

1861 Embarquei-me para o mar,
N'um barco de cannas verdes,
Se eu no mar fizer fortuna
Vós na terra me não vedes.

(I

1862 Nas ondas do mar lá dentro,
Onde eu faço a minha cama,
Nas ondas do mar se veja
Quem de mim deita má fama.

(I

1863 Ondas do mar abrandae,
Que eu quero entrar ahi dentro;
Quero saber em que altura
Navega o teu pensamento.

(A.)

1864 O meu amor foi-se embora
Sem se despedir de mim,
O mar se lhe torne em rosas,
E o navio n'um jardim.

(A.)

1865 Da tua janella á minha,
E do teu balcão ao meu,
Vae um navio cheio d'agua,
O marinheiro sou eu.

(E.)

1866 Embarquei no mar d'amores,
Nas ondas vou navegando,
Na maré d'esses teus olhos
Se estão os meus recreando.

(A.)

1867 Namorei-me á beira d'agua,
Oh! que namorar tão frio!
Deitei os olhos ao mar,
E o meu pensamento ao rio.

(D.)

1868 Lá no meio do mar sagrado
'Stá um cruzeiro de vidro,
Onde o amor vae chorar
Lagrimas d'arrependido.

(D.)

1869 Cada vez que vejo vir
Dar voltas a praia mar,
Cuido que é o meu amor
Que me quer vir a buscar.

(D.

1870 Eu já vi Lisboa a arder,
Pedras finas a estalar,
As ondas do mar bater
Fóra de céo natural.

(A

1871 Eu fui a primeira onda
Que no mar se levantou,
Tres dias choveu areia,
Toda a praia se arrasou.

(D.

1872 Fui ao mar, fui pelo mar,
A cavallo n'um piolho,
Dei 'ma topada no ar,
Cahiu-me a unha d'um olho.

(D

1873 No meio d'aquelle mar
Está 'ma meza de pau,
Onde vão os *gatos negros*
Pesar o seu bacalhau.

(D.

1874 O' meu amor, se te vires
Nas ondas do mar, afflicto,
Brada por mim, que eu irei
Logo ao teu primeiro grito.

(A

175 Inda que atirem comigo
Ao mar, por cima do norte,
Não afrouxa o meu amor,
Será cada vez mais forte.

(A.)

176 Inda que atirem comigo
Ao mar, por cima das ondas,
Não deixarei de te amar,
Assim tu me correspondas.

(A.)

177 Os teus dedos são *enzoes,*
Que pescam no mar sem fundo,
Os teus olhos são dois soes,
Que dão *quelareza* ao mundo.

(A.)

178 Andas morto por saber
Onde eu tenho a minha cama,
Nas ondas do mar corrente,
Ao lado da verde canna.

(A.)

179 Os meus olhos já serviram
De tochas a allumiar,
Agora são garrafinhas
De tirar agua do mar.

(D.)

180 Eu já hoje fui ao mar,
Na companha dos Vermelhos,
Já hoje comi larotos,
A molhar os apparelhos.

(D.)

1881 Não te encostes tu ao mar,
Que o mar deita muita agua,
Encosta-te á minha cama,
Sou solteira e não casada.

(A.)

1882 No mar se geram as ondas
Nos campos as humidades,
Nas conversas dos amores
Os brincos das liberdades.

(T. M.)

1883 Não chores, amor, não chores,
Eu inda aqui estou comtigo,
Chorarás quando me vires
No mar largo, sem abrigo.

(B. A.)

1884 Vós chamaes-me maranhona,
Eu não nasci na marinha,
Nasci á beira do mar,
Detraz d'uma capellinha.

(D.)

1885 Muito se engana quem cuida
Retirar quem me quer bem,
Cuidaes que tiraes areias
D'aquellas que o mar não tem.

(D)

1886 Se fôres ao mar pescar,
E a fortuna te não deixe,
Não deixes tu *d'atêmar*,
Quanto mais parvo mais peixe.

(A.)

1887 Se fôres ao mar pescar,
Leva redes, mas de arminho,
Pesca lá pelo mar dentro.
Que eu serei o teu peixinho.

(M.)

1888 O meu amor me deixou
Sósinha n'este deserto,
Hei-de-me ir deitar ao mar,
Levam-me as ondas decerto.

(A)

1889 A silva que no mar nasce
Lá se cria e lá padece;
Esses teus olhos, menina,
Logra-os quem os não merece.

(D.)

1890 Além do mar andam guerras,
Eu bem ouço dar os tiros,
Eu bem ouço combater
Os meus ais c'os teus suspiros.

(D.)

1891 Muito firme esteja o mar,
Vem a onda tudo vence;
Para que queres amar
Amor que não te pertence?

(D.)

1892 Tu me acenáste do mar
C'um lenço de meia vara,
Eu acenei-te da terra
C'os olhos da minha cara.

(D.)

1893 O meu amor é um cravo,
Anda no mar, no craveiro.
Dá-lhe o vento, cae-lhe a folha,
Arrasa-se o mar com cheiro.

(A.)

1894 Fui ao mar ás *conchadinhas*,
Lá ao centro da maré;
Olha como são tão dôces
As tuas falas, José.

(D.)

1895 Vejo mar e vejo terra,
Vejo espadas a luzir,
Vejo o meu amor em guerra,
E não lhe posso acudir!

(A.)

1896 Quando olho para o mar
A Deus peço paciencia,
Que me dê agua nos olhos,
Com que chore a vossa ausencia.

(D.)

1897 Eu puz-me a chorar saudades
Ao pé das praias do mar.
E veio uma onda e disse:
E' bem feito, torna a amar.

(A.)

1898 Guitarra, minha guitarra,
Fica-te ahi pendurada,
Que eu vou vêr o meu amor,
Que anda nas aguas salgadas.

(E.)

1899 Lá no mar tambem ha cannas,
Tambem ha-de haver canniço,
O barco que vae á vela
Lá me leva o meu derriço.

(D.)

1900 Já o mar não dá sardinhas,
Nem as salinas dão sal;
Arrasou-se-me a marinha,
Por causa do temporal.

(A.)

1901 O' meu amor não me deixes
O' desamparo no mundo,
Que os meus olhos são dois peixes,
Que vivem no mar sem fundo.

(A.)

1902 O carapau e a sardinha
Andam no mar a saltar;
O luxo d'estas meninas
Cada vez vae a augmentar.

(A.)

1903 Eu sou, meu amor, eu sou
Contra-mestre do vapor;
As ondas do mar sagrado
Me levaram meu amor.

(E.)

1904 O' rapazes d'Azambuja,
Que andam no mar á sardinha,
Quem tiver medo que fuja,
Que anda o mar fóra da linha.

(A.)

1905 *O'* pé do mar *ai* areias,
O' pé das areias fontes,
O' pé das villas aldeias,
O' pé das aldeias montes.

(A.)

1906 Lá no meio do mar largo
Tem meu pae uma estalagem,
Onde os barqueir's vão comer
Quando elles vão de viagem.

(D.)

1907 Valha-me Deus! que isto é mundo
Cada um para o que nasce;
Quem navega no mar fundo
'Stá a pique d'afogar-se.

(A.)

1908 Fui ao mar por vêr as ondas,
Puz-me a escrever na areia;
Não me basta eu ser pobre,
Senão ter a mulher feia.

(D.)

1909 Se eu soubera lêr no mar,
Como sei 'screver na areia,
Não me escapava do olho
Moça bonita, nem feia.

(D.)

1910 Pelo mar vae a correr
Aquella linda gaivota,
Que leva presa no bico
A chave da tua porta.

(A.)

1911 O barco vae para a agua,
Rapazes vinde aos *combois*,
Vós fazei a ria larga,
Deixae passar o Camões.

(D.)

1912 Lá no mar anda um peixe
Que se chama tubarão,
Se elle me não comera,
Dava-lhe o meu coração.

(B. A.)

1913 Eu fui á roda do mar,
Silva verde é meu encosto,
Que importa que o mundo fale,
Se eu amar-te é do meu gosto?

(A.)

1914 Não te encostes á parreira,
Que a parreira cae p'ra o mar,
Encosta-te á minha cama,
Sou solteira quero casar.

(A.)

1915 Quem vem p'r'*ó* mar, quem vem,
Quem embarca no vapor,
Anda agora muito em moda
Ir falar ao seu amor.

(A.)

1916 Quem vem p'r'*ó* mar, quem vem,
Quem embarca na falua;
Anda agora muito em moda
Esta é minha, aquella é tua.

(D.)

1917 As ondas do mar coalham
Em per'las todos os dias,
E se o meu pranto coalhasse,
Que lindo collar fazia.

(A.)

1918 Se as lagrimas fossem pedras
Que eu por ti tenho chorado,
Mandava formar 'ma rocha,
Lá no meio do mar sagrado.

(A.)

1919 Se fossem pedras as lagrimas
Que eu por ti tenho chorado,
Já formavam um castello
No centro do mar salgado.

(A.)

1920 As pedras no mar se encontram,
Fazem grande *latrocinio;*
Assim é você comigo,
Póde buscar seu destino.

(A.)

1921 As ondas do mar são verdes,
Tudo no mar é verdura,
Todas gozam seus amores,
Só eu não tenho a ventura.

(A.)

1922 As ondas do mar são pretas,
São pretas como o lemiste;
Dize, amor, como passaste
O tempo que me não viste.

(A.)

1923 As ondas do mar são brancas,
No meio são amarellas,
Coitadinho de quem nasce
Para ir morrer a ellas.

(D.)

1924 As ondas do mar lá longe,
De bravas são amarellas,
Ai! da mãe que tem um filho
Para andar em cima d'ellas.

(E.)

1925 O' menina tenha assento,
Como as areias no mar,
Que estes rapazes d'agora
De pouco se vão gabar.

(A.)

1926 Lá entre as praias do mar,
Já cahiu a folha ao féto;
Estes rapazes d'agora
Não se lhes póde dar *créto*.

(A.)

1927 Lá nas ondas do mar negro
Faz o rouxinol seu ninho:
Se me quer's algum segredo,
Fala, que eu não adivinho.

(A.)

1928 No meio d'aquelle mar
Tres barcos á vela vão,
No meio d'aquell's tres barcos
Embarca o meu coração.

(A.)

1929 No meio d'aquelle mar
'Stá uma pombinha branca,
Não é pomba, não é nada,
E' o mar que se levanta.

(D

1930 No meio d'aquelle mar
'Stá um chapéo a acenar,
Acena, chapéo, acena,
Que as ondas vão te a buscar.

(D

1931 No meio d'aquelle mar
'Stá uma pombinha verde,
Não é pomba, não é nada,
E' a raiz da canna verde.

(D

1932 O' meu amor, não te embarques
Nem pé botes ao navio,
Olha que as ondas do mar
São mais altas que as do rio.

(D

1933 Eu embarco, vou p'r'ó mar,
Vou na minha obrigação,
E' dinheir' que vou ganhar,
Que me dá o capitão.

(E

1934 Eu embarco, vou p'r'ó mar,
Vou na minha embarcação,
Se eu no mar tiver fortuna,
Nas ilhas terei quinhão.

(

1935 Eu móro á beira do mar,
Eu móro mesmo á beirinha,
Quando vou p'ra me deitar
Ouço chiar a sardinha.

(D.)

1936 Bate o mar em rochas duras,
Sempre abranda, tarde ou cedo,
Só eu não posso abrandar
O teu peito de rochedo.

(A.)

1937 O meu amor quer-me tanto,
Que até ao mar me levou,
N'uma bateira de prata,
Porque d'oiro não achou.

(D.)

1938 Eu hei-de ir ao mar, hei-de ir,
Eu hei-de ir ao mar de noite;
Como queres que te eu ame,
Se eu venho d'amar a outre'.

(A.)

1939 O meu amor, honte' á noite,
Pela vida me jurou,
Que se ia deitar ao mar,
Se elle é tolo, eu não o sou.

(A.)

1940 O meu amor, honte' á noite,
Pela vida me jurou,
Que se ia deitar ao mar,
Se os carinhos lhe não dou.

(A.)

1941 O meu amor, honte' á noite,
Pela vida me jurou,
Que se ia deitar ao pégo,
Se elle vae, tambem eu vou.

(A.)

1942 No meio d'aquelle mar
'Stá um barco de cortiça;
Se é casado, arreda, arreda,
Se é solteiro, atiça, atiça.

(D.)

1943 Tenho rendas que me rendem,
Ja não quero trabalhar,
Tenho navios no porto
Com janellas para o mar.

(D.)

1944 Tenho um tio muito rico,
Não quero mais trabalhar,
Tenho um navio no porto
Com janellas para o mar.

(A.)

1945 Semeei no mar aljofres,
Nasceram-me quatro lanças,
Mandei dizer ao meu bem,
Que não lhe perdesse a esp'rança.

(A.)

1946 Se o mar fôra de *lête*,
Como é d'agua salgada,
Fazia um *requêjão*,
Dava-te uma talhada.

(A.)

1947 Se o mar fosse de leite,
Como é de agua salgada,
Eu então seria uma
Que até ao mar me botava.

(B. A)

1948 Se vires o mar vermelho,
Ajoelha, que é sagrado,
Que são bagadas de sangue
Que por ti tenho chorado.

(M.)

1949 Se vires o mar vermelho,
Não te assustes, que é sagrado,
São as lagrimas de sangue
Que por ti tenho chorado.

(D.)

1950 Ondas do mar, abrandae,
Que eu quero pilhar um peixe,
Eu quero deixar o mundo,
Antes que o mundo me deixe.

(D.)

1951 Ondas do mar abrandae,
Que eu quero ir ao porão,
Pois quero vêr em que alturas
Navega o meu coração.

(D.)

1952 Quem vae ao mar sempre pesca
Os robalos e peixinhos,
Quem namora sempre alcança
Seus abraços e beijinhos

(D.)

1953 A' beira do mar se criam
Robalos e salmonetes,
Tambem na terra se criam
Rosas para ramalhetes.

(D.)

1954 O' mar das *variadades,*
Eu sempre estou variando,
Sempre variam meus olhos
Quando p'r'*ós* teus 'stão olhando.

(A.)

1955 Fui ao mar das variedades,
Fui eu a que variei,
Variaram os meus olhos
Quando para os teus olhei.

(D.)

1956 Viva o mar com franjas d'ouro
E cortinas de velludo,
Viva quem ha-de lograr
O mar com franjas e tudo.

(D.)

1957 Já corri o mar em volta,
C'uma vela branca accesa,
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti não ha firmeza.

(A.)

1958 Consid'rei na minha vida,
Não achei senão tristeza;
Em todo o mar achei fundo,
Só em ti pouca firmeza.

(B. B.)

1959 Já corri o mar em roda,
C'uma fateixa na mão,
Em todo o mar achei fundo,
E só no teu peito não.

(A.)

1960 Já corri o mar á roda,
C'uma fita larga e estreita,
Para dar um nó redondo
N'essa cintura bem feita.

(A.)

1961 Já corri o mar em roda
Nas costas d'uma formiga,
Já perdi o norte á terra,
E a amizade á rapariga.

(A.)

1962 Já corri o mar em roda
No bico d'uma cegonha;
Que ninguem se fie nos homens,
E' um gado sem vergonha.

(A.)

1963 Eu corri o mar em roda
Com Antonio pela mão,
Com Francisco nos meus braços,
Com José no coração.

(A.)

1964 Já corri o mar em roda
Na ponta d'um *saragaço;*
Não faças conta comigo,
Que eu *comtigo não na* faço.

(A.)

1965 Eu corri o mar em roda,
Suspendida d'uma argola,
Sahí d'aqui por Bemfica,
E assim fui para Angola.

1966 Eu passei o mar a nado
Na folhinha d'uma ortiga;
Já perdi o norte á terra,
E o amor á rapariga.

1967 Já corri o mar a nado,
A nado como a enguia,
Agora posso eu dizer:
Já corri a agua fria.

1968 Andava sondando o mar,
Com duas pedras na mão,
Assim que vi meu amor
Atirei co'ellas ao chão.

1969 O chapeu do meu amor
Tem 'ma fita côr do mar,
De dia anda a passeio,
A' noite vem p'ra gosar.

1970 Já lá vae pelo mar fóra,
Quem me tirava o chapeu,
Deus o leve, Deus o traga,
Pelo caminho do céo.

1971 Já lá vae o mar abaixo
Quem devéras me dizia,
Que cantasse e que bailasse,
Que algum dia choraria.

(A.)

1972 Já lá vae pelo mar fóra
Quem cá não ha-de tornar,
Quem cá fica fica a rir-se,
Quem lá vae vae a chorar.

(D.)

1973 Deitei-me ao mar de joelhos,
De joelhos fui ao fundo;
Por gozar os teus carinhos,
Irei ao cabo do mundo.

(A.)

1974 Eu fui ao mar de joelhos,
De joelhos fui ao fundo;
Mal empregada menina,
Andar sósinha no mundo.

(A.)

1975 Já fui ao mar de joelhos,
De joelhos fui ao fundo;
Por tua causa, meu bem,
Andei nas boccas do mundo.

(D.)

1976 Pelo mar abaixo vae,
Pelo mar acima vem,
Uma linda marinheira
Com o cabello ó desdem.

(A.)

1977 O cabello de Maria
Anda no mar a nadar,
Oh! quem fôra pente d'oiro,
Que lh'o fôra pentear.

(A.)

1978 As ondas do meu cabello,
Foram feitas ao desdem,
São o mar onde navegam
Os carinhos do meu bem.

(A.)

1979 Já passei o mar a nado
Nas ondas do teu cabello,
Agora posso eu dizer:
Já passei o mar sem medo.

(B. A.)

1980 Nas ondas do teu cabello
Me hei de eu lançar a nadar,
Quero que saibas, menina,
Que ha ondas sem ser no mar.

(A.)

1981 O' mar, que és um leão,
Que a todos quereis comer,
Não sei como os homens podem
As ondas do mar vencer.

(D.)

1982 Eu corri o mar á roda,
E fui dar aos Louriçaes;
Por todo o mundo que eu ande,
Só por ti é que dou ais.

(A.

1983 Fui ao mar para vêr peixes,
Para vêr flôr's ao jardim,
Ao largo de S. Domingos
Para vêr o meu Joaquim.

(A.)

1984 Fui ao mar por vêr os peixes,
Ao jardim por vêr as flôres,
Ao céo por vêr as estrellas,
Aqui por vêr meus amores.

(A.)

1985 Fui ao mar para vêr agua,
Ao jardim p'ra vêr as flôres,
A' egreja a ouvir missa,
Ao adro p'ra vêr amores.

(A.)

1986 Fui ao mar por vêr as ondas,
Ao céo por vêr as estrellas,
Aqui por vêr os teus olhos
Por baixo das sobranceihas.

(A.)

1987 Fui ao mar pescar um peixe,
Não pesquei senão atum;
Amor não tem cerimonias,
Quem quer bem trata por tu.

(A.)

1988 Fui ao mar pescar um peixe,
Não pesquei senão pescada,
Foi presente p'ra jejum
Que off'reci á minha amada.

(A.)

1989 Fui ao mar a pescar peixe,
Não achei senão sardinha;
Quem me déra já lograr
Esses teus olhos, menina.

(A.)

1990 Sou filha d'uma padeira,
Cosi hoje sete bolos,
Venho para a beira-mar
Só p'ra fazer rir os tolos.

(D.)

1991 Não quero o amor ferreiro,
Que é caro pelo lavar;
Quero o amor marinheiro,
Que vem lavado do mar.

(D.)

1992 O capitão do navio
Jura que me ha-de levar,
Eu tambem jurei aos céos
Não passar aguas do mar.

(A.)

1993 Meu amor é marinheiro,
E' amor d'agua salgada,
Namorados d'agua dôce,
Cá p'ra mim não valem nada.

(E.)

1994 Meu amor é marinheiro,
E' do mar, por vida minha,
Se elle não fôra do mar,
Não vinha aqui a sardinha.

(D.)

1995 A lavar e a estender
Deitei a roupa a córar,
Meu amor é pescador,
Pesca peixinhos no mar.

(E.)

1996 Enche o mar, vasa a maré,
Fica a praia no deserto;
Vae-se um amor, fica outro,
Não ha dictado mais certo.

(A.)

1997 Vós chamaès-me vareirinha,
Eu gosto de vareirar,
Eu sou vareira de Espinho,
Vou á sardinha ao mar.

(D.)

1998 Já vi *mari*, já vi terras,
Tambem já fui marinheiro,
Já tive amores de graça,
Agora nem por dinheiro.

(A.)

1999 Se o mar tivesse janellas,
Como tem embarcações,
Nem Lisboa lhe ganhava
Em certas occasiões.

(A.)

2000 Se o *mari* tivera estradas,
Ia-te a vêr a Lisboa,
Mas o *mari* não tem 'stradas,
E sem azas ninguem vôa.

(A.)

2001 Se o mar tivéra varandas
Ia vêr-te ao Brazil,
Mas o mar não tem varandas,
Diz-me amôr por onde hei-de ir.

(T. M)

2002 Se o mar tivéra varandas
Ia-te eu vêr a Lisboa,
Mas o mar não tem varandas,
Quem não tem azas não vôa.

(T. M).

2003 Vós dizeis—o mar, o mar!
O mar tambem tem mulher,
E' casado com a areia,
Bate n'ella quando quer.

(D.)

2004 O *mári*, por ser casado,
Não aborrece a mulher,
E' easado com a areia,
Dá-lhe quantos beijos quer.

(A.)

2005 O' mar, que andas tão bravo,
Que assim andas furioso,
O' mar, se fosses casado
Serias mais amoroso.

(T. M.)

2006 O mar pediu a Deus peixe,
O peixe pediu fundura,
Os homens pedem riquezas,
As mulher's a formosura.

(A.)

2007 O mar pediu a Deus peixes,
O sabio sabedoria,
A mulher a formosura,
O militar galhardia.

(A.)

2008 O mar pediu a Deus peixes,
O campo pediu lhe flôres,
O céo pediu as estrellas,
E a mulher pediu amores.

(A.)

2009 O mar pediu a Deus peixes,
Para dar ao pescador,
E eu peço a Deus saude,
Para dar ao meu amor.

(A.)

2010 O mar pediu a Deus peixes
P'ra viver acompanhado,
Quando o mar pede companha,
Que fará um desgraçado.

(T. M.)

2011 A canna verde no mar
E' mais alta que o navio;
Sustenta a tua palavra,
Que eu sustentarei meu brio.

(A.)

2012 A canna verde no mar
'Stá enterrada no lodo,
Quem a fôr desenterrar
Ganha um cruzado novo.

(D.)

2013 A canna verde no mar
Arrebenta ao nascer,
Assim rebentem os olhos
A quem me não pudér vêr.

(D.)

2014 A canna verde no mar
Anda á roda do hiate;
Hei-de ir d'aqui p'ra Lisboa
Aprender a calafate.

(D.)

2015 No mar navega a baleia
E na terra as andorinhas;
Quão depressa se ausentaram
As vossas falas das minhas!

(D.)

2016 Atrevido pensamento,
Onde me foste levar?
Além do mar outro tanto,
Como é d'aqui ao mar.

(D.)

2017 Lá no mar embarcam flôres
Navios a dar á costa;
Não ames outros amores,
Sem eu te dar a resposta.

(A.)

2018 Lisboa, por ser Lisboa,
E ter navios no mar,
Não é como a minha terra,
A mais linda de Portugal.

(A.)

2019 Fui ao mar buscar um peixe,
A *Madril* buscar arroz,
Para dar ao meu amor,
Que é janota d'Estremoz.

(A.)

2020 Fui *ó* mar buscar um peixe,
A *Madril* buscar cannela,
Fui *ó* jardim colher flores
P'ra fazer uma capella.

(A.)

2021 As meninas de S. Paio
São poucas, mas são valentes,
Levam o barco ao mar
Atravessado nos dentes.

(D.)

2022 Ondas do mar deitae fóra
A minha fama perdida,
A minha fama sem obras
Ha-de ser restituida.

(M.)

2023 Quem embarca, quem embarca,
Quem vem comigo, quem vem,
Quem embarca nos meus olhos,
O' que linda maré tem!

(D.)

2024 O' madresilva cheirosa,
Aonde deixaste o cheiro?
Nas ondas do mar, lá longe,
Nos labios d'um marinheiro.

(A.)

2025 Sou gaivota, sou gaivota,
Eu venho da praia mar,
Trago cantigas na bocca,
P'ra quem não souber cantar.

(D)

2026 Cada vez que eu vejo vir
Gaivota sulcando o mar,
Penso que é o meu amor,
Que vem para me falar.

(A.)

2027 Ai, ai,
O' lindo João,
Vamos nós ao mar
Pescar mexilhão.

(A.)

2028 Ailé,
Eu hei de ir, hei-de ir,
A's ondas do mar
Por cantar te ouvir.

(A.)

2029 Eu hei-de ir,
Não hei-de mandar,
Não me hei-de afundir
Nas ondas do mar.

(A.)

2030 Ailé, ailé,
A desenganar,
Sou filho d'um peixe,
Navego no mar.

(A.)

2031 Pelo mar abaixo
Vae uma formiga,
Com 'ma mão na testa,
Outra na barriga.
(A.)

2032 Ailé,
Anda cá a vêr,
Fogo no mar,
Os *pêxes árder.*
(A.)

2033 Eu sou *barboreta,*
Ando pelo mar,
Estou bem assim,
Não me quer' casar.
(A.)

2034 Ailé,
Pelo mar vae ella.
Veio de ramo em ramo,
Vae de vela em vela.
(A.)

2035 Ailé,
Vae indo, vae indo,
Pelo mar abaixo,
Que eu te irei seguindo.
(A.)

Em respeito a esta secção veja tambem os *Cantos* n.os 3, 5, 51, 59, 158 a 160, 179, 197, 198, 209, 217, 254, 266, 273, 275, 285, 289, 292, 299, 316, 329, 339, 356, 384, 393, 394, 412, 420, 421, 426, 433, 464, 473, 486, 507, 531, 546, 578, 597, 604, 635, 659, 676 a 679, 713, 721, 741, 757, 861, 865 a 877, 943, 966, 981, 1033, 1039, 1051, 1174, 1184, 1210, *1241, 1242,* 1311, 1326, 1381, 1385, 1388, *1446, 1454, 1468,* 1479 e 1483.

e) A terra

2036 O' terra, que tudo crias,
O' terra, que tudo comes,
O' terra, que has de dár conta
Das mulheres, mais dos homens

(C

2037 Anoiteceu-me no campo,
N'um sitio desconhecido,
Abracei-me á propria terra
Cuidando que era comtigo.

(A

2038 Bem póde a terra mover-se,
Bem pode o mundo acabar,
Tudo pode ter mudança,
Menos eu em te adorar.

(A

2039 Eu tremo, por ver tremer
A terra e balancear,
Eu treme de ouvir dizer
Que o mundo que ha de acabar

(C

2040 Abre-te centro da terra,
Que me quero metter dentro,
Na ausencia do meu amor
Quero mostrar sentimento.

(A

2041 Se eu não cumprir o que digo,
Se eu faltar a esta fé,
O chão se abra comigo,
'Steja eu sentado, ou de pé.

(A.)

2042 A' entrada d'esta rua,
Dei um ai, e abriu-se o chão;
Como hei de ter alegria,
Se não me deixa a paixão.

(A.)

2043 Cada vez que por 'qui passo,
Abre a terra, treme o chão,
Só por consid'rar que tenho
Segredos na tua mão.

(A.)

2044 O 4 não vale nada,
Caçadores tambem não,
Onde chega a artilheria
Bate a terra, treme o chão.

(A.)

2045 Os soldados não são homens,
Infantes homens não são,
Mas lá vem o lanceirinho,
Bate o pé que treme o chão.

(A.)

2046 Alfaiates, carpinteiros,
Sapateiros nada são,
Onde chega a artilheria
Abre a terra, treme o chão.

(A.)

2047 Eu gosto de ver bailar,
Môça com saia rasteira;
Bate o pé em terra firme,
Nunca levanta poeira.

(A

2048 Eu sou ganhão de Revelhos,
Criado do capitão,
Lavro com dois bois vermelhos
Que fazem tremer o chão.

(A

2049 O' adro, terra de egreja,
Meu amor me 'stás comendo,
Meu espelho crystallino
Aonde eu me estava vendo.

(A

2050 O' adro, terra de egreja
Onde se enterram anjinhos,
O' terra que estaes comendo
Tão delicados corpinhos.

(I

2051 O' adro, terra d'egreja,
Onde se enterram os mortos,
N'aquella relvinha verde
Se consomem lindos corpos.

(A

2052 O' adro, terra d'egreja,
Sepultura de finados,
Onde estão caras tão lindas,
Corpinhos tão delicados.

(

2053 O' adro, terra d'egreja
Onde se enterra o finado;
Tenho visto caras lindas,
So tu és do meu agrado.

(A.)

2054 Não quero nada do adro
Senão uma sepultura,
Para enterrar os meus olhos,
Que nasceram sem ventura.

(D.)

2055 O' cemiterio do adro,
Mo meio tens um letreiro,
Onde estão embalsamados
Os ossos d'um brazileiro.

(D.)

2056 Se passares pelo adro
No dia do meu enterro,
Dize á terra que não coma
As tranças do meu cabello.

(A.)

2057 Tres dias antes que eu morra
Hei-de ir passear ó adro,
Para ver a sepultura
Onde hei-de ser enterrado.

(A.)

2058 O' largo do Salvador,
Bem divertido tens sido,
Com corpos bem delicados,
Que a terra já tem comido.

(A.)

2059 Semeei trigo no adro,
Não nasceu, que é terra forte;
Se me não soubesse haver,
Levavas-me até á morte.

(T. M.)

2060 Semeei salsa na praça,
Por ser a terra mais forte;
Se os teus beijos dão saude,
Dá-me beijos, 'stou á morte.

(A.)

2061 O' adro, quem te minara,
Rente por baixo do chão;
Meu amor, quem te lograra
Sem haver murmuração.

(E.)

2062 Abre-se uma sepultura
Dentro de qualquer egreja,
Mette-se-lhe o corpo dentro,
Calca a terra e não sobeja.

(A.)

2063 Abre-se uma sepultura,
Na terra mais recalcada,
Enterra-se a creatura,
Fica a terra como estava.

(A.)

2064 Abre-se uma sepultura
De terra forte e valente;
Val' mais estar sepultado
Que viver do amor ausente.

(A.)

2065 Foi-me falso o amor que tive,
Eu firme desde o nascer,
Sê-me leve, ó terra branda,
Quando em ti me recolher.

(A.)

2066 Coração, não andes triste,
Dois dias que has de viver,
Anda alegre, se puderes,
Que a terra te ha de comer.

(A.)

2067 Eu hei-de morrer um dia,
Não sei a hora, nem quando,
A terra me ha-de comer,
Podes a ir preparando.

(A.)

2068 Eu fui aquella que disse:
O' comtigo, *ó* com a terra,
Se não casasse comtigo,
Queria morrer donzella.

(A.)

2069 Sem o F, a formosura
Não se deixa de escrever;
Não me come a terra dura
Se minha não vens a ser.

(A.)

2070 O' coração, ó pombinha,
O' ares da primavera,
Se eu morrer de ti ausente
Não me ha de comer a terra.

(D.)

2071 Se o meu amor me morria
Depois da palavra dada,
Nem a terra me comia,
Nem minh'alma se salvava.

2072 Se eu soubera que morria
Depois da palavra dada,
A terra me não comia
Se o meu amor cá ficava.

2073 Se me Deus agora leva
Depois da palavra dada,
A terra me não comia,
Que o amor cá me ficava.

2074 Já morri, já me enterrei,
E agora já 'stou aqui,
Nem a terra me comia
Sem me despedir de ti.

2075 Com o balsamo cheiroso
Hei de embalsamar meu b
Não quero que a terra com
Tão lindos signaes que ten

2076 Se soubera que morrias
Mandava fazer-te a cova,
Com uma enxada de vidro,
No meio da rua nova.

2077 Se eu soubera que morria,
Mandava fazer a cova
No adro d'esse teu peito,
Por ser a terra mais nova.

(D.)

2078 Se eu morrer n'aquelle outeiro,
Enterra-me n'aquella cova,
Deixa-me as unhas de fóra,
Para arranhar minha sogra.

(A.)

2079 Hei-de pedir que me enterrem,
N'uma estrada bem seguida,
Que digam os passageiros:
Aqui deu a triste a vida.

(A.)

2080 Se eu morrer, *enterraraes-me*
Ao pé d'um valle sombrio,
Onde não chova, nem vente,
Não dê sol, nem faça frio.

(D.)

2081 Meu amor, em me eu morrendo,
Quem me ha de levar á cova?
Quatro mocinhas solteiras
A cantar as saias novas.

(A.)

2082 O' rosa, quando morreres,
Cobre a cara com um veu,
E' pena que a terra coma
Coisinhas que dá o ceu.

(A.)

2084 Ainda depois de morta,
Debaixo do frio chão,
Has de achar teu nome escripto
No meu terno coração. (A —)

2085 Inda que eu viva enterrado
Debaixo do frio chão,
De lá mesmo te direi:
Inda é teu meu coração. (A -

2086 Fui á sepultura ver
O corpo da minha amada,
Achei tudo reduzido
A pó, terra, cinza e nada. (T. M.)

2087 O primeiro amor é ouro,
Segundo prata lavrada,
O terceiro, quarto e quinto
São pó, terra, cinza e nada. (A.)

2088 O dinheiro e mais dinheiro
Faz a paz e mais a guerra,
Bellos condes e marquezes,
Em morrendo, tudo é terra. (A

2089 O' meu amor, p.de a Deus
Terra para um pomar,
Os meus olhos são dois rios,
Dão agua para o regar.

(A.)

2090 Meu coração pede, pede,
Terra para um pomar,
Os meus olhos se encarregam
De dar agua p'r'ó regar.

(D.)

2091 O' meu lindo amor perfeito,
Ou comtigo, ou com a terra,
Ou hei-de morrer solteira,
Levar palmito e capella.

(A.)

2092 Mataram-me o coração
C'o punhal do desconforto,
Vae baixar á terra fria,
Rezae por el', que vae morto.

(D.)

2093 Rapariga, da-te ao mundo,
Não queiras morrer donzella,
Não queiras levar teu brio
Para debaixo da terra.

(A.)

2094 Não ha nada como a morte,
P'r'acabar a presumpção,
Com quatro varas de chita,
E sete palmos do chão.

(A.)

2095 Já não tenho a quem contar
Magoas do meu coração,
Farei uma sepultura,
Enterral-as hei no chão.

(A

2096 O' meu amor, nunca digas
O que entre nos foi passado,
Deita-lhe terra por cima,
Deixa ficar sepultado.

(A

2097 Cantêmos, deixemos isso,
Deitêmos terra na lama;
Bem rico era meu sogro,
Bem pobre me deu a dama.

(T. M

2098 Trago terra na *alisbêra,*
Agua fechada na mão,
P'ra dispôr uma roseira
Dentro do meu coração.

(A

2099 Quem me dera que viesse
A morte pelos solteiros,
P'ra ficar a terra livre
De marotos e brejeiros.

(A

2100 Quem me dera que viesse
A morte pelos casados,
P'ra ficar a terra livre
De homens desavergonhados.

(A

2101 Bem pudera Deus dar pão
Na terra sem ser lavrada,
Assim como Deus dá filhos
Nas mulher's sem ser casadas.
(A.)

2102 O meu coração é terra,
Hei-de mandal-o lavrar,
Para dispor os desejos
Que eu tenho de te lograr.
(A.)

2103 O meu coração é terra,
Hei de mandal o lavrar,
Semeal-o de desejos
Para depois te ir falar.
(T. M.)

2104 O meu coração é terra,
Hei-de-a mandar lavrar,
Com biquinhos d'alfinetes,
P'r'ó meu amor passear.
(A.)

2105 O meu coração é terra,
Hei-de-a mandar lavrar,
Com aradinhos de ferro,
Para a terra fabricar.
(A.)

2106 Bom arado e bom *timão*,
Uma boa *entêchadura*,
Bom sota, bom *abogão*,
Faz lavrar a terra dura.
(A.)

2107 Eu sou ganhão de manzeira,
E lavro em terras de barro,
Trago junta carreteira,
D'onde passo tudo esgarro.

(A

2108 Adeus, areal do rio,
Não sei como tens areia,
A toda a hora do dia
Meu coração te passeia.

(A

2109 Não ha palma como a palma,
Nem terra como a d'areia,
Nem monte como Font'Alva,
Nem moças como as da aldeia.

(A

2110 Puz-me a escrever 'ma carta,
A dentro d'um grão d'areia,
Eu não quer' que ninguem saib
Que tinha amores n'al eia.

(A

2111 O meu regalo é lavrar
Em terra de areia fina;
Quem me dera já lograr
Esses teus olhos, menina.

(A

2112 Eu lavro em terras d'areia,
O meu regalo é lavrar;
Quem não sabe o piso á terra
Tem muito que *atentear*.

(A

2113 Puz me a escrever na areia
Ao pino do meio dia,
A penna não me ajudava,
E eu cega d'amor's não via.

(A.)

2114 Puz-me a escrever na areia
Ao pino do meio dia.
Caiu-me a penna da mão,
Não pude escrever Maria.

(A.)

2115 Semeei, não recolhi,
Lagrimas no areal,
Próvera a Deus que eu não fôra
O' meu amor tão leal.

(A.)

2116 Eu d'aqui para a estação,
Não piso senão areia;
Eu não deixo o meu amor,
Nem meu *creto,* em mão alheia.

(A.)

2117 Eu puz-me a pintar na areia
O retrato do meu bem,
Mas tornei a *derriscal o,*
Com medo não visse alguem.

(A.)

2118 Eu 'screvi na branca areia
O retrato do meu bem,
Tornei a apagar a letra,
Inda assim não visse alguem.

(A.)

2119 Não te encostes á barreira,
Que a barreira deita pó,
Encosta te á minha cama,
Sou solteira, durmo só

(D.)

2120 Mandei fazer altas torres,
Para ver se te avistava,
Só avistei a poeira
Da sége que te levava.

(A.

2121 Os homens comparo eu
Com a poeira da rua;
Quanto mais mentem, mais juram
Por alma que não é sua.

A.

2122 Sou das minas, sou das minas,
Sou das minas, sou mineiro;
O' que bellas raparigas,
Para mim que sou solteiro.

(A.)

2123 Sou das minas, sou mineiro,
Carrego com mineral;
O' que bellas raparigas
P'ra um mineiro casar.

(A.)

2124 Venho das minas do ouro,
Não volto de lá dourado;
Venho da terra das môças,
E sem vir de lá casado.

(A.)

2125 Dei um ai entre dois montes.
Responderam-me as montanhas:
Ai Jesus, que eu já não posso
Soffrer ausencias tamanhas.

(A)

2126 Altas serras, duras brenhas,
Olivaes com suas ramas;
Não dês ouvidos a ditos,
Não deites de mim má fama.

(A)

2127 Altos montes, duras brenhas,
Olivaes com suas ramas;
Não attendas as intrigas,
Não deixes de amar quem amas.

(A.)

2128 Altas serras, duras brenhas,
Onde ha mattos ha coelhos;
Aqui me tendes, menina,
Aos vossos pés de joelhos.

(A.)

2129 Lá cima, n'aquella serra,
Cae a folha ao suspiro;
Não vi hontem, vejo hoje
Quem eu tenho no sentido.

(A.)

2130 Lá cima, n'aquella serra,
Ouvi dar ais e escutei,
Era a minha mocidade,
Que eu tão mal a empreguei,

(A.)

2131 Inda que de ti 'stou longe,
Com grandes serras no meio,
Guarda-me tu lealdade,
Que eu viverei sem receio.

(T. M).

2132 No alto d'aquella serra
Tem meu pai um castanheiro,
Que no v'rão dá azeitonas,
E batatas em janeiro.

(T. M)

2133 Venho do alto da serra,
Lá do matto *felorido*,
Eu venho fugindo a calma,
Chegando-me ao teu abrigo.

(A.)

2134 Eu hei de ir áquelle oiteiro,
Hei de abrazal-o com ais,
Em altas vozes gritando:
Eu morro, vós me deixaes.

(A.)

2135 Eu hei de ir áquelle oiteiro,
Hei de abrazal-o com ais,
Pois quero que todos saibam
A paga que vós me daes.

(A.)

2136 Eu hei de ir áquelle oiteiro,
Fazer vida co' os bichinhos,
Já tu na terra não queres
Acceitar os meus carinhos.

(D.)

2137 Entre valles e oiteiros
Ouvi gritar uma flor,
Em altas vozes dizia:
Anda amante, chega amor.

(A.)

2138 Lá detraz d'aquelle oiteiro
'Stá o meu bem a chorar,
Não sei se chora de birra,
Por comigo não falar.

(A.)

2139 Eu hei de ir áquelle oiteiro
Deitar bandas a voar,
O meu amor é alferes,
Tem muitas para me dar.

(A.)

2140 Ai lé,
Serra da Malefa,
Não me ha de esquecer
O nome de *Zéfa*;
O nome de *Zéfa*
Não me ha de esquecer,
Serra da Malefa
'Stá o fogo a arder.

(A.)

Em respeito a esta secção veja tambem os *Cantos* n.os 3, 13, 14, 23, 25, 309, 315, 323, 331, 441, 718, 784, 1053 e 1054.

2152 As rochas do mar batidas
Não são mais firmes do que eu,
Escusas de ter ciumes,
Quem ama nunca esqueceu.

(A.)

2153 O' meu amor de cangalhas,
Morro por ti ás escuras,
Se quer's saber onde moro.
Eu moro nas pedras duras.

(B. A.)

2154 Gasta o tempo o ferro e bronze,
E gasta as pedras tambem,
Eu quer' gastar e não posso
As lembranças do meu bem.

(A.)

2155 Uma pedra, duas pedras,
Já fiz de pedras um par; -
Emmagreces e não medras
Em te andar's á amofinar.

(A.)

2156 Assentada n'uma pedra
Ouvi cantar e chorei;
Minha bella mocidade,
Adonde eu a empreguei!

(A.)

2157 Entre as pedras da janella
Ouvi dar a meia noite,
Coitadinho de quem 'spera
Por quem está nas mãos d'outre'

(A.)

2158 Entre as pedras da janella
'Stá 'ma lebrinha deitada
Em manguinhas de camisa,
O' lebre quem te agarrara!

(A.)

2159 Se eu soubera cantar bem,
Como sei 'studar cantigas,
Faria chorar as pedras,
Quanto mais as raparigas.

(D.)

2160 Vale mais amar 'ma pedra,
Que amar o teu coração,
Uma pedra não se queixa,
Tu queixas-te sem razão.

(A.)

2161 Eu hei de amar uma pedra,
Muito dura que ella seja,
'Tirada de *reconchete*
Ha de ir parar á egreja.

(A.)

2162 Não sou pedra que rebole,
Nem ladrilho mal assente,
Onde ponho o meu sentido
Fica firme para sempre.

(A.)

2163 Pedra que muito *arrebóla*,
Não pode servir d'assento,
Môça que muitos namora,
Cabeça de cáta vento.

(A.)

2164 Coração, abranda, abranda,
Com essa ingratidão,
Tambem as pedras abrandam,
Aquellas que duras são.

(A.)

2165 Passei pela tua porta,
Puz a mão na fechadura;
Acorda, se estás dormindo,
Coração de pedra dura.

(A.)

2160 A maçã na macieira
Cahe depois de madura;
Prometteste-me e faltaste-me,
Coração de pedra dura.

(D.)

2167 Delicada da cintura
Como a palha do centeio;
Coração de pedra dura,
Aqui tens o teu enleio.

(A.)

2168 Entre pedras e pedrinhas,
Nasceu o mangericão;
Em quanto o mundo fôr mundo:
Morrer sim, deixar-te não.

(A.)

2169 Entre pedras e pedrinhas
Nascem pêras carvalhaes;
Pensava que me esquecias,
Cada vez me lembras mais.

(A.)

2170 Entre pedras e pedrinhas
Nasce um raminho de flôres,
Ai de mim, que eu ando amando
A quem tem outros amores.

(A.)

2171 Entre pedras e pedrinhas
'Stá meu amor em *balances*,
Queira Deus que saiam certas
Essas nossas esperanças.

(A.)

2172 Entre pedras e pedrinhas
Nasce o raminho da arruda;
Mais val' ser feia engraçada,
Que bonita e carrancuda.

(A.)

2173 Entre pedras e pedrinhas
E' que nasce a verde salsa;
Mais val' a feia que é firme,
Que a bonita sendo falsa.

A.)

2174 Inda que eu viva entalada
Em tres pedras, como o vime,
Não me acharás demudada,
Antes cada vez mais firme.

(A.)

2175 Atiraste-me pedrinhas
Ao forro da minha saia,
Pensavas que eu era filha
D'algum garoto da Maia.

(D.)

2176 Não me atires com pedrinhas
A' barra da minha sáia,
Atira-me com beijinhos
A' face da minha cara.

(A.)

2177 Não me arremêsses pedrinhas
Ao galão do meu saiôto,
Que meu pae não me criou
Para garotos do Porto.

(D.)

2178 Não me atires com pedrinhas
A' panella do serol,
Atira-me com beijinhos,
'Stou a remendar ao sol.

(A.)

2178 Adeus pedras do rocio,
Adeus pedras de lavar,
Onde habita o meu amor,
Como posso eu aqui 'star.

(A.)

2180 O meu coração, amor,
E' 'ma pedra de lavar,
Podes amal-o á foita,
Sempre firme o has de achar.

(A.)

2181 Se eu nasci para morrer,
Para que me dá Deus vida,
Sempre na pedra a lavar,
Não me livro d'esta lida.

(A.)

2182 O teu amor é criança,
Assim que o chamam lá vae:
E o meu é como a pedra,
Que *d'onde* a põem não sahe.

(A.)

2183 Anda cá, senta-te aqui,
Eu n'uma pedra, tu n'outra,
Aqui choraremos ambos
A nossa ventura pouca.

(A.)

2184 Adeus, ó egreja d'Eiras,
Feita de pedra morena,
Dentro d'ella ouvem missa
Olhos que me causam pena.

(D.)

2185 Bel'monte de Penna Clara,
Feita de pedra pequena,
Onde passeiam dois olhos,
Que ha muito me causam pena.

(A.)

2186 A nossa egreja matriz,
E' feita de pedra lipes,
Meu amor como passaste
O tempo que me não viste.

(A.)

2187 Quando a pedra nadar n'agua
E a cortiça fôr ao fundo,
Então deixará de haver
Variedade no mundo.

(A.)

2188 Quando a pedra navegar,
E a cortiça ao fundo fôr,
Então deixarei d'usar
Lealdade ao meu amor.

(

2189 Quando o penedo nadar,
E a cortiça fôr ao fundo,
Então é que te hei de amar,
Se inda fôr viva no mundo.

(

2190 Cada vez que eu vejo vir
Meu amor devagarinho,
Desejo-lhe ir atirar
Com pedrinhas ao focinho.

(

2191 Puz-me a contar ás avessas
As pedras do teu balcão;
Ainda te ha de constar
Se eu te quero bem ou não.

(

2192 Puz-me a contar ao disfarce
As pedras d'uma columna,
Oito, sete, seis e cinco,
Quatro, tres, duas e uma.

(T.

2193 Atiraste-me, atirei-te,
Encontraram-se as pedradas,
Quando as pedradas se encont
Que farão as nossas falas.

(

2194 Atiraste-me, atirei,
Encontraram-se as pedradas,
Quando as pedradas se encontram,
Que *fará* nossas palavras.

(A.)

2195 O' rua da Costanilha,
Calçadinha mal segura,
Quando o meu bem ali passa
Não ha pedra que não bula.

(A.)

2196 O' rua da Venda-Nova,
Ladrilhada e mal segura,
Quando passa o meu amor
Não ha pedra que não bula.

(D.)

2197 Adeus, villa de Trancoso,
Adeus, rua da Cadeia,
Adeus, quatro pedrinhas
Onde o meu amor passeia.

(B. B.)

2198 Esta rua tem pedrinhas,
Hei de mandal-as tirar,
Com biquinhos d'alfinetes,
P'r'ó meu amor passear.

(A.)

2199 Esta rua tem pedrinhas,
Hei de mandal-as tirar,
Craval-a de diamantes,
Para o meu bem passear.

(A.)

2200 Esta rua tem pedrinhas,
Esta rua pedras tem,
Das pedras não quero nada,
Da rua quero alguem...

(T. M.)

2201 Mal o haja a tua rua,
Que tanta pedrinha tem!
Se não fossem os teus olhos
Não passava aqui ninguem.

(A.)

2202 Até as pedras da rua
De mim teem piedade,
Do meu amor me deixar
Ao rigor da saudade.

(A.)

2203 As proprias pedras da rua
Tenham de mim compaixão,
Se um ingrato me foi falso,
Que mais quer meu coração?

(A.)

2204 Inda sou quem era d'antes,
Inda sigo os mesmos passos,
Em chegando á tua rua
Pedras para mim são laços.

(M.)

2205 N'esta rua tenho pedras,
Cada pedra mil esquinas,
Cada esquina mil cravos,
Cada cravo mil cravinas.

(D.)

2206 O' bella rua Direita,
Onde a procissão dá volta;
O' bella pedra da esquina,
Onde o meu amor se encosta.

(A.)

2207 As pedras da tua rua
Não sei que teem comigo,
Já andam desconfiadas
Que eu ando d'amor's comtigo.

(A.)

2208 Das pedras da tua rua
Confiei o meu segredo,
Mas teem tanta covinha,
Que até passo ali com medo.

(A.)

2209 Pedrinhas d'esta calçada
Levantai-vos e dizei:
Quem vos passeia de noite,
Que eu de dia bem o sei.

(T. M.)

2210 As telhas do teu telhado,
As pedras do teu patim,
Hão de jurar a verdade
Das vezes que eu aqui vim.

(D.)

2211 As telhas do teu telhado,
E as lages do teu jardim,
Ellas te terão contado
As vezes que eu passo aqui.

2212 As telhas do teu telhado,
As pedras do teu balcão,
Podem dizer na verdade
Se te quero bem ou não.

(A.)

2213 Coração de pedra fina,
Arco de pedra lavrada,
Sempre quiz, e nunca pude
Comtigo conseguir nada.

(T. M).

2214 Coração de pedra fina,
Arco de pedra lavrada;
Tanto que te eu perseguia,
Mas nunca te apanhei nada.

(A.)

2215 Mandei fazer uma torre
De pedra, cal e areia,
P'ra avistar os tristes campos
Onde o meu amor passeia.

(A.)

2216 Já vi castellos bem altos,
Com pedras bem miudinhas;
Aqui *d'onde* estou bem vejo
Coisas que podem ser minhas.

(A.)

2217 Abram-se janellas d'oiro,
Com pedras de cantaria,
Quem namora não se ausenta,
Quem quer bem não se desvia.

(A.)

2218 No campo da primavera
Vi uma pedra esculpida,
Com letras d'oiro que dizem:
Quem ama sempre duvida.

(A.)

2219 N'uma pedra branca e dura,
Teu nome mandei gravar,
Com duas letras que dizem:
Eu nasci para te amar.

(A.)

2220 Na campo do meu sepulchro
Hei de mandar a 'screver:
Aqui jaz o teu amor,
Que foi firme até morrer.

(A)

2221 Todos gosam um bocado
De prazer e de ventura,
Só eu nasci agarrada
A's pedras da sepultura.

(A)

2222 Mandei fazer um jazigo
Debaixo da campa fria,
P'ra sepultar teu sentido,
Que era o que mais me prendia.

(A.)

2223 Os arcos atravessados
São de pedra miudinha,
Por baixo estrada real,
Caminho da Calçadinha.

(A.)

2224 Doem-me os olhos de olhar
Para a pedra de Leixão,
Para ver se vejo vir
O meu amor marinhão.

(D.)

2225 O annel que tu me deste,
Cá o tenho, não t'o dou,
Partil-o hei c'uma pedra,
P'ra que saibas quem eu sou.

(A.)

2226 Meu annel da pera verde,
Ganhadinho ao luar,
Hei de amar a quem m'o deu,
Arrebente quem falar.

(D.)

2227 O' annel das sete pedras,
O' annel das pedras brancas;
Como pode ser leal,
Quem se diverte com tantas.

(A.)

2228 O' annel das sete pedras,
O' annel das pedras brancas;
Como queres que eu te queira,
Se tu dás paleio a tantas.

(A.)

2229 O' annel de sete pedras,
Salta fóra do meu dedo,
Que tu foste o causador
De eu tomar amor's tão cedo.

(D.)

2230 O annel de sete pedras
Custou-me sete vintens;
Ainda não 'stou casada,
Já me dão os parabens.

(A.)

2231 Viva o ouro, viva a prata,
Viva a pedra do annel,
Viva quem tem seus amores
Lá na villa de Souzel.

(A.)

2232 Tenho feito juramento
Nas pedras do meu annel,
De não amar outros olhos
Senão os teus, Manoel.

(A.)

2233 Seu annel abrilhantado
Nunca me a mim *enlevô*,
Enlevaram-me os seus olhos
Quando para mim *ôlhô*.

(A.)

2234 O meu annel de brilhantes,
Nem o dei, nem o vendi,
Pul-o no dedo *polgar*,
Para me lembrar de ti.

(A.)

2235 Maria da tenda nova
Tem um annel de brilhantes,
Passa as noites sem dormir
Para falar aos amantes.

(A.)

2236 O rosmaninho na serra,
Brilha como o diamante;
Assim é o cavalheiro,
Que á sua amada é constante.

(A.)

2237 Adeus, cadeia do adro,
Feita á moda da cidade,
No fundo tens uma pe ra
Assente por um abbade.

(D.)

2238 Quem tem amores tem penas,
E quem tem *penas* é pato,
Por causa de ti, menina,
Trago eu pedras no sapato.

(A.)

2239 O' pelourinho da praça!
Hei de bradar contra ti,
Que meus olhos me raspaste,
E te apartaste de mim.

(A.)

2240 Encostei-me á pedra d'ara,
No logar do sacerdote;
Quem tem o amor á vista
Não pode ter melhor sorte.

(A.)

2241 Adeus, convento da Serra,
Já te não chamam convento,
Tiraram-te a pedra *d'era*,
Do divino sacramento.

(A.)

2242 Redondinhos redondinhos,
Como as pedras de moer,
Redondinhos são teus olhos,
Por quem eu hei-de morrer.

(A.)

2243 Da minha varanda avisto
A cidad' de Badajoz;
Estou mettida entre talas,
No meio de duas mós.

(A.)

2244 Muita pedra faz parede,
A muita parede altura,
A muita calma dá sêde,
A mesma sêde seccura.

(A.)

2245 O muito falar faz sêde,
A muita sêde seccura,
Muita pedra faz parede,
A muita parede altura.

(A.)

2246 Quem tem pedras tem paredes,
E quem tem linha tem pano,
Quem tem o amor azedo
Tem vinagre todo o anno.

(A.)

2247 O' que parede tão alta,
E' de pedra miudinha,
Mal haja quem apartou,
A tua vista da minha.

(A.)

2248 Eu de frente e vós á vista,
Nem eu vejo, nem vós vedes,
Mal-o hajam os pedreiros,
Que fizeram as paredes.

(B. A.)

2249 Teus olhos são pescadores,
Que aos meus 'stão lançando as red
Quem anda cego d'amores,
Não vê senão as paredes.

(A.)

2250 O' alto, parede, ó alto,
O' alto, pinheiro, altura,
Muita cal e pouco sal
Fál a parede segura.

(D.)

2251 Paredes do teu quintal,
Quem as pudera saltar,
P'ra junto de ti, amor,
Melhor te poder falar.

(A.)

2252 Sempre me andas a dizer,
Minha horta, minha horta,
São duas paredes velhas,
Com um espantalho á porta.

(A.)

2253 Já não sou quem era d'antes,
Já 'stou muito demudado,
Sou um painel de tristeza
N'uma parede pintado.

(A.)

2254 Amor, fala devagar,
Que as paredes teem ouvidos;
Os amores encobertos
Esses são os mais sabidos.

(A.)

2255 Esta noite fui chorar
Ao pé de duas paredes,
Tudo por causa de amores:
Quem pudér livre-se d'elles.

(A.)

2256 O' meu amor, se tu tens
Outras paredes mais altas,
Desengana-te comigo,
Que eu não sirvo para as faltas.

(A.)

2257 Tu és a primeira pedra
Do alicerce da parede;
Quanto mais o mundo fala
Tanto mais gosto de vêr-te.

(T. M).

2258 Vae por hi, que eu vou por 'qui,
Encosta-te ao paredão,
Eu por mim quero que tenhas
Bom genio, bom coração.

(M.)

2259 A perdiz anda no monte
Depenicando beijinhos,
Tambem hei depenicar
Na tua bocca beijinhos.

(B. A.)

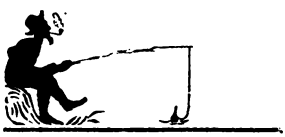
2260 Eu vejo-te assim trigueira,
Linda rosinha em botão,
Se és da côr da pederneira,
Eu sou da côr do carvão.

(A.)

2261 Ailé.
Em Villa Boim
As pedras da rua
Choraram por mim.

(A.)

Em respeito a esta secção, veja tambem os *Cantos* n.os 180, 181, 316, 953 a 955, 1.032, 1.247, 1.544, 1.545, 1.546, 1.605, 1.725, 1.828, 1.847, 1.920, 1.936 e 1.968.



g) Os metaes

2262 Tenho ouro, tenho prata,
Tenho cobre e tenho chumbo,
E tenho metal e lata,
Tenho primeiro e segundo.

(A.)

2263 Tenho prata, tenho ouro,
E tambem tenho algum cobre,
De tudo estou abonada,
Só d'amores vivo pobre.

(A.)

2264 As solteiras são de oiro,
As casadas são de prata,
As viuvas são de bronze,
E as velhinhas são de lata.

(A.)

2265 E' mais facil abrandar
O bronze duro com pranto,
Do que o coração d'aquella
Por quem eu suspiro tanto.

(D.)

2266 O chapeu de cinco bicos,
Todos cinco são de bronze,
Com que passa o meu amor
Das dez horas para as onze.

(E.)

2267 Altas torres do relogio,
Onde o bronze retiniu;
Ninguem diga o que não sabe,
Nem affirme o que não viu.

(A.)

2268 Altas torres do relogio,
Viradas para a egreja;
Não ha mulher com ventura,
Nem homem que leal seja.

(A.)

2269 Altas torres do relogio,
Viradas para a egreja;
Quem me a mim deseja a morte
Amortalhada a eu veja.

(A.)

2270 Altas torres do relogio,
Na mais alta já me eu vi;
Por muito que o mundo fale
Nada me aparta de ti.

(A.)

2271 O relogio da Sé d'Elvas
Dá horas, que eu bem as ouço:
O meu amor 'stá de guarda,
'Stá de guarda ao calabouço.

(A.)

2272 O' relogio da Sé d'Elvas,
Das onze para o meio dia,
Vou a vêr o meu amor,
Que ha muito que o não via.

(A.)

2273 O' relogio da Sé d'Elvas,
O' relogio *dal-as* onze;
O meu amor da minh'alma
Da minha vista está longe.

(A.)

2274 O relogio da matriz
Bate as horas no convento;
Tambem meu coração bate
Horas no teu pensamento.

(A.)

2275 O' relogio mentiroso,
Que não dás as horas certas,
Fazes andar meu amor
De noite pelas travessas.

(A.)

2276 O' relogio, estás parado,
Mas que maluqueira é essa?
Quando aqui 'stá meu amor,
Trabalhas com toda a pressa.

(A.)

2277 O' relogio das Salzedas,
Peço-te, por caridade,
Que dês as onze mais cêdo
E o meio dia mais tarde.

(B. A.)

2278 Meu coração é *relojo*,
Meu peito dá badaladas,
Nos dias que te não vejo
Trago-te as horas contadas.

(T. M.)

2279 Subi á torre do sino
Colher a flôr dos murtaes,
Para vêr se me esquecias,
Cada vez me lembras mais.

(B B)

2280 O' que festa, ó que funcção,
No dia em que eu casar!
Os sinos de esta al eia
Tocarão até quebrar.

(A.)

2281 Se ouvires tocar os sinos
Não cuides que são trindades,
Sou eu que me estou morrendo
Pelas tuas saudades!

(A.)

2282 Se ouvires tocar os sinos,
Ou a *garrida* dos frades,
Não procures quem morreu,
Que fui eu com saudades.

(A.)

2283 Quando ouçam tocar os sinos,
Ou o carrilhão dos frades,
Não procurem quem morreu,
Que fui eu com saudades.

(A.)

2284 Se ouvires tocar os sinos,
Reunir as irmandades,
Não perguntes quem morreu,
Que fui eu com *soidades*.

(A.)

2285 Se ouvires tocar os sinos
Na cidade de Lisboa,
Morreu Carolina Augusta,
Que era uma moça bem bôa.

(ALG.)

2286 Se ouvires tocar os sinos
Não perguntes quem morreu,
Ausente do meu amor
Ninguem morreu senão eu.

(ALG.)

2287 O' meu amor, meu amor,
Meu amor é sacristão,
Quando repicam os sinos
Repica o meu coração.

(A.)

2288 Ailé,
Coração de bronze,
Vae vêr no relogio
Se já deram onze.

(A.)

2289 Já deram as dez,
Já vae para as onze,
Inda te não rendes
Coração de bronze.

(A.)

2290 Sou ferreiro, bato ferro,
Móro á beirinha do rio;
Não ha coisa que mais custe
Que é *malhar* em ferro frio.

(D.)

[illegible] Sou ferreiro, bato ferro,
Lá para os lados do rio:
Conselhos a moços varios
E' bater em ferro frio.

(A.)

[illegible] Ateimar com quem não quer,
E' malhar em ferro frio:
Amor ama a quem quizeres,
Que a mim não me faz desvio.

(A.)

[illegible] Amar a quem nos não ama
E' malhar em ferro frio,
Ama pois a quem quizeres,
Que isso, amor, é o meu brio.

(A.)

2294 Ferros velhos, ferros novos,
Eu tambem já fui ferreiro;
Ja tive amores de graça,
Agora nem por dinheiro.

(A.)

2295 Inda que meu pae me faça
Como o ferreiro ao ferro,
Não me póde retirar
De falar a quem eu quero.

(D.)

2296 Os teus olhos me prenderam
Com grilhões de fino ferro,
Pódes andar descançada
Que outros amores não quero.

(A.)

2297 Bate o malho na bigorna
Quando o ferro está em braza;
Leva a vida a suspirar
Todo o moço que não casa.

(A.)

2298 Os olhos do meu amor
São cadeados de ferro,
De tal sorte me prenderam,
Que outros amor's já não quero.

(A.)

2299 Os olhos do meu amor
São lancetas de bom ferro,
De tal sorte me feriram
Que outro amor já *nam no* quero.

(A.)

2300 Ferros d'El-rei são grilhões,
Inda o amor é mais forte,
Para ferros inda ha limas,
P'r'ó amor só ha a morte.

(A.)

2301 As grades do Limoeiro
São quarenta, eu as contei,
P'r aquella mais frondeirinha
Por pouco me não 'scapei.

(D.)

2302 Hei-de mandar a fazer,
'Ma cadeia ao serralheiro,
Com que prenda o meu amor,
Para me ser verdadeiro.

(A.)

2303 O' amor, quebra grilhões,
Tira-me d'esta prisão;
Que eu prometto de te dar
O meu leal coração.

(A.)

2304 O amor que te eu tenho
E' mais forte que o grilhão,
Já não posso estar sem ti,
Amor do meu coração.

(A.)

2305 Cadeias foram teus olhos,
Grilhões foram teus carinhos,
E' certo que fiquei preso
Em vigorosos espinhos.

(A.)

2306 Já se quebrou o grilhão
Com que o amor me prendia;
Se eu soubera o que sei hoje,
Nada de ti pretendia.

(A.)

2307 Os olhos do meu amor
São confeitos, não se vendem,
São balas com que me atira,
Cadeias com que me prende.

(A.)

2308 Maria mais Anna,
Dois nomes são;
Maria é cadeia,
E Anna é grilhão.

(A.)

2309 Ailé,
O ferro bateu,
Cala-te, não chores,
Que aqui estou eu.

(A.)

2310 O meu coração é sétta,
E corta no aço fino;
Quem toma amor's com Perpetua
Tem de amal-a de continuo.

(A.)

2311 Os teus braços são cadeias
Mais fortes que o mesmo aço,
Já me tens preso, captivo,
Só te falta dar um laço.

(A.)

2312 Ailé,
Seis e cinco onze,
Tenho o peito d'aço,
Queria-o de bronze.

(A.)

2313 Não deites o chumbo n'agua,
Que tem peso, vae ao fundo;
Nem tenhas outros amores
Emquanto eu 'stiver no mundo.

(A.)

2314 Sou caçador de cadeira,
Assentado mato caça,
Trago o chumbo n'algibeira
A polv'ra n'uma cabaça.

(A.)

2315 Atirei e não matei,
O' mal empregado tiro,
O' minha polv'ra queimada,
O' meu chumbo derretido.

(T. M.)

2316 Amor, lá vae bala,
Que o chumbo não mata;
Não posso ser firme
A quem me maltrata.

(A.)

2317 Amor, lá vae bala.
Que o chumbo *vareia,*
Não posso ser firme
A quem me falseia.

(A.)

2318 A quem me falseia,
A quem me maltrata,
Amor lá vae bala,
Que o chumbo não mata.

(A.)

2319 Tu jogaste e eu joguei
N'uma mesa de latão,
Logo á primeira vasada
Ganhei-te o teu coração.

(A.)

2320 Estou presa n'uma cadeia,
As grades são de latão,
Estou presa por mão d'Antonio,
Solta-me tu, ó João.

(D.)

2321 Adeus ó egreja d'Eiras,
Tens um prego na parede,
Todos passam, ficam livres,
Só eu fiquei presa n'elle.

(D.)

2322 Não ha machado que córte
A raiz ao pensamento;
Não ha letrado que diga
O que tenho no intento.

(A.)

2323 Não ha machado que córte,
A raiz ao alecrim,
Nem ha quem possa apartar
Meu coração de Joaquim.

(A.)

2324 Não ha machado que córte
O alecrim arruinado,
Não ha ninguem que retire
O amor continuado.

(D.)

2325 Não ha machado que córte
A raiz ao coração,
Não ha letrado que leia
Onde está minha prisão.

(D.)

2326 Eu sou cortador de rama,
E vou cortar á coutada;
Quando me chego ás funcções,
Trago a machada afiada.

(A.)

2327 Eu sou cortador de rama,
Vou amolar a machada,
Morra o homem, fique fama,
Defendo o meu camarada.

(A.)

2328 Na Almeida tenho um arado,
E na do Brito um *timão*,
E na Alentisca um machado,
No Reguengo um enxadão.

(A.)

2329 Se queres saber a gloria
Que alcança um pobre ganhão,
E' a mão cheia de callos
Do cabo do enxadão.

(A.)

2330 Namorei 'ma tecedeira,
Pelo buraco da chave;
Ella estava, tenque, tenque,
Minha porta não se abre.

(A.)

2331 Não venhas bater-me á porta,
P'ra ti se fechou á chave,
O que tu quer's *está torta*,
Não te fizeras tão grave.

(A.)

2332 Minha avó quando morreu
Levou palmito e capella,
Deixou-me as chaves d'adega,
E o vinho bebeu-o ella.

(A.)

2333 Canta lá uma cantiga,
Eu bem sei que tu as sabes,
As minhas 'stão na gaveta,
Já mandei buscar as chaves.

(A.)

2334 Cante lá uma cantiga,
D'aquellas que vossê sabe,
As minhas 'stão na gaveta,
Já perdi o norte á chave.

(D.)

2335 Canta uma cantiguinha,
Não me digas que não sabes,
As minhas 'stão no bahu,
E meu pae levou a chave.

(D.)

2336 Já te podera ter dado
As chaves da confiança;
Mas cá tenho consid'rado
Que ainda és muito creança.

(A.)

2337 Já te podia ter dado
A chave da minha vida;
Mas tornei a consid'rar
Que eras muito raparига.

(A.)

2338 Já te podia ter dado
A chave do meu viver,
Mas peguei a consid'rar
Se minha virás a ser.

(A.)

2339 As chaves cá do meu peito
Quem as tem é o meu pae,
Quem está fóra não entra,
Quem está dentro não sahe.

(M)

2340 O meu coração é cofre,
E' cofre, ninguem o abre,
O meu amor ausentou-se,
Comsigo levou a chave.

(A.)

2341 Tenho o meu peito fechado,
As chaves 'stão no Brazil,
O meu peito não se abre
Sem as chaves de lá vir.

(M.)

2342 O meu coração fechou-se,
A chave foi p'r'ó Brazil,
Meu coração não se abre
Sem a chave de lá vir.

(M.)

2343 O meu coração fechou-se,
Fechou-se, já se não abre,
O meu amor ausentou-se,
Quem se ausenta leva a chave.

(A)

2344 Manoel, meu Manoelsinho,
Chave de minha gavêta,
São tantas minhas saudades
Que não tenho aonde as metta.

(T. M.)

2345 Eu hei-de mandar a vir
Uma chave á *inguelesa,*
P'r'ó teu coração abrir
Com toda a delicadeza.

(A.)

2346 Já fui chave do teu peito,
Do teu coração cadeado,
Abri-o com muito geito,
E fechei-o com cuidado.

(A.)

2347 Meu coração é gavêta,
Fecha com dois cadeados,
De uma banda fecha amores,
D'outras penas e cuidados.

(M.)

2348 Prendi José *ó* cadeado,
Manoel a um cordão,
Francisco a uma corrente,
Antonio no coração.

(A.)

2349 Antonio, cara de cravo,
Cintura de capitão,
Cadeado do meu peito,
Chave do meu coração.

(A.)

2350 Tenho um amor, tenho dois,
Tenho tres, não é defeito,
E tenho um a cadeado.
Fechado n'este meu peito.

(A.)

2351 Já não ha faca que córte
A raiz ao pecegueiro,
E já não ha quem me aparte
Do meu amor, que é cocheiro.

(A.)

2352 Já não ha faca que córte
A raiz á verde canna,
Já não ha quem dê combates
Ao saber de Marianna.

(A.)

2353 Não ha navalha que córte
A raiz á verde canna;
Da fama ninguem se livra,
Muito tolo é quem não ama.

(A.)

2354 Eu hei de morrer d'um tiro,
Ou d'uma faca de ponta,
Se hei-de morrer ámanhã,
Morro hoje, é a mesma a conta.

(D.)

2355 Coração, coraçãosinho,
C'uma faca te hei de abrir,
Por te deixares prender
De quem podias fugir.

(T. M.)

2356 Oh! quem me déra encontrar-te
No caminho mais estreito,
Para eu brigar comtigo,
Com faca de peito a peito.

(A.)

2357 O meu coração por artes
Entrou no teu pensamento,
E' como o crime de faca,
Que nunca tem livramento.

(A.)

2358 O' meu amor, quem me déra
Uma faca bem aguda,
Para dar uma facada
Na minha triste ventura.

(D.)

2359 O' meu amor, quem me déra
Uma faca de bom córte,
Para dar uma facada
N'esta minha triste sorte.

(D.)

2360 Villa Real de Santo Antonio,
Mataram o meu amor,
Com facas bem afiadas,
Oh quem seria o traidor!

(A.)

2361 Eu hei-de mandar fazer
Uma faca com dois bicos,
Para matar e ferir
Quem me rouba o mangerico.

(A.)

2362 No jogo da espada preta
Sou tão destro, que sem bulha,
Enfio a minha baioneta
Pelo fundo de uma agulha.

(A.)

2363 Toda a Calçada corri
Por fita côr de granada,
Para dar ao meu amor
Um laço para a espada.

(D.)

2364 O' coração, praça d'armas,
Cercado de espadas nuas;
Quem me trouxe a esta terra
Foram as saudades tuas.

(A.)

2365 Cada vez que vejo Elvas
Lembra-me o meu regimento,
Minha espada, meu cavallo,
Meu soldo, meu fardamento.

(A.)

2366 Canta, camarada, canta,
Canta, que ninguem te affronta,
Que esta minha espada corta
Dos copos até á ponta.

(A.)

2367 Tu chamaste ao vinho leite,
E ao vinagre marmellada,
A' espada *felorête*,
A' roçadoira machada.

(A.)

2368 Abre este meu peito á lança,
Verás meu coração morto,
E verás a tua ausencia,
O 'stado em que me tem posto.

(A.)

2369 Tenho dentro do meu peito,
Uma lança com dois bicos,
Uma é para os enredos,
Outra para os *mexiricos*.

(A.)

2370 O meu coração é lança,
Deita fitas encarnadas,
Meu amor, se tens vinganças,
Tem-n'as de mim separadas.

(A.)

2371 Os sapateiros, menina,
São fidalgos de nação,
Trabalham c'o pé no estribo
E com 'ma lança na mão.

(A.)

2372 Aqui tens este punhal,
Com elle crava o meu peito,
E' p'ra vêr se meu rival
Assim fica satisfeito.

(D.)

2373 Aqui tens meu coração,
Mette-lhe um punhal agudo;
Onde se levam se dão,
E' ordem nat'ral do mundo.

(A.)

2374 Aqui tens meu coração,
Vinga n'elle os meus delictos,
Crava-lhe um punhal agudo,
Não te embaracem meus gritos.

(A.)

2375 Trago dentro do meu peito
Um punhal com cinco bicos,
Para matar e ferir
Quem anda com mexericos.

(A.)

2376 Minha sogra deu-me um beijo
Que toda me fez tremer,
Cravou-me um punhal no peito,
D'esta f'rida hei de eu morrer.

(A.)

2377 Se os homens morressem todos
A' bocca d'uma espingarda,
Não haveria no mundo
Tanta mulher desgraçada.

(ALG.)

2378 Dizes que balas me matem,
Balas não entram comigo,
Balas são para os soldados
Que atiram ao inimigo.

(A.)

2379 Se na guerra, ó Maria,
Uma bala me dér fim,
Reza, reza, ó Maria,
Um Padre-nosso por mim.

(D.)

2380 As contas por onde eu rezo
São balas d'artilheria,
Faço tremer o inferno
Quando digo: Ave-Maria.

(A.)

381 Atiraste, recebi,
Ao meu peito com 'ma bala,
D'esta sorte se castiga
Quem ao seu amor não fala.

(A.)

382 Se os meus olhos fossem balas,
Já tu não 'stavas de pé.
Meu amor, tu não me falas,
Por algum motivo é.

(A.)

383 Minha prima, minha prima,
Prima do meu coração,
Se os meus olhos fossem balas,
Stavas feita n'um tição.

(A.)

384 *Prantei* o meu peito á bala,
O meu corpo á fortaleza,
Meu coração 'stá disposto
A amar a tua lindeza.

(A.)

385 Se tu queres, experimenta
O fio da minha navalha,
Onde não corta, rebenta,
Onde não rebenta, talha.

(A.)

386 Vê lá *mê* bem se te lembras
Da tal dita navalhinha,
Navalha corta a amisade,
Bem cortada foi a minha.

(A.)

2387 Já que me deste a pera
Da-me tambem a navalha,
Tu sabes que eu que não como
Pera sem ser aparada.

(B. A.)

2388 Ailé,
Lá baixo á muralha,
Moças solteiras
Não usam navalha.

(A.)

2389 Alfinetes são amores,
Quem os tiver não os poupe,
Que a mim já me succedeu,
Poupal-os eu, gozal-os outre.

(A)

2390 Amores são alfinetes,
Agulhas variedades,
Amores fóra da terra,
São dobradas saudades.

(A.)

2391 Alfinetes pequeninos
Que se 'spetam na sar'goça:
Vá o nosso gosto ávante
Quem se torcer, que se torça.

(A.)

2392 Vou-te dar a despedida
No bico do alfinete,
Vae-se o cravo, fica a rosa,
Desmanchou-se o ramalhete

(A.)

2393 Os olhos da minha amada
São biquinhos d'alfinetes,
Fechados são dois botões,
Abertos dois ramalhetes.

(A.)

2394 Desafio, desafio,
Por cima d'um alfinete,
Que me metti a cantar
Com semelhante *pivéte*.

(D.)

2395 Com a ponta d'esta agulha,
Com este mesmo dedal,
Co' o fio do retroz verde,
Teus olhos hei de bordar.

(B. B.)

2396 N'este lenço eu vou gravar,
E com 'ma agulha escrever,
Uma quadra que só diz:
Eu já me sinto morrer.

(A.)

2397 Mariquinhas costureira
Como uma agulha me picou,
Deu-me tamanha picada
Que ao coração me chegou.

(A.)

2398 Quem me dera ser dedal,
Ter agulha e branca linha,
Então seria na terra
Mais feliz a sorte minha.

(A.)

2399 Carapuça p'r'ás mulheres
Que mestras quizerem sêr
Só de agulhas e tesoiras,
Sem o *a b c* saber.

(D.)

2400 Minha mãe, por me casar,
Prometteu-me quanto tinha,
Depois de me ver casada
Deu-me uma agulha e uma linha.

(A.)

2401 Eu hei de ir armar á rola,
Eu á rola hei de ir armar,
Com a agulhinha na mão
P'ra apprender a costurar.

(D.)

2402 Eu hei de ir armar á rola
P'ra apprender a costureira,
Eu hei de ir armar á rola
Por detraz d'essa balseira.

(D.)

2403 Quatrocentos alfaiates,
Todos postos em campanha,
Com agulhas e tesoiras,
P'ra matarem uma aranha.

(A.)

2404 Quatrocentos alfaiates,
Todos juntos em campanha,
Armados c'uma tesoira,
P'ra matarem uma aranha.

(A.)

Fui-me ao campo colher flores,
Com tesoirinha d'anéis;
Cantadores como a ti,
Trato-os eu aos pontapés.

(A.)

O' amôr, ó *desamôr*,
O' engano, ó desengano,
Cortas pela minha vida
Como a tesoira no panno.

(A.)

Se tu queres, exp'rimenta
O fio á minha tesoira,
Onde não corta, arrebenta,
Onde não rebenta, estoira.

(A.)

Não quero o amor boeiro,
Não ganha nenhuns dobrões,
Todos os seus cabedaes
São chocalhos e esquilões.

(A.)

Já furtaram ao moleiro
O chocalho do seu burro,
Pensando que era um paio
Que levavam p'r'ó Entrudo.

(A.)

Minha avó quando morreu
Deixou-me em casa dois tachos,
A panella sem toucinho,
Duas mantas em pedaços.

(A.)

2411 As cantigas que tu cantas
Mette-as no fundo d'um tacho,
Se julgas que cantas bem,
Tu zurras que nem um macho.

(A.)

2412 Quem perdeu o que eu achei
No caminho d'Alemquér,
Quatro garfos com um dente,
E o rabo d'uma colher.

(A.)

2413 Quem perdeu o que eu achei
No caminho d'Atalaia,
Coisa de pouca valia,
Os colchetes d'uma saia.

(A.)

2414 Não me namoram calcinhas,
Que meu pae não usa d'ellas,
Namora-me um bom calção,
Com duas lindas fivelas.

(A.)

2415 Janella de pau de pinho,
Tem fechadura amarella,
Oh quem me dera lograr
A menina que 'stá n'ella.

(A.)

2416 Chapeu que o amor encobre,
Presilhas de bom metal;
Promettia de ser firme
Se tu me fosses leal.

(A.)

2417 Anda cá Maria,
Vem ver o *tê* Zé,
Com botões de guizo,
Trá lá ri ló lé.

(A)

2418 Ailé, ailé,
O' rosa, roseta,
Chapeu á hespanhola,
Com tanta agulheta.

(A)

2419 Eu tenho quatro vintens,
E todos os quatro em cobre,
Que eu os ganhei esta noite
A correr atraz de um home'.

(E.)

2420 Eu tenho quatro vintens
Em moedas de dez réis,
Quem quizer casar commigo
Vá despachar os papeis.

(A.)

2421 Ingrato, que me vendeste,
Quanto te deram por mim?
Que é das galas que compraste
C'o dinheiro que eu rendi?

(A.)

2422 O amor, como o dinheiro,
Não pode andar encoberto,
O dinheiro é chocalheiro,
O amor desinquieto.

(A.)

2423 Tenho corrido e andado
A melhor parte da Beira,
O m'lhor amigo que achei
Foi o dinheir' na algibeira.

(A.)

2424 Quando eu tinha dinheiro,
Tinha amor's, tinha tudo,
Agora não tenho nada,
Já não sou ninguem no mundo.

(A.)

2425 O tiro-liro é meu,
Que me custou meu dinheiro,
Sete patacas e meia
Lá no Rio de Janeiro.

(E.)

2426 Tenho um amor ha tres annos,
E tenho outro ha dois e meio,
Vale mais o meu amor
Que quanto val' o dinheiro.

(M.)

2427 Tenho cinco réis de amor,
Dez réis de saber amar,
Quinze réis de bem querer,
Um vintem de não faltar.

(A.)

2428 Lisboa só val' dez réis,
Cintra val' bem um vintem,
Alter do Chão mil cruzados
P'las raparigas que tem.

(A.)

2429 Não tenho mais que é pobreza,
Não tenho nem cinco réis,
Vejo-me cheio de tristeza,
Até ás unhas dos pés.

(A.)

2430 O' quem quer comprar, que eu vendo,
Amanhã se faz leilão,
As viuvas a pataco,
E as solteiras a tostão.

(A.)

2431 Estás meio avinagrado
Co' o summo da uva preta;
Esse teu pataco falso
Não vae á minha gaveta.

(D.)

2432 Saltei no domingo em terra,
Meu dinheir' era um pataco,
Gastei quinze réis em vinho
E vinte cinco em tabaco.

(A.)

2433 Amor são patacos falsos,
Que andam d'aqui para além,
Por amor não dou dois passos,
Indas que lhe queira bem.

(A.)

2434 Eu não invejo quem tem,
Moedas para guardar;
Da-se-me só de quem tem
Boas mãos para as ganhar.

(A.)

2435 Falso, que me foste falso,
Como a moeda corrida,
Com as tuas palavrinhas
Me enganavas toda a vida.

(A.)

2436 Joaquina, minha Joaquina,
'Nina do meu coração,
Eu quero-te mais Joaquina,
Que a mil cruzados na mão.

(A.)

2437 O' meu amor, meu amor,
Has de darme o desengano;
Toda a prata tem valia
E nunca chega a sob'rano.

(A.)

2438 Uma das minhas amigas
Me quer tirar o rapaz;
Inda em cima dou 'ma libra,
A'quella que fôr capaz.

(A.)

2439 Tenho um lencinho de seda,
Que me custou meia libra;
O ladrão do meu rapaz
Já tem outra rapariga.

(A.)

2440 O' cantadeira afamada,
Empresta-me os teus cordões,
Um é de moeda d'ouro,
Outro de cinco tostões.

(D.)

11 Tendes o cabello louro
Pelas costas aos aneis,
Precisavas ser mettida
N'um cordão de seis mil réis.

(D.)

12 Vou-lhes dar a despedida
Na cruz do meio tostão,
O' senhor's, que 'stão á roda,
A todos peço perdão.

(D.)

13 Eu casei-me, captivei-me,
Troquei o ouro ao cobre,
Troquei minha liberdade
Por dinheiro que não corre.

(T. M.)

14 Eu casei-me, captivei-me,
Perdi minha liberdade,
Troquei prata pelo cobre,
São coisas da mocidade.

(A.)

15 Quero-te mais que ao dinheiro,
Vê lá a comparação,
Por cinco réis perco a vida,
Vê tu se te quero ou não.

(A.)

16 Quero-te mais que ao dinheiro,
Quer seja a prata ou o cobre,
Ou notas esfarrapadas,
Que é o dinheir' que hoje corre.

(A.)

2247 Tendes o pé pequenino,
Da marquinha do vintem,
Bem pode calçar de prata
Quem tão pequeno pé tem.

(M.)

2248 Quem da prata tira a liga
Fica a prata desligada;
Quem por ti arrisca a vida
Não póde arriscar mais nada.

(A.)

2249 Em Leça e Mattosinhos
Já ouvi falar na gata;
Quem nunca viu a rainha,
Cuida que ella que é de prata.

(A.)

2250 O' meu amor d'algum dia
Quem te atirara dois tiros,
C'uma espingarda de prata
Carregada de suspiros.

(A.)

2251 Álerta pombinha, álerta,
Que está caçador na serra,
C' uma espingarda de prata,
Aonde aponta não erra.

(A.)

2252 E's como a prata lavrada,
Como o leite sem a espuma,
E's perfeita, ó minha amada,
Sem teres falta nenhuma.

(A.)

53 Eu sei que para ti sou
Um vaso de prata fina,
Pois no mundo te criou
Uma mãe que era a minha.

(A.)

54 Eu tenho um broche de prata,
Que me deu o meu amor,
E tenho outro com pedrinhas,
Que esse é dos superiores.

(A.)

55 Os olhos do meu amor
Treluzem, parecem prata;
Tenho no meu int'rior,
Uma pena que me mata.

(A.)

56 O' José, garfo de prata,
Com que eu como á minha mesa,
Ainda que eu ame a outro
Só a ti guardo firmeza.

(A)

57 O' minha salva de prata,
Serves á *menza* do rei:
Tenho andado á tua cata,
Inda agora te encontrei.

(A.)

58 Parabens te venho dar,
Minha salva *aprateada*,
E chorando peço a Deus
Que te faça bem casada.

(A.)

2259 Compadre, compra uma capa,
Que essa que tens está curta;
Quem tem um olho de prata
E' pobre por sua culpa.

(A.)

2460 Se soubera, Laureana,
Que tu eras alfaiata,
Mandava vir de Vianna
Agulha e dedal de prata.

(A.)

2461 Vistam-se os campos de lucto,
Toquem os clarins de prata,
Saiba-o quem o não souber:
Meu amor de mim se aparta.

(A.)

2462 Meu lencinho de queixumes,
Todo cercado de prata,
O tratante que m'o deu
E' que tinha muita graça.

(M.)

2463 Tanto chapeu de borlinha,
Tanta agulhêta de prata;
Tanta menina bonita,
Nenhuma por mim se mata.

(A.)

2464 Tanto chapeu, tanta fita,
Tanta agulhêta de prata,
Tanto tôlo que ha no mundo,
E a palha sem 'star barata.

(A.)

55 Antoninho, penna fina
Salpicadinha de prata;
Digam lá que o disserem,
Antoninho é que me mata.

(A.)

56 A' porta da minha sogra
Puz um letreiro de prata,
Com duas letras que dizem:
Seu filho não me faz falta.

(A.)

57 No monte d'Abegoaria
'Stá um relogio de prata,
E quando elle dá *mê*-dia,
Dá corda a uma ingrata.

(A.)

58 Vinde, povo d'arraial,
Vinde tambem das aldeias:
Puxa pelo teu relogio,
Quero ver tuas cadeias.

(D.)

59 O' rapaz da cinta azul,
Trazes o relogio á vista,
Vaes buscar o chaile-manta,
P'r'ácabar's de ser fadista.

(A.)

70 M'nina que 'stá á janella,
Com o seu relogio á cinta,
Diga-me que horas são,
Fale a verdade, não minta.

(A.)

2471 Menina da saia azul,
Com relogio á cintura,
Fuja da sombra dos homens,
Que é sombra de má ventura.

(A.)

2472 Não te namoro a riqueza,
Nem o relogio do bolso,
Namoro esses teus olhos,
Que são mesmo do meu gosto.

(A.)

2473 O' José, tu andas
Enganando o mundo
Com botões de prata,
Elles são de chumbo.

(A.)

2474 O' José, não andes
Enganando a Deus
Com botões de prata,
Elles não são teus.

(A.)

2475 A rua Direita é minha,
Hei de mandal-a varrer,
C'uma vassoura de prata,
Que d'ouro não póde ser.

(A.)

2476 O' minha salva de prata,
O' meu copo de Venêza,
O' minha cadeia d'ouro,
D'onde minha alma está presa.

(A.)

77 Vales mais, que um thesoiro,
Cara de prata lavrada,
Tens o cabello côr d'ouro,
E a cintura delicada.

(A.)

78 Dá me essa tua mão d'ouro,
Dou-te a minha, que é de prata,
O nó que dá o prior
Só por morte se desata.

(A.)

79 Tira-te d'essa janella,
Que essa janella me mata;
Quem chora lagrimas d'ouro
Merece lenços de prata.

(A.)

80 Meu coração é de prata,
Minha alma d'ouro massiço,
Minha palavra está dada,
A tua, veremos isso.

(A.)

81 O' meu amor, meu amor,
Vende o ouro e guarda a prata;
Vae-se um amor e vem outro,
Não ha coisa mais barata.

(A.)

82 Tendes garganta de neve,
Aonde a prata se apura,
Morre a prata, fica o ouro,
Serve a neve de pintura.

(A.)

2483 O' do barrete vermelho,
Trazes trajo de ladrão,
Não roubas ouro, nem prata,
Roubas o meu coração.

(D—

2484 O' minha prata lavrada,
O' meu ouro e ouro em pó;
Minha alma por ti se mata,
Meu coração te tem dó.

(A—

2485 Dentro d'um copo de vidro
Foi o meu amor gerado;
Entre a prata foi nascido,
Entre o ouro baptisado.

(A—

2486 Se eu tivesse penna d'ouro
'Screvia em papel de prata,
'Screvia a ingratidão
Com que o meu amor me trata.

(A—

2487 Se eu tivera penna d'ouro,
Comprava papel de prata;
C'o sangue das minhas veias
Escrevia te uma carta.

(A.)

2488 Se eu tivesse penna d'ouro
E o papel fosse de prata,
Subiria ao teu sentido,
E escrevia-te uma carta.

(A.)

2489 Tu jogaste e eu joguei,
N'uma mesa d'oiro e prata,
Tu perdeste e eu ganhei,
Paga, não sejas ingrata.

(A.)

2490 O' alecrim, rei das hervas,
O' oiro, rei dos metaes;
Parece que é Deus servido
Cada vez querer-te eu mais.

(A.)

2491 O' alecrim, rei das murtas,
O' oiro, rei dos *metraes;*
Quem dá falas a marotos
O que recebe são ais.

(D.)

2492 O' alto pinheiro redondo,
Com pinhas d'oiro no chão;
O oiro é desengano,
Desengana-te João.

(A.)

2493 Atirei co' a bola d'ouro
A' janella do morgado,
Assentei na morgadinha,
Ai, Jesus! que estou culpado.

(M.)

2494 Atirei com balas d'oiro,
Foram ter a Algalé;
Tomar amores não custa,
Deixal-os é que ella é.

(A.)

2495 Atirei, mas não matei,
Valia mais que matara,
Atirei com balas d'oiro
Aos olhos da tua cara.

(A.)

2496 Tenho dentro de meu peito
Um canivete doirado,
Para partir pão de *ló*
No dia do teu noivado.

(A.)

2497 Tenho um canivete d'oiro
Ao canto do meu bahu,
Para dar ao meu amor,
Queira Deus que sejas tu.

(A.)

2498 Tenho dentro de meu peito
Um tropecinho doirado,
P'ra se assentar o meu bem
Quando estiver enfadado.

(A.)

2499 Já prendi o teu saber
Com correntes d'oiro fino;
Inda te hei-de fazer ver
Quanto valho, meu menino.

(E.)

2500 As meninas de Buarcos
São finas como o arame,
Não ha oiro que as pague,
Nem rapaz que as engane.

(T

01 As moças do Ribeirinho,
Todas póstas em fileira,
Parecem pastinhas d'oiro
Tiradas da papeleira.

(A)

02 Tira-te d'essa janella,
Fio d'oiro mal tecido,
Que me dão *atentações*
De me ir abraçar comtigo.

(A)

03 Reparei nos olhos teus
Mais lindos que os fios d'oiro,
E vi que elles bem podiam
P'ra mim serem um thesoiro.

(A.)

04 Trazes cabello *ennelado*
Pelas costas ao comprido,
Parecem fiinhos d'oiro
Ao martello rebatido.

(D.)

05 O' lindo cabello louro,
Pelas costas entrançado,
Parecem madeixas d'oiro
Com fios de prata atado.

(D.)

06 Trazeis o cabello atado,
Oiro por cima da trança,
Quem do oiro faz rodilha
Do amor fará vingança.

(M.)

2507 Cá o meu cabello é oiro,
Eu do oiro faço trança,
Quem do oiro faz rodilha
Faz do seu amor vingança.
(A.)

2508 Os cabellinhos da testa
E' que te dão toda a graça,
São as migalhinhas de oiro
Em que o amor se embaraça.
(A.)

2509 N'esse jardim de teu peito
Eu vejo o oiro a luzir,
E nas maçans do teu rosto
Duas rosas a abrir.
(A.)

2510 Trocas-te-me a mim por outra,
Não sabes quanto eu gostei,
Teu amor era-me falso,
E o meu é oiro de lei.
(A.)

2511 Adeus, que me vou embora,
Eu quero ir, mas não posso,
Tenho o meu coração preso
Com um fio d'oiro vosso.
(A.)

2512 Quando era môça solteira,
Amava tanto, e tão bem,
Que a trôco d'oiro não déra
O meu amor a ninguem.
(A

2513 Quatro coisas ha no mundo
Que são melhor's que ter oiro,
Comer bem e ter saude,
'Star bem com Deus e ser noivo.

(A.)

2514 Vós chamaes-me amarellinha,
Amarella quero ser,
Amarella como o oiro,
Que mais não posso eu valer.

(D.)

2515 Eu queria ser ourives,
Do oiro que vem de fóra,
Queria doirar os dedos
Ao tocador da viola.

(D.)

2516 Eu queria ser ourives
Uma hora antes da ceia,
Faria meninos d'oiro,
A's escuras sem candeia.

(A.)

2517 O meu amor é ourives,
Mora na rua do Oiro,
Inda não falei com elle
Já me deu um annel d'oiro.

(A.)

2518 O meu amor é ourives
E o teu é mercador,
O meu dá-me prenda d'ouro
O teu roupinhas de côr.

(D.)

2519 As telhas do teu telhado,
São de oiro e *marafim*,
As riquezas d'essas telhas
Não me fazem falta a mim.

(A.)

2520 O oiro é o que mais brilha,
Tu sem ser's oiro brilhaes,
O oiro perde a valia,
Tu cada vez vales mais.

(A.)

2521 Annel d'oiro *chibaltar*
No peso tem a valia;
Nas falas que tu me davas
Oh! quem se não fiaria?

(D.)

2522 Fui um dia a passear
Piquei-me na flôr do tôjo;
Viva quem traz annel d'oiro
Na cadeia do *relôjo*.

(A.)

2523 Annel d'oiro, annel d'oiro,
Salta fóra do meu dedo,
Que tu foste o causador
De eu me captivar tão cedo.

(D.)

2524 Annel d'oiro não é prenda,
Nem o de prata lembrança,
Annel de contas miudas
Requer toda a confiança.

(T. M.)

2525 Antonio me deu um cravo,
Manoel um annel d'oiro,
Mais vale o cravo d'Antonio,
Que o annel d'aquelle tolo.

(A.)

2526 O' José, se te prenderem,
Da-te, sim, logo á prisão,
Inda tenho um annel d'oiro
Para a tua *livração.*

(A.)

2527 Trazes oiro no pescôço,
Brinquinhos a dar, a dar;
E' bonita, gosto d'ella,
Tem olhos de namorar.

(E.)

2528 Tenho uns brinquinhos d'oiro,
Fui compral-os ao mercado;
Gosto de ver meu amor,
Co' o cabellinho cortado.

(A.)

2529 Muito bem parece o oiro,
Ao peito de quem o tem,
Mais bem parece o relogio
Ao lado 'squerdo do meu bem.

(A.)

2530 Muito bem parece o oiro,
No peito d'uma donzella,
Menina, se quer ter honra,
Menina, faça por ella.

(A.)

2531 Eu não tenho cordão d'oiro,
Sou filha de gente pobre,
Bem o haja minha mãe,
Que me traz conforme póde.

(A.)

2532 Não me namoram vestidos,
Nem os brincos das orelhas,
Namoram-me esses teus olhos,
Por baixo das sobrancelhas.

(A.)

2533 O' minha mãe, não me bata
Com vara de marmeleiro,
Vae-me partir as argolas,
Que me custaram dinheiro.

(A.)

2534 Hei de vender os meus brincos,
Minha saia de baeta,
Que a minha sogra me diz
Que me ha de tirar a d'reita.

(A.)

2535 Muito bem diz um cordão,
Ao pé d'um lenço lavado;
Mais bem parece 'ma m'nina,
Nò dia do seu noivado.

(E.)

2536 A criada que é janota
Tambèm usa o seu cordão,
Quando faz a cama ao noivo
Dá beijinhos ao patrão.

(A.)

2537 As criadas de hoje em dia
Todas usam seu cordão,
Fazem festas á patrôa,
Dão beijinhos no patrão.

(A.)

2538 Eu já pedi ó meu pae
Meu cordão p'r'ó teu relogio;
Se me for's amor, leal,
Olha que me não anojo.

(A.)

2539 Vinde, povo d'arraial,
Ouvir a cantadeirinha,
Que traz cordões emprestados
Da grossura d'uma linha.

(D.)

2540 O oiro do meu pescoço
Hei de mandal-o vender,
P'ra livrar o meu amor,
Soldado não ha de ser.

(A.)

2541 Gargantilha, brincos d'oiro,
Tudo eu hei de vender,
Caiu o meu bem nas sortes,
Soldado não ha de ser.

(A.)

2542 Toma lá colchetes d'oiro,
Aperta o teu colletinho,
Coração que é de nós dois
Deve andar conchegadinho.

(D.)

2543 Toma, amor, colchete d'oiro,
Abotôa teu peitinho,
Peitinho tão delicado
Deve andar conchegadinho.

(A.)

2544 Sapato de sola branca,
Meia verde, liga d'oiro;
Andam dois p'ra me enganar,
Longe vá o seu agoiro.

(A.)

2545 Eu sou fina como o oiro,
Lésta como o pensamento;
Vou a muita treguezia,
Quem me amar perde o seu tempo.

(D.)

2546 O' castello d'oiro *mossiço*,
Deita bandeira se queres;
N'esta batalha d'amores
Quem vence são as mulheres.

(A.)

2547 O' castello d'oiro *mossiço*,
Deita bandeiras ao norte;
O amor do homem é fraco,
O das mulher's é mais forte.

(A.)

2548 O' barra de oiro batido,
Encosta-te á fortaleza;
Um amor desvanecido
Renova com mais firmeza.

(A.)

2549 O meu amor não é este,
O meu amor tem divisas,
Tem collete cor de rosa,
Botões d'oiro na camisa.

(A.)

2550 O meu amor não é este,
Este traz farda e divisa;
O meu traja á camponeza,
Botões d'oiro na camisa.

(A.)

2551 O meu amor não é este,
O meu amor traz *galliza,*
Fita verde no chapeo,
Botão d'oiro na camisa.

(D.)

2552 Bella bota de montar
Usa o meu bem *ó* domingo,
Botão d'oiro na camisa,
Para vir falar comigo.

(A.)

2553 Eu sou cortador de rama
Na herdade da Defeza,
Com uma machada de oiro,
Que a de prata é baixeza.

(A.)

2554 Os sapateiros, menina,
São fidalgos de nobreza,
Trabalham com faca d'oiro,
Que a de prata é baixeza.

(A.)

2555 O officio d'alveneo
E' officio de grandeza,
Trabalham com colher d'oiro,
Que a de prata é baixeza.

(A.)

2556 Uma gaivota, voando,
No bico leva um lenceiro,
Com letras d'oiro que dizem:
Meu amor é marinheiro.

(E.)

2557 O meu peito é um palmito,
Guarnecido d'oiro em pó;
Minh'alma por ti suspira,
Meu coração é teu só.

(A.)

2558 Nem o oiro nem a prata,
Nem o campo nem as flores,
Nem as pedras preciosas
Valem todos meus amores.

(A.)

2559 As grades do Limoeiro
São sete, que eu as contei,
Tres de ferro, tres de bronze,
Uma d'oiro, que é d'el-rei.

(A.)

2560 Eu tenho dezoito amores,
Comtigo são dezenove,
Todos me parecem oiro,
Só tu me pareces cobre.

(D.)

2561 Eu gosto muito de ti
Por teres cabello loiro,
Não é por teres riqueza
Em cobre ou em prata ou oiro.

(A.)

Em respeito a esta secção, veja tambem os *Cantos* n.os 88, 139, 255, 264, 312, 609, 610, 626, 632, 642, 680, 707, 712, 739, 778, 893 a 895, 905, 952, 1034, 1042, 1138 a 1140, 1503, 1601, 1673, 1708, 1937, 1977, 2087, 2088, 2122 a 2124, 2154, 2154, 2217, 2218 e 2231.

FIM DO VOLUME I